

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

SÉRGIO BECK DE OLIVEIRA

**ESTUDOS PRELIMINARES DA FONOLOGIA DA LÍNGUA KATITÄUHLU
FALADA PELOS *ANÛSU* DA TERRA INDÍGENA SARARÉ**

CÁCERES-MT

2023

SÉRGIO BECK DE OLIVEIRA

**ESTUDOS PRELIMINARES DA FONOLOGIA DA LÍNGUA KATITÁUHLU
FALADA PELOS *ANÛSU* DA TERRA INDÍGENA SARARÉ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

CÁCERES-MT

2023

OLIVEIRA, Sérgio Beck de.

O48e Estudos Preliminares da Fonologia da Língua
Katitãuhlu Falada Pelos Anãsu da Terra Indígena Sararé /
Sérgio Beck de Oliveira – Cáceres, 2023.
117 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto
Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de
Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade
do Estado de Mato Grosso, 2023.

Orientador: Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

1. Fonética. 2. Fonologia. 3. Língua Nambikwara. 4.
Língua Katitãuhlu.. I. Sérgio Beck de Oliveira. II. Estudos
Preliminares da Fonologia da Língua Katitãuhlu Falada
Pelos Anãsu da Terra Indígena Sararé: .

CDU 806.90-4

SÉRGIO BECK DE OLIVEIRA

**ESTUDOS PRELIMINARES DA FONOLOGIA DA LÍNGUA KATITÁUHLU
FALADA PELOS ANÛSU DA TERRA INDÍGENA SARARÉ**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.
Orientador – PPGL/UNEMAT



Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz.
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT



Profa. Dra. Anna Maria Ribeiro F. Moreira da Costa
Avaliadora Externa – IHGMT

APROVADA EM: 16/12/2022

DEDICATÓRIA

Com eles, por eles e para eles!

Aos anãa Katitãuhlu.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que segura o céu para que não caia!

Ao professor, meu orientador, Wellington Pedrosa Quintino, por me animar em todo trabalho nessa pesquisa.

À professora Mônica Cidele da Cruz, por contribuir para o trabalho em equipe.

À Professora Anna Maria Costa, pelo amor e carinho que tem pelos povos Nambikwara e as contribuições que os ajudam e me ajudaram a concluir esse trabalho.

Ao querido Pastor Gustav Bringsken, *in memoriam*, que me conduziu ao universo dos Katitãuhlu.

Ao Américo Katitãuhlu, *in memoriam*, homem sereno e rígido, que lutou e defendeu suas terras, sua língua, sua geração, e me inseriu no campo de sua tão complexa língua.

À minha esposa Rita, que sempre acreditou em mim e torceu por esta conquista quando ela ainda parecia informe.

À professora Sara Barros do Nascimento pela dedicação e empenho em favor dos Katitãuhlu.

Aos meus filhos Nicolás, Ruan e Rebeca pelo ânimo e por acreditarem na importância desse trabalho.

Aos meus pais, Osny de Oliveira Pinto e Alaíde Beck de Oliveira, que me abençoam dia após dia.

À Alessandra Passos e seu esposo Anderson Passos. Nos conhecemos por causa da escrita desta dissertação e o suporte que me deram foi preciosíssimo. – Anderson, "nós" estamos alcançando êxito.

Ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, por me oportunizar a entrada no mundo da pesquisa.

À secretária de Educação Ogleice, do município de Conquista D'Oeste e a prefeita Maria Lúcia que apoiam incondicionalmente a construção do conhecimento.

Que o canto dos pajés enclausure no tempo pretérito as formas de dominação, espoliação e violência impostas aos povos indígenas. Um enorme desafio é colocado a quem ousou abrir a caixa: projetar os índios ao tempo presente-futuro, ainda que por pensamento, ainda que por ouvir seus cantos para que encontrem seu lugar justo na Pindorama, Ilha de Vera Cruz, Terra Nova, Terra dos Papagaios, Terra de Santa Cruz, Terra de Santa Cruz do Brasil, Terra do Brasil e Brasil.

Anna Maria Ribeiro F. M. da Costa

RESUMO

Essa dissertação resulta do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso cuja linha de pesquisa é "Estudos de Processos Descritivos, de Análise e de Documentação de Línguas Indígenas", intitulado "ESTUDOS PRELIMINARES DA FONOLOGIA DA LÍNGUA KATITÄUHLU FALADA PELOS ANÛSU DA TERRA INDÍGENA SARARÉ. Neste trabalho realizamos estudos preliminares de aspectos fonéticos e fonológicos, especialmente vocálicos e consonantais, da língua falada pelos habitantes da referida Terra Indígena, no município de Conquista D'Oeste - MT, bem como favorecer o processo de construção da escrita dos Katitãuhlu e contribuir para a sistematização de uma gramática da língua. A metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa foi baseada em registros etnográficos que ocorreram durante um período de vinte anos (1998 a 2018) na Terra Indígena Sararé, região do Vale do Guaporé, no município de Conquista D'Oeste-MT. Durante esse tempo, priorizando o uso da língua ancestral, foram produzidas gravações de falas e músicas, materiais pedagógicos e escritas de pequenos textos e de músicas. Por meio desses materiais foram elaboradas as transcrições fonéticas e possibilitadas as análises fonológicas da língua materna falada pelos Katitãuhlu. Os dados foram transcritos através do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) e realizadas análises fonológicas nos princípios da proposta fonêmica de Kenneth Pike, o que contribui para a compreensão de aspectos singulares da língua ancestral dos Katitãuhlu, por exemplo, quais sons são importantes nesta língua, ou seja, quais sons são distintivos de significado e, portanto, são necessários na convenção da escrita da mesma. Apresentamos descrições e registros preliminares na análise dos nossos dados onde observamos que a língua Nambikwara Katitãuhlu se mostra em processo de transformação no aspecto singular de tonalidade e nasalidade. Possivelmente resulta de influências que podem estar ocorrendo devido ao contato intenso com a língua portuguesa, com a língua outras etnias como do povo Pareci, e ainda, com as singularidades da fala de povos remanescentes Nambikwara que passaram a habitar intensamente o mesmo território desde a década de 70 por ocasião das invasões de investidores agropecuaristas. Destacamos também, apresentando aqui um caso de rinoglotofilia conforme Quintino (2012), a nasalização da vogal central alta [ĩ] na palavra /sĩh.su/, casa em português, que durante a primeira década do nosso contato, 1998-2008, se realizava com a vogal central alta [i] não nasal na palavra /sih.su/. Contudo este estudo evidencia que a língua Katitãuhlu continua com seus aspectos singulares de nasalidade, glotalidade, laringalidade e tonalidade bem acentuados. Salientamos que, apesar de percebermos certa flexibilidade no uso dos tons, a tonalidade é um elemento distintivo de significado na língua *anũa* Katitãuhlu. Identificamos quatro tons que podem ocorrer em todas as vogais: tom alto (indicado com o algarismo 4 sobrescrito), tom baixo ou grave (indicado com o algarismo 3 sobrescrito), tom crescente (indicado com o algarismo 2 sobrescrito) e tom decrescente (indicado com o algarismo 1 sobrescrito). O tom alto não foi encontrado na vogal posterior média alta [o]. Em análise preliminar é possível supor a existência de 34 consoantes fonéticas e 53 vogais fonéticas.

Palavras-chave: Fonética; Fonologia; Família Nambikwara; Língua Katitãuhlu.

ABSTRACT

This master thesis is the result of the *Stricto Sensu* Graduate Program in Linguistics of the State University of Mato Grosso whose line of research is "Studies of Descriptive Processes, Analysis and Documentation of Indigenous Languages", entitled "PRELIMINARY STUDIES OF THE PHONOLOGY OF THE KATITĀUHLU LANGUAGE SPOKEN BY THE ANÛSU OF THE SARARÉ INDIGENOUS LAND. Thereby, we carried out preliminary studies of phonetic and phonological aspects, especially vowel and consonant, of the language spoken by the inhabitants of the aforementioned Indigenous Land, in the municipality of Conquista D'Oeste - MT, as well as seeking to favor the process of construction of the writing of the Katitāuhlu and contribute to the systematization of a grammar of the language. methodology used in the development of the research was based on ethnographic records that occurred during a period of twenty years (1998 to 2018) in the Sararé Indigenous Land, region of the Guaporé Valley, in the municipality of Conquista D'Oeste-MT. During this time, prioritizing the use of the ancestral language, recordings of speeches and songs, pedagogical materials and writings of small texts and songs were produced. these materials, phonetic transcriptions were elaborated and phonological analyses of the mother tongue spoken by the Katitāuhlu were made possible. The data were transcribed through the International Phonetic Alphabet (IPA) and phonological analyses were performed on the principles of Kenneth Pike's phonemic proposal, which contributes to the understanding of unique aspects of the ancestral language of the Katitāuhlu, for example, with regard to which sounds are important in this language, that is, which sounds are distinctive of meaning and, therefore, they are necessary in the convention of the writing of the same. Thus, we present descriptions and preliminary records in the scope of the analysis of our data, where we observe that the Nambikwara Katitāuhlu language is in the process of transformation in the singular aspect of tonality and nasality. Possibly, this fact results from influences that may be occurring due to the intense contact with the Portuguese language, with the language of other ethnic groups with the Pareci people and, still, with the singularities of the speech of the remaining Nambikwara peoples, who began to inhabit the same territory intensely since the 70s, at the time of the invasions of agricultural investors. We also highlight, presenting here a case of rhinoglottophilia, according to Quintino (2012), that the nasalization of the high central vowel [ĩ] in the word /sĩh.su/, house in Portuguese, during the first decade of our contact, 1998-2008, was carried out with the high central vowel [i] not nasal in the word /sih.su/. However, this study shows that the Katitāuhlu language continues with its unique aspects of nasality, glottality, laryngality and tonality well accentuated. We emphasize that, although we perceive a certain flexibility in the use of tones, tonality is a distinctive element of meaning in the Anã Katitāuhlu language. We then identified four tones that can occur in all vowels: high tone (indicated with the superscript numeral 4), low or low tone (indicated with the superscript digit 3), ascending tone (indicated with the superscript numeral 2) and descending tone (indicated with the superscript digit 1). The high pitch was not found in the high middle back vowel [o]. In a preliminary analysis, it is possible to assume the existence of 34 phonetic consonants and 53 phonetic vowels.

Keywords: Phonetics; Phonology; Nambikwara family; Katitāuhlu language.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALEM - Associação Linguística Evangélica Missionária

CAA - Contraste em Ambiente Análogo

CAI - Contraste em Ambiente Idêntico

DC - Distribuição Complementar

FUNAI - Fundação Nacional dos Povos Indígenas

IPA - Alfabeto Fonético Internacional

MCB - Missão Cristã Brasileira

MT - Mato Grosso

ONG - Organização Não Governamental

PIV - Posto Indígena de Vigilância

PPGL - Programa de Pós-Graduação em Linguística

RO - Rondônia

SEMEC - Secretaria Municipal de Educação

SFS - Sons Foneticamente Semelhantes

TI - Terra Indígena

UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização dos territórios Nambikwara.....	19
Figura 1.2 - Terras Indígenas Nambikwara.....	31
Figura 1.3 - Costumes alimentícios dos an̄su Katit̄uhlu	34
Figura 1.4 - Anciãos ensinando as crianças o costume do toque da flauta próprio dos homens.....	35
Figura 1.5 - Momento da festa dos Katit̄uhlu.....	36
Figura 1.6 - Localização exata das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu	37
Figura 1.7 - Representação da relação físico-espiritual dos povos do Vale do Guaporé.....	40
Figura 1.8 – Distribuição povos remanescentes no território das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu.....	41
Figura 1.9 - Terra Indígena Sararé, Via Satélite	44
Figura 1.9.1 – População do povo Katit̄uhlu início século até 2022	46
Figura 1.9.2 - Povos remanescentes dos povos da Terra Indígena Sararé.....	48
Figura 1.9.3 - Modelos de casas Nambikwara Katit̄uhlu.....	51
Figura 1.9.4 – Festa da menina moça	52
Figura 1.9.5 - Américo durante as aulas nas produções das músicas na Língua Katit̄uhlu	53
Figura 1.9.6 - Material produzido nas aulas das músicas em Língua materna, pelos estudantes.....	54
Figura 1.9.7 - Reginaldo, professor indígena, formado no Projeto Haiyô	57
Figura 1.9.8 - Consultor Athos Katit̄uhlu	57
Figura 1.9.9 – Consultores na Aldeia Sararé central (2022)	58
Figura 2– Consultor Aritana Katit̄uhlu	58
Figura 2.1 - Imagem fotográfica – Professor Sérgio Beck ministrando oficina da língua Nambikwara aldeia Alantesu	60
Figura 2.2 Livros de leitura e alfabetização na língua Nambikwara	63
Figura 2.2.1 Manual de alfabetização para monitor indígena 1	68
Figura 2.2.2 – Figura das vogais e consoantes em Língua Nambikwara	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Terras e povos Indígenas Nambikwara	20
Quadro 1.1 Família linguística Nambikwara	30
Quadro 1.1.1 – Diversidade linguística Nambikwara.....	32
Quadro 1.1.2 - Número de habitantes das Terras indígenas Sararé e Paukalirajausu.....	37
Quadro 1.1.3 – Quadro fonológico das consoantes Nambikwara, da língua Kithãuhlu, proposto por Lowe, em 1986.....	62
1.1.4 - Quadro consoantes de Boglár	71
Quadro 1.1.5 - Classificadores nominais da língua Mamaindê por Eberhard.....	75
Quadro 1.1.6 – Quadro fonológico das línguas Nambikwara por David Price	78
Quadro 1.1.7 - Aspectos fonéticos das vogais da língua falada no Sararé	88
Quadro 1.1.8 - Consoantes fonéticas da língua Katitãuhlu	104
Quadro 1.1.9 - Vogais fonéticas da língua falada no Sararé	108
Quadro 2 - Consoantes fonológicas da língua Katitãuhlu	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
------------------	----

CAPÍTULO I

1 OS ANÛSU DO SARARÉ E A FAMÍLIA LINGUÍSTICA NAMBIKWARA.....	18
1.1 Os povos Nambikwara	18
1.1.1 Publicações em língua Nambikwara	21
1.2 A família linguística Nambikwara	27
1.3 Os <i>anÛsu</i> Katitãuhlu	30
1.4 Família-povo Nambikwara Katitãuhlu	39
1.5 O encontro com os Nambikwara do Sararé	41
1.6 A localização dos <i>anÛsu</i> do Sararé	46
1.7 Caminhos Metodológicos	50

CAPÍTULO II

2 ESTUDOS SOBRE A FAMÍLIA LINGUÍSTICA NAMBIKWARA	62
2.1 Ivan Lowe	62
2.2 Estudos de Menno Kroeker	63
2.2.1 Livros de leitura e alfabetização na língua Nambikwara	64
2.3 Estudos de Bárbara Kroeker	70
2.4 Estudos de Bóglar	71
2.5 Estudos sobre os Katitãuhlu	72

CAPÍTULO III

3 A BUSCA PELA COMPREENSÃO FONOLÓGICA DA LÍNGUA FALADA NO SARARÉ.....	81
3.1 As vogais fonéticas dos <i>anÛsu</i> Katitãuhlu	83
3.2 As consoantes fonéticas	89

SUMÁRIO

4 FONOLOGIA DA LÍNGUA DOS ANÛSU DO SARARÉ	106
4.1 Contraste de vogais em ambiente idêntico.....	106
4.1.1 Contraste de vogais em ambiente análogo.....	107
4.1.2 Quadro das vogais fonológicas.....	109
4.2 Contraste de consoantes em ambiente idêntico.....	109
4.2.1 Contraste de consoantes em ambiente análogo.....	110
4.2.2 Distribuição complementar das consoantes.....	111
4.2.3 Quadro das consoantes fonológicas.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS.....	116

INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata de uma análise linguística, numa abordagem estruturalista embasada na fonêmica de Pike (1967), para registrar aspectos fonéticos e fonológicos de uma das línguas da família linguística Nambikwara, falada pelos Katitãuhlu, muito conhecidos como Nambikwara do Sararé. Estes referem-se a si mesmos como *anĩsu* ou *anĩa*, termo que designa gente ou pessoa na língua ancestral. Referem-se às pessoas não indígenas com o termo nominativo *kajadisu* ou *kajada*. São habitantes das Terras Indígenas Sararé e Paukaliraja usu, sendo que este último Território não está demarcado. Elas estão situadas no Município de Conquista D'Oeste, no Estado de Mato Grosso. Estudos do pesquisador Almeida Neto indicam que os *anĩsu* do Sararé são remanescentes dos povos Waihatesu, Kwalitsu, Yanaliritesu e Nõtajensu (ALMEIDA-NETO, 2004).

A Terra Indígena Paukalirajausu é alvo de disputa entre os *anĩsu* e os *kajadisu* da região. Relatos dos indígenas demonstram que está truncada a relação com os invasores da *Waukalila*, forma abreviada na língua materna para mencionarem a Paukalira, ou seja, a TI. Paukaliraja usu, cujo processo de demarcação está travado, pelo governo Bolsonaro, nos “Estudos de identificação e delimitação” (a cargo da Funai), que é a primeira das oito etapas necessárias para a conclusão. A comunidade *anĩa do Sararé* luta há anos pela demarcação deste Território em favor dos *Waihatesu*, o povo da cachoeira, que tradicionalmente ocupava o referido lugar, sendo eles um dos remanescentes dos Katitãuhlu.

A intenção da pesquisa também se deu em procurar dar visibilidade para futuras pesquisas ao processo de construção da escrita no ensino tradicional e no escolarizado e sensibilizar a sociedade não indígena quanto aos saberes do povo, visando o reconhecimento da língua falada e escrita nos diversos espaços de usos sociais.

A inquietação para pesquisar a língua do povo Katitãuhlu, percorrendo o caminho acadêmico, se deu em virtude do trabalho na Escola Indígena Municipal Nõtajensu situada na Terra Indígena Sararé durante o período de 1998 a 2009 e, nos dias atuais, através de oficinas de estudos da língua dos Katitãuhlu, registrados pela Funai como Katitaurlu, organizadas em parceria com a liderança dos Katitãuhlu e a Secretaria Municipal de Educação no território deste povo.

No ano de 2000, durante a estadia com o povo, eu e minha esposa participamos de estudos antropológicos e linguísticos, na Associação Linguística Evangélica Missionária (ALÉM), em Brasília. Desde esse tempo fui provocado a pesquisar a língua e a cultura Nambikwara, especificamente a dos chamados pela Funai de Katitaurlu. A partir disso percebi o quanto seria necessário a pesquisa para o povo e com o povo, já que havia estabelecido, com consentimento de toda a comunidade Katitãuhlu, moradia na Aldeia Sararé Central. Desde então passamos a organizar materiais escritos mediante análises fonológicas da língua Katitãuhlu proporcionadas pelos linguistas Menno e Bárbara Kroeker. Tais materiais foram elaborados com/pelos indígenas durante este tempo de vivência com eles.

Os registros se deram também quando fizemos formações com professores indígenas e não indígenas, e que num primeiro momento foram feitos a partir de estudos com pesquisadores linguistas, Menno e Bárbara Kroeker, nos anos de 2008 e 2009. Após esse período, realizamos outros estudos e oficinas que aconteceram na aldeia Branca-Comodoro-MT para debates sobre Educação Indígena e, posteriormente, em aldeia do Vale do Guaporé. Participamos de duas etapas de dez (10) dias de oficinas na aldeia Alantesu Central-Comodoro-MT realizadas numa parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Conquista D'Oeste, Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Comodoro, SEDUC, bem como pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Conforme relatos dos *anÿsu* a ocupação tradicional do povo Katitãuhlu se estendia desde os arredores da cidade de Pontes e Lacerda - MT até o município de Vilhena – RO. Contam que neste território realizavam jornadas e acampamentos em busca de suprimentos para a sobrevivência e mantinham lugares definidos como aldeias onde tinham moradias fixas e estavam os seus cemitérios.

Os *anÿsu*, chamados de Nambikwara do Sararé e, também, de *Katitãuhlu* foram registrados em documentos pela Funai como *Katitaurlu*. Esse nome, cotidianamente explicam os *anÿsu*, *por meio de fontes orais, durante minhas vivências entre o povo*, refere-se a um líder nativo que se destacou no passado e que era identificado na comunidade como *Katitãulahlosu*. De acordo com os relatos dos *anÿsu* do Sararé esta palavra nominativa é composta de forma tripartite: *Kati-* que indica a fruta katikisu (mangaba), *-tãula-* que indica a fruta tãuhlu (marmelo), e *-ahlosu* que indica *yahlosu* cujo sentido é pessoa mais velha. Em conversas com os *anÿsu*, ainda que identifiquem suas origens ancestrais em cada povo/família, discursam sobre o *Katitãulahlosu* parecendo legitimar tal nomenclatura identitária.

A escrita do nome *Katitaurlu* parece ter sido um esforço de escrever conforme se ouvia, e buscando uma semelhança com sons falados na língua portuguesa e a respectiva escrita. Então, possivelmente, se aproximou com os sons falados pelos cariocas como em orla cujo “r” representa uma aspiração. Uma vez que na língua Katitãuhlu a letra “r” não tem utilidade prática um *anĩsu*, influenciado por sua língua ancestral, teria escrito “ohla” para representar orla.

A escrita da palavra *Katitaurlu* com “r” na última sílaba provoca na leitura dos não indígenas, os “*kajada*” atuantes nas aldeias e os que mantêm algum relacionamento com os mesmos fora das aldeias, uma pronúncia do som reconhecido e reproduzido de modo mais aproximado do “r” piracicabano. E isso tem sido transferido para a fala dos *anĩsu* das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu. *Kajada* é o termo que os Katitãuhlu usam para designar os não indígenas e pode significar comedores de feijão, que segundo explica Costa (2008, p.45)

Em Nambiquara, kwajantisu, comedores de feijão, consiste no termo designativo às pessoas de origem não-indígena comumente empregado pelos grupos Nambiquara da Chapada dos Parecis. Contam os índios que esse nome surgiu após seus ancestrais observarem os integrantes da “Comissão Rondon” quando adentraram em seus territórios, a fim de implantar as Linhas Telegráficas, em 1907. Segundo relatos, não raro envolvidos por risos e zombarias, ficaram impressionados com a frequência e a grande quantidade de feijão que a “peãozada de Rondon”, trabalhadores da “Comissão Rondon”, costumava ingerir durante as refeições.

Em diálogo com os *anĩsu* Katitãuhlu ouvimos que *kajada* ou *kajadis* remete ao milho, que na língua ancestral é *kayadis*. Dessa forma demonstraram que entre eles esta palavra não evoca um sentido claro para definir o não índio. Pelo menos até aqui não encontramos entre estes uma explicação elucidativa referente ao termo atribuído ao não indígena, o *kajada*.

Enfim, a pronúncia do nome *Katitaurlu* é um fato que pode ser observado por profissionais que atuam nas aldeias, inclusive os que não estão diretamente ligados ao debate linguístico. É comum, ao transitar pelas aldeias, ouvir um jovem *anĩ* pronunciar seu nome identitário de forma destoante da fala tradicional, ou seja, imitando a pronúncia do “r” feita por não indígenas. Diante de tais observações percebemos a necessidade de estudos linguísticos que registrem e analisem os sons da fala do povo Katitãuhlu.

Assim sendo apresentamos no capítulo 1 uma caracterização geral da organização dos Nambikwara, no sentido de situar no território físico, cultural, social e linguístico. No mesmo capítulo apresentamos a composição linguística dos habitantes das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu, no Vale do Guaporé. Desse modo propomos registrar as observações ocorridas durante a imersão junto ao povo durante o período de 1998 a 2009, conjugadas com novos

levantamentos feitos durante os últimos anos até o tempo que durou a escrita desta pesquisa, no ano de 2023. Ainda neste espaço, apresentamos os caminhos que esta pesquisa percorreu no intuito fornecer dados levantados no que se refere aos aspectos da língua dos anãsu Katitãuhlu.

No capítulo 2 propusemos situar os estudos linguísticos referentes aos povos Nambikwara e aos povos que habitam as Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu, no intuito de fundamentar os registros da língua dos Katitãuhlu.

No capítulo 3 nos propomos a considerar a fonética Katitãuhlu, para tanto apresentamos a descrição das palavras em escrita IPA (International Phonetic Alphabet) com todas as possibilidades encontradas em nossos dados.

No capítulo 4 apresentamos os aspectos fonológicos da língua dos Katitãuhlu abordados através do contraste de vogais em ambientes idênticos, nos pares análogos e na distribuição complementar. O mesmo se dá para as consoantes.

Nas considerações finais apresentamos os resultados que a pesquisa proporcionou, levando em conta que a pesquisa não termina por aqui. Este tempo de estudos deixou muito evidente que este campo linguístico é vasto e exige novas pesquisas. Entendemos que os estudos da língua dos Katitãuhlu remeteram a possível presença de outras línguas inseridas no território dos Katitãuhlu. Tal presença pode estar se manifestando quando presenciemos conflitos envolvendo o uso de termos nominativos no cotidiano ou em ambiente escolar. Este já é objeto de novas e tão necessárias pesquisas.

Nesse sentido, considerando os registros que fizemos durante o período que moramos com os Katitãuhlu e os registros novos coletados, inferimos a possibilidade de existência, por exemplo, de um processo de destonalização da língua dos Katitãuhlu. Essa possibilidade pode ter sido provocada pelos intensos contatos com a língua portuguesa, o que não ocorria tão intensamente no século XX. E ainda pensamos na possibilidade de haver influências de prováveis remanescentes dos Katitãuhlu abordados anteriormente. Tal fato evidencia que no contexto dos Katitãuhlu arranjos foram feitos no intuito de acomodar vários "grupos" Nambikwara numa única Terra, conforme abordaremos no capítulo 1.

CAPÍTULO I

OS *ANÛSU* DO SARARÉ E A FAMÍLIA LINGUÍSTICA NAMBIKWARA

Este capítulo pretende apresentar as especificidades dos *anÛsu* Katitãuhlu que habitam o Vale do Guaporé, no que se refere à família linguística Nambikwara e apresentar um histórico do povo, o lugar onde vivem, como vivem e suas características sociais e culturais. Tem a intenção ainda de apresentar aspectos da família linguística Nambikwara, à qual pertence a língua dos *anÛsu* do Sararé.

No contexto das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu, entre os Katitãuhlu, em nossas pesquisas pareceu se apresentar como parte majoritária os que se autodenominam como NÛtanyensu e em cujo povo ocorreu a presença do Katitãulahlosu, conforme dados coletados durante o tempo vivido com o povo.

Deve ser que por isso se mostram favoráveis ao uso do termo nominativo Katitãuhlu, e assim sendo, doravante vamos nos referir a eles como *anÛsu* Katitãuhlu. Entendemos ser pertinente relatar neste capítulo nosso encontro com o povo Katitãuhlu, bem como, apresentar nossas experiências, principalmente nos aspectos linguísticos, ocorrido num primeiro momento de forma intensa morando com eles de 1998 a 2009, seguido por um período em que pudemos trabalhar por meio de oficinas na língua Katitãuhlu intermediadas pela SEMEC, FUNAI, SIL e colaboradores autônomos, que durou de 2010 até o ano de 2019.

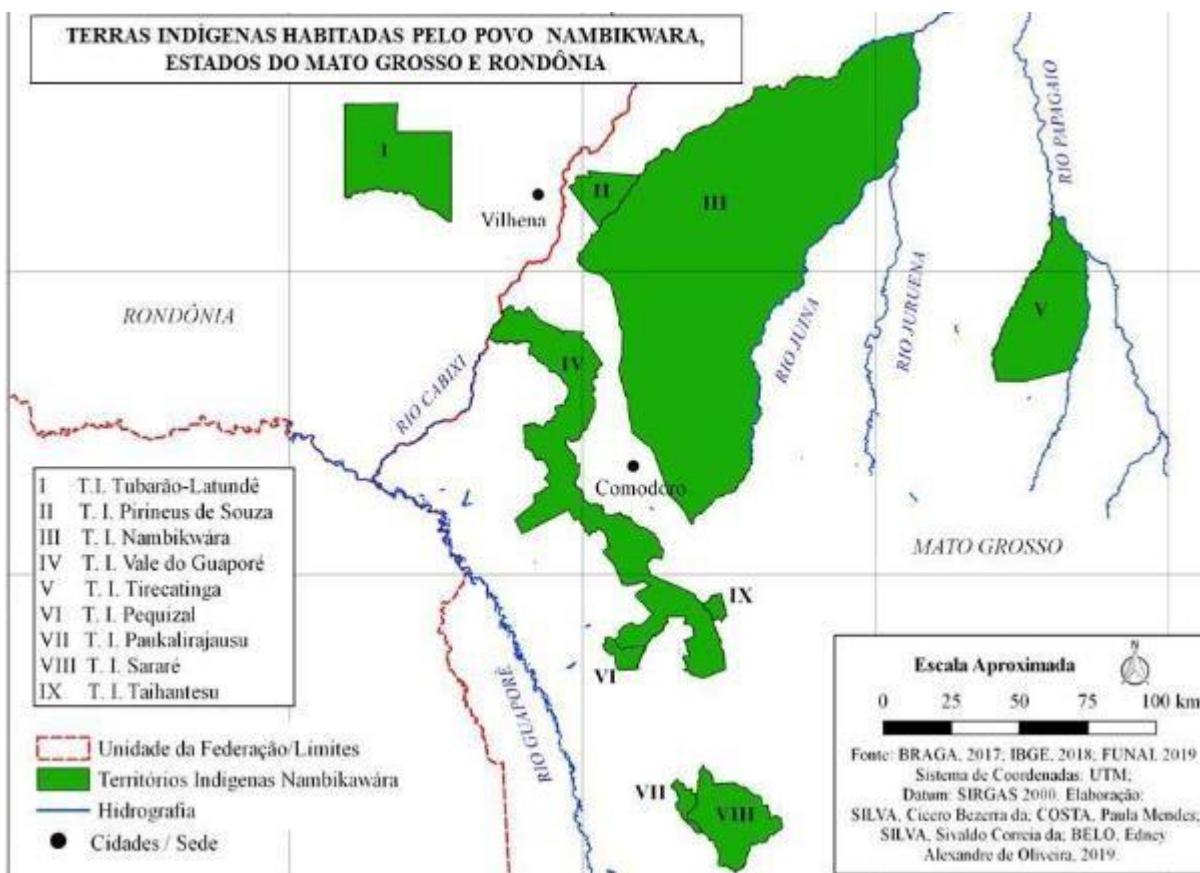
1.1. Os povos Nambikwara

Os povos Nambikwara, tem suas marcas peculiares que os distinguem de outros povos, como terem uma cultura material necessária para sobrevivência bem como sua língua.

Os Nambikwara estão localizados em dois estados brasileiros, Mato Grosso e Rondônia, são conhecidos nacionalmente e internacionalmente nas literaturas da História do Brasil, documentos oficiais, laudos periciais, jornais, livros, revistas, cartas, artigos, pesquisas acadêmicas (TCC, dissertações e teses) e literatura infanto-juvenil produzida por escritor Nambikwara.

Na figura abaixo apresentamos como é organizada esta localização por Costa (2020) quando pesquisou entre os Nambikwara do Campo

Figura 1- Localização dos territórios Nambikwara.



Fonte: SILVA, C.; COSTA; SILVA, S.; BELO.

Desse modo, atualmente, o povo Nambikwara habita uma região dividida em 9 Terras Indígenas (T.I.) localizadas no oeste do estado de Mato Grosso e no sul de Rondônia, entre as cabeceiras dos rios Juruena e Guaporé. As Terras Indígenas habitadas pelo povo Nambikwara são as que se apresentam no quadro abaixo.

Quadro 1 - Terras e povos Indígenas Nambikwara

Nº	Terra Indígena	Extensão	Habitados pelos povos
01	T.I. Nambikwara	10.119 km ²	Nambikwara do Sul: Kithãulhu, Halotesu, Wakalitesu e Sawentesu
02	T.I. Sararé	674 km ²	Katitãuhhu
03	T.I. Paukalirajausu	8 km ²	Katitãuhhu
04	T.I. Vale do Guaporé	2.425 km ²	Mamaindê, Negarotê e Vale do Nambikwara do Sul
05	T.I. Lagoa dos Brincos	16 km ²	Território adicional Mamaindê/Negarotê (área para coleta de conchas)
06	T.I. Aikanã/Tubarão-Latundê	1.160 km ²	Latundê e povo Aikanã (não Nambikwara)
07	T.I. Pirineus de Souza	282 km ²	Sabanê/Tawandê
08	T.I. Tirecatnga	1.305 km ²	Nambikwara do Sul (Halotesu)
09	T.I. Pequizal	988 km ²	Alantesu e Wakalitesu (Vale do Nambikwara do Sul)
10	T.I. Taihãtesu	536 km ²	Wasusu (Vale do Nambikwara do Sul)

(Adaptado de Eberhard (2009) e Sousa Netto (2018) e readaptado por Sérgio Beck de Oliveira (2022).

Em nosso quadro acima consideramos a Terra Indígena Paukalirajausu, no entanto, Souza e Oliveira (2019) explica que a situação da terra está em processo de regularização.

No tempo presente, o território tradicionalmente ocupado por aproximadamente trinta povos Nambikwara encontram-se separado em nove terras indígenas descontínuas, quais sejam: Vale do Guaporé, Pirineus de Souza, Nambikwara, Lagoa dos Brincos, Taihãtesu, Pequizal, Sararé, Tirecatnga e Tubarão-Latundê. Esta última área está situada no estado de Rondônia e é habitada por um povo Nambikwara denominado Latundê e por outros coletivos indígenas denominados de Aikanã. Há ainda outras áreas em processo de regularização, como a Terra Indígena Paukalirajausu, contínua à Sararé.

Na concepção de Santos (2000) o termo Nambikwara está equivocado uma vez que foi apontado pelos Tupi como Nambikwara - os de orelha furada. Portanto foi inventado pelas frentes de colonização. Destaca, também, que ficaram identificados como “Cabixi” e também de forma equivocada, pois segundo a historiadora e pesquisadora dos povos Nambikwara

Indistintamente, para todos os grupos Paresi o termo Cabixi apresenta-se imbuído de grande preconceito. Traz o sentido de povo, em oposição àquele de descendência ilustre e, conforme o depoimento de Daniel M. Cabixi, que é um índio Paresi do grupo Cozárini, a ralé. Esclareceu que a origem de seu nome vem da época em que foi batizado pelo Padre João Dornständer e que nenhum membro de sua família, nem mesmo outros índios Paresi, possuem esta designação como sobrenome (2002, p.61).

Alguns encontros/acontecimentos históricos valem serem evidenciados. Primeiramente, foram contatados por Marechal Rondon e sujeitos das pesquisas em campo desenvolvidas pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, como também, reportados nos jornais nacionais e

internacionais sobre atrocidades cometidas às comunidades Nambikwara devido às investidas agropecuária, garimpeira, madeireira que vivenciam na atual conjuntura política brasileira.

Os aspectos históricos e culturais da língua dos Nambikwara são peculiares, pois, não se estabeleceu nenhuma relação comprovada com as demais línguas indígenas da América do Sul. Estudiosos têm mencionado a etnia em três grandes grupos localizados na Chapada dos Parecis, Vale do Guaporé e na região do Norte.

No momento atual as línguas Nambikwara estão em uso intenso por anciãos, mulheres, jovens e crianças nas comunidades. Os Sabanê são exceção, já que na história de dizimação tiveram perdas linguísticas, culturais e de povo irreparáveis e hoje são somente 20 índios falantes. Há, no entanto, a presença do multilíngüístico entre os grupos dos Nambikwara da região Norte devido ao forte contato com os demais Nambikwara, chegando a falar três línguas, além da Língua Portuguesa. (FIORINI, 1997).

Enquanto o Português brasileiro é falado em sua grande maioria pelos grupos localizados em duas regiões, do Sul e do Norte, os Nambikwara do Vale do Guaporé tem uma representatividade maior entre a juventude e pelos homens que transitam frequentemente pela cidade, sociedade envolvente e as reuniões governamentais que de forma determinante e majoritária são gestadas na primeira língua oficial brasileira, Língua Portuguesa.

Relevante apontar um aspecto da língua Nambikwara citado por Kroeker (2003, p.04) que apresenta a mesma como sendo "aglutinante", com a maior parte da informação carregada por sufixos à raiz verbal e, em grau menor, por sufixos à raiz nominativa. E aqui propomos que seja pensada a Família Nambikwara, portanto, tratamos como aspecto de uma das línguas Nambikwara.

1.1.1 Publicações em língua Nambikwara

No que se refere aos materiais publicados em língua Nambikwara, podemos encontrar registros de pesquisas sistemáticas nos povos pertencentes às três áreas geográficas, Serra do Norte, Vale do Guaporé e Chapada dos Parecis (COSTA, 2009). A pesquisadora Anna Costa, dedicou-se mais afincado ao trabalho da escrita de tabelas sobre os artefatos e vocabulários dos Nambikwara da Chapada dos Parecis. Uma etnografia dos Nambikwara, de Desidério Aytai organizado por Costa (2011) versa sobre a música e vocabulário do povo Nambikwara do Vale denominado de Katitãulhu, na Terra Indígena Sararé e Paukalirajausu.

O casal pesquisador da língua Nambikwara do Cerrado, Menno Kroeker e Bárbara Kroeker, escreveu uma rica gramática descritiva, um dicionário e uma gramática simplificada contendo aspectos básicos e exercícios para uma compreensão fundamental da língua Nambikwara do Cerrado ou Campo. Além destes materiais, juntamente com os *anĩsu* do Cerrado ou Campo, produziram vários livretos com narrativas e língua ancestral daquela região.

Aspectos da língua Nambikwara¹

A gramática da língua Nambikwara, como se observa o quadro abaixo, foi produzida pelos pesquisadores da Sociedade Internacional de Linguística, Bárbara Kroeker (2003) e apresenta aspectos relevantes para compreensão da estrutura fonológica da língua, conforme se vê no quadro elaborado pela autora.

FONOLOGIA

Os fonemas e seus símbolos

Consoantes		Vogais	
Som	Símbolo	Som	Símbolo
p	p	a	a
b	b	e	e
t	t	i	i
d	d	o	o
s	s	u	u
h	h	ai	ai
m	m	au	au
n	n		
l	l		
r	r		
k	k		
ʔ	x		
w	w		
y	y		
ẽ	j		
d	d		
N	nh		
Ñ	nyh		
L	lh		
R	rh		
j	sy		

A nasalização é indicada por ~
A laringalização é indicada por _
As duas séries também ocorrem laringalizadas.
Há três tons, indicados por números de índice superior:
¹ decrescente
² ascendente
³ grave (nível, baixo)

Fonte: B. Kroeker, 2003

Segundo a gramática elaborada por Kroeker (2003, p. 04) no que se refere aos aspectos fonológicos da língua Nambikwara apresentam-se da seguinte forma:

¹ Publicado por SIL. Acessível em:

<https://www.sil.org/system/files/reapdata/12/28/57/122857386234535089173901840685321571243/NBGram2.pdf>

A ortografia prática está sendo usada nos exemplos desta gramática menos da seção sobre fonologia. Há algumas diferenças da língua portuguesa. A parada glotal se escreve com x; o ç se escreve sempre com s; todas as demais palavras com c, e q se escreve com k; rr se escreve com h; nh, lh, são consoantes mudas. Sendo uma língua tonal se marcam três tons com os números superscrito ¹, ² e ³. As vogais sublinhadas são laringalizadas. Duas vogais juntas na mesma sílaba são consideradas ditongos (KROEKER, 2003, p. 4-5).

ASPECTOS DA LÍNGUA NAMBIKUARA

BARBARA KROEKER

Acessível

<https://www.sil.org/system/files/reapdata/12/28/57/122857386234535089173901840685321571243/NBGram2.pdf>. Acesso em 06 de mar. 2022.

em:

Dicionário Escolar Bilíngue²

TXA²WĀ¹WĀN³TXA² KWA³JAN³TXA²
 WĀN³TXA²
 HAU³HAU³KON³NHA³JAU³SU²

DICIONÁRIO ESCOLAR BILÍNGUE

NAMBIKUARA - PORTUGUÊS
 PORTUGUÊS - NAMBIKUARA



© 1998 by SIL International

Gramática Descritiva³ (2003)

² fonte: <https://www.twirpx.com/file/2108606/> (capa)

³ Acesso em:

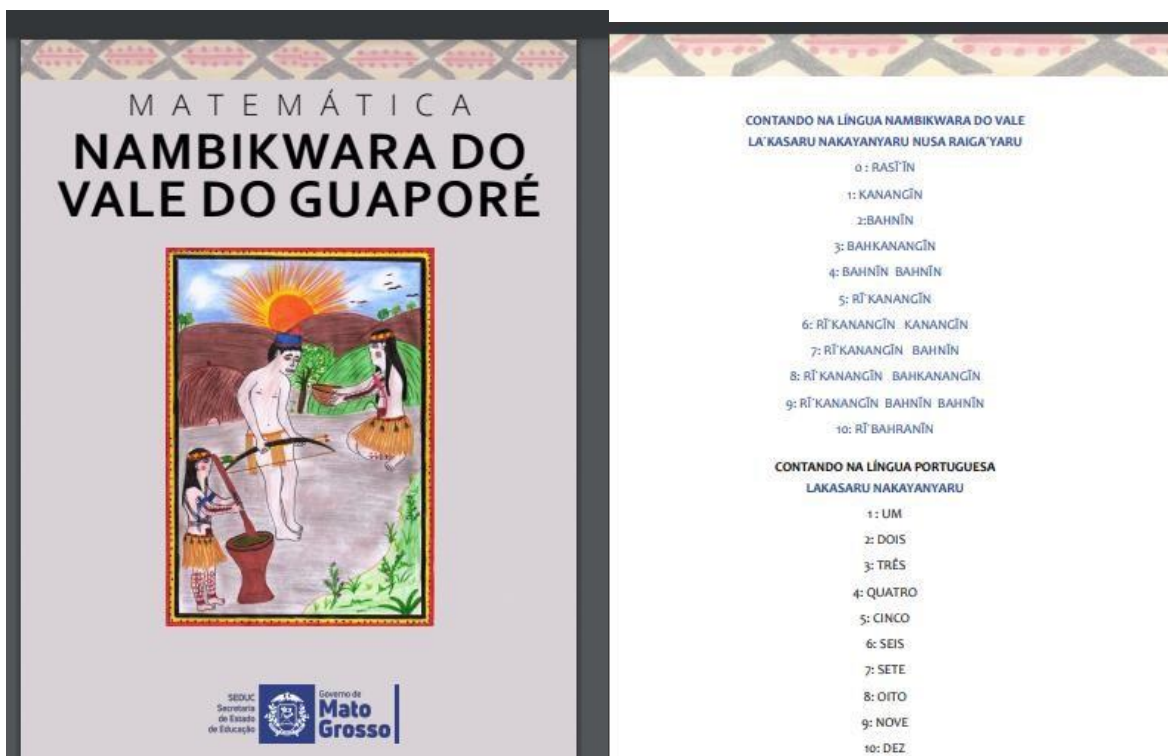
Material produzido pela SEDUC/MT⁴ (2021)

Estes materiais foram publicados com objetivo de dar voz aos professores que participaram do Projeto Haiyô, cujo objetivo foi a formação de professores indígenas. A intenção foi apresentar os princípios matemáticos em cada etnia e são direcionados para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Os textos e as ilustrações aqui apresentados trazem a História da Matemática dos Povos Nambikwara (Sabanê, Katitauru e do Vale do Guaporé). Contudo, notamos a ausência de critérios linguísticos no trato com a língua ancestral Katitãuhlu apresentada nesta publicação.



<https://www.sil.org/system/files/reapdata/12/52/29/125229375890317739062848691588176492732/NBGram.pdf>
f. Disponível em: 06 de mar. 2022.

⁴ <http://www3.seduc.mt.gov.br/-/16750400-e-books?ciclo=>
<http://www3.seduc.mt.gov.br/documents/8125245/16749522/katitauru.pdf/d18a864a-2be5-5ab8-2575-c1e370f059c0>



1 Informação retirada do site Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara>. Acesso em: 05 de mar. 2022.

Ressaltamos, portanto, que os interesses para oficializar uma língua perpassam por força e poder político e econômico, como exemplo a força dos dois pilares (econômico e político global) presentes na língua inglesa e/ou por ascensão social e intelectual, cujo exemplo é o francês. Lembrando que “esse significado muda conforme as circunstâncias históricas e as prioridades dos falantes/aprendizes”. (OLIVEIRA, s/a, p. 12).

Como é sabido, no Brasil o déficit em relação a necessidade de políticas públicas linguísticas é perceptível quando verificamos o número elevado de línguas faladas cotidianamente. Atualmente são 180 línguas maternas distribuídas entre 220 povos vivendo em territorialidade demarcada como Terra Indígena, e as pessoas de vários povos indígenas que vivem em cidades. É preciso comentar que há um impasse antagônico entre a grande quantidade de línguas indígenas e o insuficiente investimento na efetivação de políticas públicas que assegurem pesquisas na área de línguas indígenas e consequente produção de literatura. Diante dessa negligência e do escancaramento do preconceito anti-indígena, o Brasil é o terceiro país do mundo com o maior número de línguas ameaçadas de extinção” (CRUZ, s/a, p. 01).

Em relação à política de Co-oficialização de línguas em municípios, o estado do Amazonas, município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro dá um bom exemplo ao

cooficializar três línguas, a *Nheengatu*, *Tukano* e *Baniwa*. Por meio da lei municipal nº 145/2002 os órgãos públicos e privados deverão estar aptos a atender os cidadãos nas línguas *Nheengatu*, *Tukano*, *Baniwa* e Português. O plurilinguismo deve ser contemplado com tradutores oficiais, nas formulações e reformulações das leis e documentos oficiais do poder público, nos concursos públicos e em setores televisivos da cidade.

Mesmo que o direito à diversidade linguística esteja garantido na Constituição Federal, nas políticas linguísticas internas (PLI) e nas políticas linguísticas externas (PLEx), ainda os povos indígenas enfrentam enormes desafios. Neste enfrentamento o Brasil conta com Organizações Internacionais como a UNESCO, a OEI e a União Latina, dentre outras organizações de reconhecimento e reivindicações em prol de políticas linguísticas.

Como é sabido que após a Constituição Federal de 1988, as instituições de escolas indígenas passaram a contemplar o ensino da língua materna da comunidade na educação básica. Na prática temos vivenciado a morosidade para a efetivação da mesma. No que compete ao Estado é evidente o descaso quanto à garantia de formação de professores indígenas bilíngues, pesquisas no Ensino Superior e produções escritas nas línguas ancestrais. Ocorre a ausência ou pouca política pública para a cooficialização de línguas indígenas nas Unidades Federativas a exemplo do que citamos acima sobre o Amazonas. E até mesmo o cumprimento da lei maior sobre o ensino da língua materna nas escolas indígenas têm ficado aquém do que seja um diálogo com os poderes públicos que contemple o plurilinguíssimo.

Em Mato Grosso, a questão da ausência de pesquisa relacionado à temática das línguas indígenas é notória diante de um estado com uma população indígena próxima da casa de 25 mil pessoas distribuídas em 38 povos originários. Nesta Unidade Federativa, “a situação ainda é mais crítica se considerarmos que nenhuma das Universidades do estado, federal e estadual, oferece linhas de pesquisa na área de línguas indígenas, em nível de graduação, nem em nível de pós-graduação”. (CRUZ, s/a, p. 02). Assim, o estado do Mato Grosso necessita caminhar em busca dos elementos básicos para a efetivação de língua indígena na sua territorialidade como um todo (aldeia/escola e zona urbana), planejamento para ações concretas, financiamento e orçamento para formação de pessoas bilíngues, dentre outras necessidades para a efetivação e cumprimento legislativo.

O Brasil e o Mato Grosso têm uma dívida com os povos originários, mesmo que o número de pesquisas acadêmicas na área tenha crescido de forma significativa. Um exemplo

explícito dessa pouca ou falta de política pública linguística é com os povos que têm visto sua língua imemorial se extinguir e, por conta própria procuram auxílio para o estudo e revitalização. Nesse contexto, verificamos essa prática com o povo Arara do Aripuanã, Umutina de Barra dos Bugres.

Nesse contexto, ressaltamos a urgência da necessidade de pesquisas acadêmicas para a implementação de cursos de graduação e pós-graduação em línguas indígenas. Mato Grosso é pioneiro no Brasil na criação da faculdade para povos indígenas - Faculdade Indígena Intercultural- FAINDI - UNEMAT (2001) - cursarem ensino superior, e, até o momento, nem um curso de Letras da Unemat - isto é, a universidade pioneira em formação superior para indígena - oferta disciplinas em línguas indígenas. É preciso avançarmos em pesquisas linguísticas que leve em conta as necessidades de uma nação que vive inserida em demandas de um mundo globalizado. É imprescindível que o Poder Legislativo juntamente com o Poder Executivo propicie condições favoráveis com pesquisas nas pós-graduações e com gerações de linguistas indígenas para atenderem a enormidade de demandas sociais no século vigente.

1.2. A família linguística Nambikwara.

Antes de apresentar a denominada família linguística a que os povos Nambikwara pertencem, bem como as nuances e suas singularidades, entendemos ser pertinente trazer algumas informações a respeito do que seja família linguística e tronco linguístico, pois durante nossas pesquisas encontramos a utilização de tais termos.

Podemos compreender que o termo tronco linguístico é entendido como sendo um conjunto de línguas que possuem mesma origem. Segundo o site do ISA⁵ (Instituto Socioambiental), o qual foi fundado em 1994 e tem como objetivo “defender bens e direitos sociais, coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, e aos direitos dos povos indígenas do Brasil”

O tronco linguístico é um conjunto de línguas que têm a mesma origem: uma língua mais antiga, que não é mais falada. Como essa língua de origem existiu há milhares de anos, as semelhanças entre as línguas que vieram dela são muito difíceis de serem percebidas. Já uma família linguística é um conjunto de línguas que também possuem uma origem comum, mas que apresentam mais semelhanças entre si.

Consideramos ser pertinente nesta subseção apontar a família linguística Nambikwara,

⁵ <https://www.socioambiental.org/>

tendo em vista que há várias configurações e vários autores que as apresentam. De modo que mostraremos no quadro/esquema abaixo como os autores classificam.

A família linguística do povo Nambikwara foi classificada pelo antropólogo Price (1972), em três grandes famílias linguísticas, dentre elas, são: Sabanê, Nambikwara do Norte e Nambikwara do Sul. Devemos nos apropriar da assertiva do antropólogo e aprofundar o conhecimento sobre as línguas e suas peculiaridades mantidas por cada povo. E, ainda, há outras classificações mais aceitáveis nos dias atuais e apresentam o povo Katitãuhlu como família linguística em sua singularidade, haja visto que Neto (2018, p.72) reforça a ideia de que há etnias diferenciadas, portanto há “conjuntos de línguas de aproximadamente 24 língua/ letos. ” Desse modo, segundo Neto (2018), uma das primeiras classificações foram feitas por Roquette - Pinto e apontam para quatro grupos presentes nas regiões Sudeste, Sudoeste, Nordeste e Noroeste. Portanto, a partir desse quadro, o autor aponta que Lévi Strauss organizou outro que o ramifica em três grupos partindo da proximidade linguística de aspectos semânticos e morfológicos, porém abordou essa classificação em Nambikwara do Sul (Neto, 2018). Após essa classificação, Oberg (1953) traz sua contribuição quando apresenta “dois conjuntos distintos, o Nambicuara Ocidental e o Nambicuara Oriental” (Neto, 2018, p.73).

No entanto, diante desses estudos, Rodrigues (1986) reconheceu que a família Nambikwara é composta por três línguas sendo eles, Sabanê, Nambikwara do Norte e Nambikwara do Sul. O autor sustenta que há entre os Nambikwara do Sul quatro dialetos, sendo eles: Manduka, Nambikwara do campo, Nambikwara do Guaporé e Sararé [Kabixí]; e o Nambikwara do Norte, o qual é composto por quatro dialetos distintos : Tawandê, Lakondê, mamaindê e Nagarote (Neto,2018, p. 75).

Ainda no que se refere a diversidade linguística dos Nambikwara, segundo Reesink

Os Nambikwara são, após serem moldados pela história da sociedade envolvente, geralmente pensados como uma unidade quando, na realidade, os povos em questão não aceitam esta classificação mas atribuem o nome ao subconjunto dos Nambikwara do Campo que se assume para o seu exterior como tal. Pelas diferenças linguísticas distingue-se atualmente três línguas na família linguística Nambikwara, seguindo a proposta de David Price (o seu maior etnógrafo): os Nambikwara do Norte; os Sabanê; os Nambikwara do Sul. Os Nambikwara do Norte foram profundamente afetados pela sociedade brasileira sendo que só partes dos Mamaindê, Negarotê e Latundê se mantêm como segmentos com nome, território e unidade étnica relativamente exclusiva. Os do Norte falam línguas próximas umas das outras. Os Sabanês persistem como povo – numericamente são dos maiores contingentes populacionais – mas sofreram durante um longo tempo uma desarticulação sociocultural muito forte. A língua Sabanê é o único representante do ramo bastante divergente dos outros dois conjuntos de línguas (e diferenciado em cultura até onde nos é dado verificar). Por consequência desta história tumultuada (doenças estranhas e muitas vezes fatais, ataques de Tupi Mondé, perda de território somente recuperado em parte no ano

passado) lamentavelmente se encontra em vias de desaparecimento (a pesquisa se ocupa também dos Latundê e dos Sabanê, mas trata destes povos em outro lugar) (2014, p. 90).

No que concerne ao respeito e valorização da diversidade linguística Brasil (1999) aponta que:

As sociedades indígenas, cultural e linguisticamente, representam uma magnífica soma de experiências históricas e sociais diversificadas de elaborados saberes e criações, de arte, de música, de conhecimento, de filosofias originais, construídos ao longo de milênios pela pesquisa, reflexão, criatividade, inteligência e sensibilidade de seus membros. (BRASIL, 1999, p.22)

Nesse sentido percebe-se a importância dos estudos linguísticos mediante tanta diversidade de povos nessa região e que para o pesquisador Oliveira (2018).

O número reduzido de indígenas Nambikwara é bastante significativo, entendem do-se que a dinâmica de contato fez com que muitos grupos perdessem expressões culturais e linguísticas. A decaída populacional ocasionou, possivelmente, a união de diversos grupos, com o intuito de evitar a sua extinção. (OLIVEIRA, 2018, p. 23)

Entende-se então que tais sociedades não podem ser despercebidas no que se refere aos processos próprios de conhecimento, principalmente no que se refere a língua falada, aliás, é necessário que tanto educadores como pesquisadores reconheçam tais conhecimentos, tendo em vista o vasto conhecimento de tais povos.

Portanto, no que se refere às diferenças linguísticas Oliveira (2018, p.19) diz que “por diferenças linguísticas ou, também, por questões socioculturais, os próprios grupos lutam por um respeito mútuo às suas singularidades”.

Para tanto, os prováveis povos remanescentes, como aborda Santos (2000) e Almeida-Neto (2004), de outros povos Nambikwara que se situam nas Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu apresentam singularidades relevantes de serem pesquisadas. E ainda sobre os Nambikwara Roquete-Pinto comenta “que gente é essa, que fala idioma tão diferente das línguas conhecidas, tão diferente da língua dos seus vizinhos mais próximos” (1935, p. 164). Apresentamos no quadro abaixo uma visão geral de como são organizadas as línguas pertencentes aos povos Nambikwara.

Quadro 1.1 Família linguística Nambikwara

FAMILIA LINGUISTICA NAMBIKWARA						
Nambikwara do Norte		Nambikwara do Sul				Sabanê
<i>Roosevelt (rio)</i>	<i>Vale do Guaporé</i>	<i>Manduca</i>	<i>Campo</i>	<i>Vale do Guaporé</i>	<i>Sararé</i>	
<i>Latundê</i>	<i>Mamaindê</i>	<i>Hukuntesu</i>	<i>Kithãulhu</i>	<i>Hahãitesu</i>	<i>Katitãulhu</i>	<i>Sabanê</i>
<i>Lakondê</i>	<i>Negarotê</i>	<i>Sivaisuu</i>	<i>Wakalitesu</i>	<i>Waikisu</i>		
<i>Tawandê</i>	<i>Tawendê</i>	<i>Niyahlosu</i>	<i>Halotesu</i>	<i>Alantesu</i>		
<i>Sowaintê</i>			<i>Sawentesu</i>	<i>Wasusu</i>		

Quadro Família linguística Nambikwara (adaptado de Eberhard (2009) e readaptado por Sérgio Beck de Oliveira (2022).

Embora, a seguir, a citação de Kroeker (2006) apresenta o termo grupos, preferimos neste trabalho apresentá-los como povos embasados nos detalhes que os tornam singulares em seus modos de vida, culturas e línguas conforme explanados abaixo.

O povo Nambikwara é composto de diversos grupos, cada um dos quais é conhecido por seu próprio nome. Todos eles, contudo, falam uma variante dialetal da mesma língua, mutuamente inteligível com todas as demais variantes. Muitos grupos já se tornaram extintos. Entre os grupos ainda existentes, contam-se os seguintes do vale do Rio Guaporé: $ha^3hãi^1te^2su^2$, $a^3lãn^1te^2su^2$, $wai^2ki^3su^2$, $wa^3su^3su^2$, e $ka^3ti^3tũu^3lhu^2$. Ao longo dos afluentes do Rio Juruena no Planalto Parecis habitam os seguintes grupos: ne^3su^2 , $si^3wxai^3su^2$, $ki^3thãu^3lhu^2$, $sax^3wen^3te^2su^2$, $ha^3lo^2te^2su^2$ e $wa^3ka^3li^3te^2su^2$. (KROEKER, 2006, p. 4)

Ainda segundo o mesmo autor:

Em termos genéricos, a língua Nambikwara é chamada de não-classificada. Já foi classificada em termos bem latos por McQuown e Greenberg, porém, como pertencendo ao ramo Jé-Pano-Caribe (Tax, 1960). É uma língua aglutinante, com a maior parte da informação carregada por sufixos à raiz verbal e, em grau menor, por sufixos à raiz nominativa. Há atualmente uns 900 falantes da língua Nambiquara. (IDEM, p. 4)

Roquete-Pinto percebeu essa singularidade devido aos sons que se apresentam tão diferentes das línguas conhecidas, mesmo da língua dos seus vizinhos mais próximos. Portanto, a diversidade de línguas no Brasil é reconhecida e conhecida pelos pesquisadores e não só os linguistas, mas sociólogos e antropólogos.

1.3. Os anũsu Katitãuhlu

O povo Nambikwara Katitãuhlu habita os territórios das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu situado no município de Conquista D'Oeste no Estado de Mato Grosso. Falam

a língua Katitãuhlu que segundo os pesquisadores, e de acordo com nossos dados e análise, é pertencente à família linguística Nambikwara.

Os meninos Katitãuhlu, na fase da puberdade, tem hábito de furar o septo nasal no mesmo momento em que se fura o lábio superior. E aí de vez em quando aparecem com arranjos de penas em forma flor atravessados nestes furos. Também furam as orelhas e acrescentam brincos feitos com fragmentos de cocos em forma de pequenas arruelas, que são usados com maior frequência até na velhice. E em noites frias, especialmente os anciãos, dormem no chão sobre as cinzas bem próximo ao fogo para se aquecerem. Por esse motivo alguns pesquisadores os chamam de *povo das cinzas*.

Abaixo, na figura das Terras Indígenas Nambikwara, podemos visualizar como essas terras estão organizadas, bem como a localidade de cada uma.

Figura 1.2 – Terras Indígenas Nambikwara

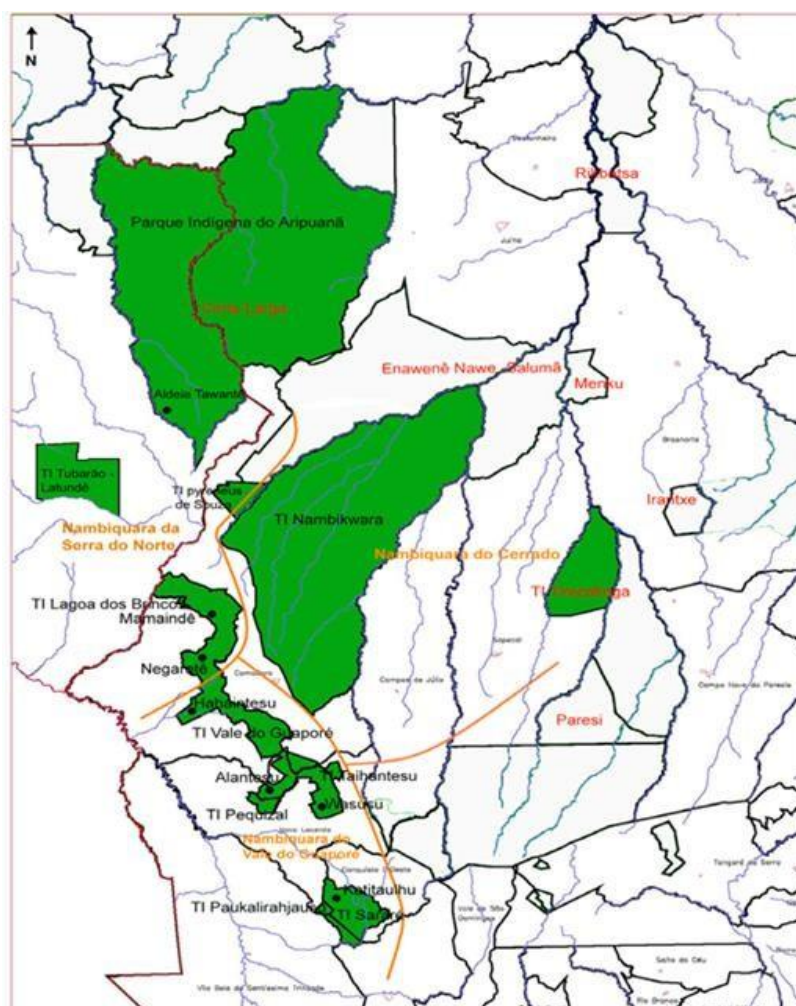


Figura 1.2 - Terras Indígenas Nambikwara
Fonte: Costa (2009).

Pelo mapa percebemos a extensão territorial dos povos Nambikwara, os quais habitam

dois Estados brasileiros, Mato Grosso e Rondônia. A figura apresenta a diversidade linguística existente nessas terras, conforme se nos apresenta o quadro abaixo:

Quadro 1.1.1 – Diversidade linguística Nambikwara

Terras Indígenas Nambikwara		
	Terra Indígena	Povo
Serra do Norte	TI Tubarão-Latundê TI Pireneus de Souza	Latundê/ Yalakaloté e Aikanã (não é da família Nambikwara) Manduca, Niyahlosu, Sabanê, Swaihsu, Tawantê, Txãutesu, Tawxantesu, Yalakaloré e Yalakaloté.
Vale do Guaporé	TI Sararé	Katitãuhlu Nutajensu Waihatesu Kwailitsu
	TI Paukalirajausu	Yanaliritesu
	TI Taihantesu TI Pequizal	Alakutesu, Alantesu, Elahitxansu, Hiatasu, Kwahlxinsatesu, Manairisu, Nantesu, Nxãnkotesu, Wakalitesu, Wasusu, Yxotũsxu e outros.
	TI Lagoa dos Brincos TI Vale do Guaporé	Mamaindê, Negarotê e Sabanê
Chapada dos Parecis ou Cerrado	TI Tirecatinga	Wakalitesu
	TI Nambikwara do Sul	Kithãuhlu, Halotesu, Manduca, Sawentesu, Wakalitesu e Sabanê

Quadro 1: Terras e povos Indígenas Nambikwara.

Fonte: Costa (2009, p. 60-63) e informações do consultor Reginaldo Katitãuhlu, em julho de 2022.
Adaptado por Sérgio Beck de Oliveira.

No quadro é possível perceber a existência de dez territórios pertencentes aos povos Nambikwara que vão do Estado de Mato Grosso ao Estado de Rondônia, entre florestas, cerrados e chapadas nos quais vivem com seus jeitos próprios de ser Nambikwara.

Os Katitãuhlu e os demais povos classificados como Nambikwara do Sul se referem a eles mesmos com o termo *anĩsu*, em seus próprios idiomas, conforme a narrativa abaixo

Nóis somos anũa e o não índio é Kajada (SK, 2022).

Estudos revelaram que os anũsu são remanescentes dos povos Waihatesu, Kwalitsu, Yanaliritesu e Nũtajensu especificados por Almeida-Neto (2004, p.89-90) da seguinte forma:

Kwalitsu – povo da região entre Pontes-Lacerda e Vila Bela;

Yanaliritesu – povo vizinho entre as cabeceiras do Sararé e Galera;

Nutantesu – povo do alto Sararé ao córrego dos Bugres;

Waihatesu – povo da cachoeira

De um modo geral, cada grupo Nambiquara tem sua autodenominação, que pode estar associada a uma referência de liderança (*Katitauru* – antepassado de Moisés do Sararé, por exemplo), a uma característica ambiental (*Halotesu* – povo do cerrado), (*Waihatesu* – povo da cachoeira), ou ainda a uma qualidade marcante do grupo (*Hahãitesu* – povo cantador)

Provavelmente a descendência do povo Nũtajensu ocorreu devido às relações matrimoniais entre esses povos remanescentes citados acima e tais alianças aproximaram os grupos e que após o contato, essa aproximação foi efetivada com mudanças das aldeias para perto da aldeia Nũtanyensu, onde a Missão Cristã Brasileira (MCB) se instalou em 1960 e ao seu lado a FUNAI em 1975.

Os remanescentes dos grupos, Kwalitsu, Waihatesu, Nũtantesu e Yanaliritesu estão hoje incorporados como Katitãuhlu. Os dois descendentes, já falecidos (TK e NK) denominados de Yanaliritesu foram se integrando, restando agora os descendentes deles, moradores na Serra da Borda, na Terra Indígena Sararé (Almeida-Prudente, 2004, p.90).

Em nossas pesquisas percebemos que os autores que citam os Katitãuhlu, bem como os demais povos Nambikwara, geralmente designa-os como “grupo”. Nos referimos a eles como povo tendo em vista suas peculiaridades linguísticas, suas narrativas explicando que são “outro” e não são iguais, por exemplo aos Nambikwara do cerrado, pois apontam costumes distintos e diferenças linguísticas.

A narrativa abaixo se torna relevante nesta discussão, pois SK (2022), explicou quando perguntamos sobre as festas, as músicas, danças e a menina presa da seguinte forma:

Festa da menina presa, só lá no cerrado, costume dele, aqui não tem. Nóis aqui do Sararé somos diferentes, nossa língua não é igual à de Nambikwara, a gente fala diferente deles, música deles tem outras, festa da menina moça só lá no cerrado. Eles faz balaio, mas também é diferente e lá no cerrado homem que faz balaio aqui só mulher que faz. Então, a gente nem cantava, nem fazia festa mais, acho que isso foi muito tempo atrás, nós aqui do Sararé tem reunião de homens pra tocar nossa flauta e só de homens (SK, 2022).

Outra narrativa foi de TK (2020), professora formada pelo HAYO (Magistério indígena do povo Nambikwara) que explica a singularidade cultural existente do povo Katitãuhlu.

A cultura de lá são diferente, eles tem outra sua cultura, cada um tem seu jeito para alimentar

costume. A vida deles são diferentes também. Cada um tem que ser do seu jeito. Somos indígenas, mas não somos igual Nambikwara. Não é igual, nós moramos na floresta, nós daqui do Sararé tem outra vivencia, cada um tem sua vivência diferente então assim que eu pensei né, nossa família foi lá e viu não tem comida do nosso jeito. Alimento de lá e diferente aqui nos come carne de porco, pesca cada um tem seu gosto de comer, aí povo daqui pensou assim puxa parece que não índio não entende a vida indígena. Nos só somos indígenas mas temos a vida diferente, a língua o jeito de falar tudo é diferente, por isso nós tá sofrendo da nossa família ficar lá meu pai está velho e está ficando doente por causa do filho dele. Lá no cerrado tem vida diferente tem feiticeiro, tem veneno, meu pai tem preocupado. No passado já teve guerra, nossa família não pode ficar longe. Cada índio tem que ficar com sua família. O povo indígena não aceita que outro índio vive na terra dele. Nós não aceitamos também. Aqui é nossa terra nosso lugar nossa família. (Narrativa de TK, 2020, período em que seu irmão foi levado em prisão domiciliar para a aldeia barracão queimado entre os Nambikwara do Cerrado ou Campo).

As figuras abaixo também expressam essa singularidade relatada por TK a respeito de seu povo, a sua culinária e o toque das flautas e suas danças. Momentos esses que representam contextos peculiares presentes na rotina da vida dos Katitãuhlu.

Figura 1.3 - Costumes alimentícios dos anūsu Katitãuhlu





Fonte: Acervo professora Sara Barros, 2020.

Figura 1.4 - Anciãos ensinando as crianças o costume do toque da flauta próprio dos homens



Fonte: Acervo professora Sara Barros, 2020.

Figura 1.5 - Momento da festa dos Katitãuhlu



Fonte: Acervo professora Sara Barros, 2015.

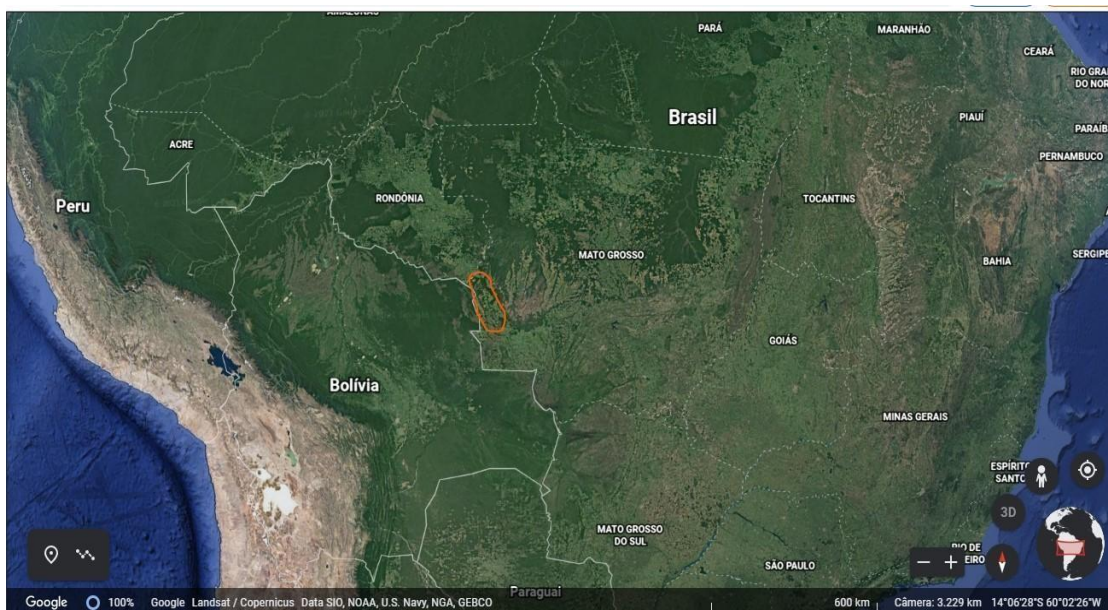
Nesse sentido, entendemos que a palavra “grupo” não é suficiente para expressar e detalhar quem são e como são os Katitãuhlu. Nos filiamos a estes *anĩsu* com o propósito de declarar a quem interessar que são um povo com costumes, crenças e valores peculiares. Os Nambikwara do Sararé, segundo o pesquisador Reesink (2009) fazem parte dos Nambikwara do Sul localizados no Vale do Guaporé que sofreram com as invasões e epidemias iniciadas pela Comissão Rondon as quais

Culminaram em severa depopulação, extinção de aldeias ou até de conjuntos de aldeias autoconcedidas como sendo do mesmo povo (por exemplo, sarampo em 1945). Um processo de reorganização empreendido pelos poucos sobreviventes de cada aldeia para se juntar e se reerguer em aldeias socialmente viáveis após estes desastres mostra uma capacidade pessoal de superar imensas dificuldades, sofrimentos e tormentos (2009, p.04).

Desse modo, nos dias atuais a população que habita as Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu tem aos poucos se recuperado de toda a tragédia que os assolou naquele tempo.

A figura abaixo apresenta a localização exata das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu.

Figura 1.6 - Localização exata das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu



Terra Nambikwara Via Satélite, Visto em 14/06/2022.

Fonte: Google Earth pro, em 14/06/2022 e adaptada pelo autor.

Apresentamos abaixo o quadro do censo da população e aldeias habitados pelos Katitãuhlu

Quadro 1..1.2 - Número de habitantes das Terras indígenas Sararé e Paukalirajausu

Aldeia	Número de habitantes
CORGÃO	21
SARARÉ- CENTRAL	98
SARARÉ PISCINA	16
SARARÉ- PIV	06
SARARÉ- SEIS	28
SARARÉ- SERRA DA BORDA	22
População Total	191

Fonte quadro elaborado por Sérgio Beck de Oliveira (2022) utilizando-se do censo da Secretaria de Saúde indígena (SESAI, 2022).

Os Katitãuhlu têm a Língua Portuguesa falada como segunda língua, assim como os demais Nambikwara do Vale do Guaporé, e sua prática ocorre quando transitam pelas cidades de Conquista D'Oeste, Nova Lacerda, Pontes e Lacerda e Comodoro no Estado de Mato Grosso e eventualmente até em Vilhena no Estado de Rondônia. Outro ambiente onde ocorre intensa interação com a língua portuguesa é o escolar. A escola é palco de antagonismos: deve valorizar a língua ancestral, mas também deve ser exitosa no ensino da língua portuguesa, que articula as políticas públicas direcionadas para as aldeias. Vale destacar, ainda, o intenso uso da língua portuguesa nos longos períodos que crianças, jovens e adultos estão gastando nas interações via internet.

Outro fator interessante de salientar é que as reuniões governamentais e não governamentais ocorrem sempre articuladas e encaminhadas em Língua Portuguesa por não indígenas que desconhecem as línguas da família linguística Nambikwara. Estas reuniões são momentos de interação nos quais ocorre a participação, geralmente, composta por maioria de homens. Esse fato tem chamado atenção, haja visto, que nossos dados apontam um processo de destonalização na língua, porém os dados coletados não nos permitiram uma análise mais elucidativa. Estes são novos questionamentos. Pode estar havendo um processo de destonalização devido a presença de remanescentes de outros povos entre os Katitãuhlu? Esse processo é por causa desses constantes contatos com a língua portuguesa? É válido salientar que os Katitãuhlu foram os mais resistentes ao contato pacífico com os invasores euro-americanos - os *kajada*. Consequentemente são os que estão há menos tempo em contato com a língua colonizadora.

Os Katitauru, também chamados de Nambikwara do Sararé, constituem um grupo étnico ainda pouco conhecido em termos etnológicos e etno-históricos. Seu idioma nativo, denominado Nambikwara do Sul, está filiado à família linguística Nambikwara, que corresponde a um complexo dialetal não vinculado a nenhum tronco linguístico conhecido atualmente (Oliveira, Pereira. 2009, p.05).

Neste espaço evidenciamos a dificuldade com o uso do termo “grupo” para designar uma parte da nação Nambikwara, pois os Katitãuhlu expressam suas singularidades na língua falada, nos modos de pensar, agir e em cada espaço habitado. Em alguns trabalhos encontramos termos que instiga a nos referir aos Nambikwara como povos, por exemplo quando Giovanni Vera⁶ (2017) comenta a divisão dos povos Nambikwara e utiliza o termo “povos” e não grupos.

Esta é a visão dos seis povos conhecidos como Nambikwara – Sabanê, Tawandê, Manduca, Nechuandê, Idalamarê e Ialakolorê – da Terra Indígena (TI) Pirineus de Souza, no município de Comodoro, extremo oeste de Mato Grosso.

⁶ In: Operação Amazônia Nativa - Roças Nambikwara: alimento e cultura (amazonianativa.org.br)

Nos aspectos linguísticos da língua Nambikwara, os pesquisadores Menno Kroeker e Bárbara Kroeker, linguistas da língua indígena dos Nambikwara, escreveu a gramática da língua do povo e a gramática descritiva e produziu vários materiais como o dicionário em língua Nambikwara.

Relevante apontar um aspecto da língua Nambikwara citado por Kroeker (2003, p.04) que apresenta a língua como sendo “aglutinante, com a maior parte da informação carregada por sufixos à raiz verbal e, em grau menor, por sufixos à raiz nominativa”.

A família linguística Nambikwara é considerada por vários pesquisadores como alófila, uma vez que “os Nambikwara compreendem um conjunto de grupos indígenas falantes de uma mesma língua alófila” (Almeida, 2004, p. 79).

Dessa forma, como apontam os pesquisadores citados, a língua do povo Nambikwara se distingue de muitas outras devido apresentar sons por meio de tons e de sons laringais e glotais. Esse fato, torna a língua, por exemplo dos Katitãuhlu, povo pesquisado por nós, uma língua singular com suas particularidades e nuances dignas de serem ainda melhor compreendida.

1.4 Família-povo Nambikwara Katitãuhlu

Nesta subseção apresentamos por meio dos estudos dos pesquisadores que sustentam a ideia de que os povos Nambikwara fazem parte de uma família linguística isolada, haja visto a sua peculiaridade de ser uma língua polissintética singular com as características de tonalidade, glotalização e laringalização e que se fazem presentes na língua dos Katitãuhlu.

Entendemos que família linguística é composta por línguas que se apresentam com semelhanças entre si. Nossas pesquisas “in locu”, na Terra Indígena Sararé e Paukaliraja usou nos impulsionaram a questionar os termos tronco linguístico e ramo linguístico, haja visto que narrativas feitas trouxeram indagações acerca de termos como estes que podem não se aplicar ao povo Katitãuhlu, mas um outro termo como o de célula-mãe, termo emprestado da biogenética.

Conforme relato do *anũsu* (AK, 2022)

Quando ocorre um falecimento de um anũsu, durante a cerimônia de passagem, um espírito dos antepassados da família daquele pessoa que faleceu alguma vem para levá-la de volta a sua origem. Eles seguem num caminho comum aos outros Nambikwara (Nambikwara do Vale ou do Sul). E quando chegam na entrada da caverna dos espíritos (local onde habitam todos aqueles que morreram), logo na entrada são identificados e direcionados por seus ancestrais. Neste momento, já na caverna, seguem caminhos definidos e estabelecidos numa

ancestralidade transcendental que os originou essas várias famílias culturais e, portanto, linguísticas. Conforme a narrativa, cada família, que é povo, é identificada pelo jeito de falar e por isso não erra o caminho que precisa seguir lá na caverna e para onde deve se juntar ao seu povo da sua origem.

Daí entendemos também que cada família na caverna é a constituição de cada povo com suas peculiaridades linguísticas e culturais que são manifestas e mantidas (manutenidas) em territórios bem definidos por eles.

A Narrativa de AK, 2022 provoca reflexões acerca das classificações desta família linguística. Inferimos aqui que pensar geneticamente uma família linguística implica considerar a concepção biológica da célula-tronco. Para tanto apresentamos nossas considerações sobre essa questão com a figura abaixo.

Figura 1.7 - Representação da relação físico-espiritual dos povos do Vale do Guaporé



Fonte: Sérgio Beck de Oliveira (2022).

A figura é um esforço para representar o vai e vem na relação entre o mundo espiritual da chamada caverna, a qual é retratada pelos *anũsu* como a morada dos espíritos e designa o local para onde vai, em caso de falecimento, um anũ Katitãuhlu. Essa ideia nos remete ao pensamento da existência da caverna dos Nambikwara e que segundo a historiadora Ana Maria “os índios do Vale do Guaporé se originaram dessas cavernas, “Buracos dos Espíritos” para onde retornam após a morte” (COSTA, 2008, p.289).

Esse conceito de organizar um novo modelo se dá devido existência de um jeito singular da vida dos indígenas Nambikwara Katitãuhlu e que se estende em todo Vale do Guaporé, os quais organizam sua vida numa forma de ir e vir, como por exemplo a vida e a morte, tempo de

seca e tempo de chuvas; elas se apresentam num movimento de ir e vir em espaços e tempos aparentemente limitados.

Cada nação indígena tem suas maneiras de construir seus saberes, assim como qualquer outra nação. Percebemos então a riqueza existente nesses saberes principalmente a respeito dos conhecimentos e diversidade linguística entre os povos Nambikwara e especificamente a possível diversidade linguística existente na Terra Indígena Sararé e Paukalirajausu.

Na figura abaixo podemos perceber a distribuição dessas línguas, embora haja indagações e possibilidades percebidas durante essa pesquisa da existência de outros povos remanescentes no território das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu nos itens 11 a 14 da Família Nambikwara do Sul.

Figura 1.8 – Distribuição povos remanescentes no território das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu

Família linguística Nambikwara		
Nambikwara do Sul	Nambikwara do Norte	Sabanê
1. Hahãitesú	1.Latundê	1.Sabanê
2. Alãntesú	2. Lakondê	
3. Waikisú	3. Mamaindê	
4. Wasúsu	4.Negarotê	
5. Kithãulhú		
6. Saxuentesú		
7. Halotesú		
8. Wakalitesú		
9. Siwxaisú		
10. Nesú		
11. Katitãuhlu		
12. Nutajesu		
13. Wahaitesu		
14. Yanalitesu		

Fonte: Telles (2013, p. 292), adaptado por Sérgio Beck de Oliveira (julho/2022)

1.5 O encontro com os Nambikwara do Sararé

Os *anĩsu* das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu, nos dias atuais, conta com um número de 200 pessoas, com poucos idosos, contando hoje com apenas 5 anciãos⁷ Armando

⁷ Armando Katitauru, 72 anos; Pedro Katitauru, 86 anos; Maria Paquinha Waikisu, 78 anos; Mateus Katitauru, 77 anos; Domingos, 103 anos. Esta nota de rodapé está no corpo do texto.

Katitaurlu, 72 anos; Pedro Katitaurlu, 86 anos; Maria Paquinha Waikisu, 78 anos; Mateus Katitaurlu, 77 anos; Domingos, 103 anos.

O encontro com o povo do Sararé ocorreu no ano de 1998, momento bem turbulento, pois naquele espaço-tempo o povo estava aglomerado no Sararé devido às explorações de ouro em suas terras e constantes ameaças que ocorriam dos aliciadores.

O pesquisador Almeida-Neto (2004) destacou que, naquele momento, devido essa aglomeração na Aldeia Sararé Central, a população não ocupava os outros espaços da Terra como a Terra Indígena Paukalirajausu, a aldeia do PIV (Posto Indígena de Vigilância), no território da Terra Indígena Sararé, devido a instalação da escola pela FUNAI e MCB.

Nesse tempo, os anãsu viviam armados andando pela aldeia, ora com suas flechas, ora com as armas de fogo, as quais eram fornecidas pela Funai para caçadas. Eles explicava m naquela situação que precisavam se defender dos invasores e Américo (que faleceu no ano de 2022) nos explicou essa situação da seguinte forma

Madeireiro tem muiti, eu apanhá, apanhá, madeireiro chorá muiti. Que pensá? Terra só minha kajata saí tudo, criança fome muiti, eu fazê roça, caçá. Só terra nosso. Garimpo, terra água tudo estragô. Antigamente, rio Sararé água limpinha, não tem barro, peixe multi, agora não tem nada. Só garimpero apanhá, apanhá, só entra terra dele (AK, 1999).

Em outro momento JK narrou o episódio ocorrido dentro de suas terras quando houve a invasão a qual foram retirados da Terra Indígena Sararé oito mil garimpeiros que já estavam instalados na aldeia do PIV (Posto Indígena de Vigilância).

Olha esses garimpero fico loco, eles prendero a gente no meio da mata, amarraro nossa mão na árvore, e ficamos lá passando fome muitos dias, quase morremo, era eu, meus irmãos e meu pai (JK, 2000).

Essas explorações que ocorrerão naquele tempo nas Terras indígenas dos Katitã uhlu eram ilegais, porém se tornaram notícias em redes nacionais como é o caso do documentário conhecido como “Boca livre no Sararé”, de 1991, relatada pela TV Brasil⁸

Em 1991, mais de seis mil garimpeiros invadem a reserva dos índios Nambiquara do Sararé. Ao mesmo tempo, madeireiras saqueiam suas matas ricas em mogno, madeira em extinção na Amazônia. Pressionando o Banco Mundial, com o qual o governo de Mato Grosso negocia um empréstimo, consegue-se a retirada dos invasores. Mas o roubo de madeira prossegue e a volta dos garimpeiros pode ocorrer a qualquer momento”.

⁸ Título original: Boca livre no Sararé. Ano: 1992. Gênero: documentário. Elenco: Habitantes da aldeia Nambiquara. Direção: Vincent Carelli, Maurizio Longobardi e Virgínia Valadão

Em 2020 o governo federal apresenta O Projeto de Lei 191/20 o qual vem regulamentar a exploração de recursos minerais, hídricos e orgânicos em reservas indígenas⁹. Desde então as explorações foram intensificadas nas terras indígenas brasileiras sem qualquer indenização às nações indígenas.

Ainda, neste ano, de 2022, novamente ocorreram novas invasões e foi necessária intervenção da Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal e Força Nacional de Segurança em todo Território das Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu para desobstruir as atividades ilegais de extração de ouro.

Por esses motivos os indígenas expressavam, tanto para a FUNAI como para MCB (Missão Cristã Brasileira) a necessidade da escola na aldeia ser estabelecida na intenção de não serem enganados pelos não indígenas.

Foi neste contexto de conflitos, explorações de suas terras que fui convidado a dar continuidade aos trabalhos escolares na Aldeia Sararé Central, já que o casal que trabalhava na aldeia, membros da MCB, haviam saído. Desde aquele tempo os anãsu Katitãuhlu defenderam a educação escolar nas Terras indígenas dos Katitãuhlu e que hoje contam com duas escolas municipais em funcionamento.

No entanto, é necessário acrescentar que naquele momento e que estando imerso no cotidiano do povo, era visível os impactos causados pela recente invasão de garimpeiros e madeireiros¹⁰. É provável que o medo cercava e rondava a vida dos Katitãuhlu, pois no dia-a-dia andavam com suas armas em suas cinturas e expressavam esse medo. Possivelmente a única maneira que acreditavam ser seguros era que o povo se unisse para protegerem-se dos aliciadores.

Nesse contexto, fui provocado a me instalar, a convite dos indígenas, na aldeia com essa primeira proposta de estabelecer a educação escolarizada e depois produzir os registros da língua falada dos Katitãuhlu.

As Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu, como se vê no mapa abaixo, tem 67.419 hectares e foi demarcada em 1983.

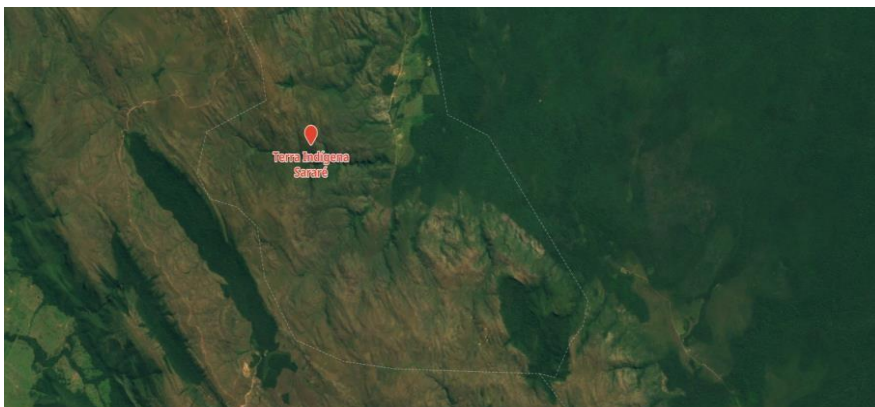
⁹ Fonte: Agência Câmara de Notícias

¹⁰ Esses relatos se apresentam no documentário: Boca Livre Sararé (<https://www.youtube.com/watch?v=7JSAwfd11LU>)

Nos dias atuais as aldeias foram ramificadas no intuito de preservar e habitar todo o território e que segundo censo fornecido pela professora Sara Barros do Nascimento¹¹, o povo conta com 200 pessoas.

Apresentamos abaixo imagem via satélite da localização da Terra Indígena Sararé e mapa especificando essa localização de cada aldeia do povo Anua Nutajensu.

Figura 1.9 - Terra Indígena Sararé, Via Satélite



Fonte: Google Earth pro, em 09/07/2022.

Os *anũsu*, segundo estudos antropológicos, são remanescentes dos povos “*Kwalitsu*, *Waihatesu*, *Nutantesu* e *Yanaliritesu*, os quais estão hoje incorporados como Katitauru. (Almeida-Neto, 2004, p.90).

Provavelmente a união desses povos se deram devido

Relações matrimoniais, as alianças por casamentos aproximaram os grupos e após o contato, essa aproximação foi efetivada com mudanças das aldeias para perto da aldeia *Nũtanyensu*, onde a Missão se instalou em 1960 e ao seu lado a FUNAI em 1975 (Almeida-Neto, 2004, p.90).

O mesmo autor explica que o nome Katitãuhlu foi estabelecido pela Funai

Em um esforço de convencer a sociedade nacional da continuada indianidade dos Sararé, tende a favorecer nos últimos anos um etnônimo Katitãuhlu. Mas este também é arbitrário, porque deriva do nome de um líder de uma das três principais unidades sobreviventes e não de algum nome geral próprio. Fiorini sugere ainda que este nome aparentemente indígena seja uma derivação de *capitão*. Alter-classificações não parecem ser muito importantes para os nomeados (Reesink, 2014, 90).

Relevante ainda apontar que no território da Terra Indígena Sararé, “encontram-se descendentes dos principais grupos que compunham os Nambikwara do Sararé” (Almeida - Neto, 2004, p.89), sendo eles

Waihatesu – povo da cachoeira do córrego Banhado;
Kwalitsu – povo da região entre Pontes-Lacerda e Vila Bela;

¹¹ A professora atua na Terra Indígena Sararé e Paukalarajausu, na Escola Indígena Walokeyensu, desde 2002.

Yanaliritesu – povo vizinho entre as cabeceiras do Sararé e Galera;

Nutantesu – povo do alto Sararé ao córrego dos Bugres

O mesmo pesquisador explica que

De um modo geral, cada grupo Nambiquara tem sua autodenominação, que pode estar associada a uma referência de liderança (*Katitauru* – antepassado de Moisés do Sararé, por exemplo), a uma característica ambiental (*Halotesu* – povo do cerrado), (*Waihatesu* – povo da cachoeira), ou ainda a uma qualidade marcante do grupo (*Hahãitesu* – povo cantador).

Portanto podemos perceber que falar do povo Nambiquara do Sararé é falar dos Katitãuhlu, dos Anãsu, pois são os nomes que designam os indígenas que habitam o Vale do Guaporé, próximo ao Rio Sararé.

1.6 A localização dos *anãsu* do Sararé

O povo Katitãuhlu, denominado assim pela Funai em seus primeiros contatos e que se autodenominam como Anãsu, residem na Terra Indígena Sararé e Paukalirajausu, a qual é utilizada para suas caças, pesca e suas vastas e densas roças.

Os Katitãuhlu habitam o Vale do Guaporé, Terra indígena Sararé e Paukalirajausu, no município de Conquista D'Oeste/MT e conforme Oliveira (2009,p.05).

Os Katitauru, também chamados de Nambikwara do Sararé, constituem um grupo étnico ainda pouco conhecido em termos etnológicos e etno-históricos. Seu idioma nativo, denominado Nambikwara do Sul, está filiado à família linguística nambikwara, que corresponde a um complexo dialetal não vinculado a nenhum tronco linguístico conhecido.

Ainda segundo Oliveira (2004) comenta que os primeiros contatos estabelecidos com a cultura não indígena foram em 1950, pela Missão Cristã Brasileira de modo que essa relação é recente se comparar com outras etnias. Em sua pesquisa comenta que

Na ocasião também foi possível manter uma breve interlocução com o Gustaf Adolf Bringsken, mais conhecido como pastor Gustavo, o primeiro missionário protestante a manter contato com os Katitauru na década de 1950, quem prestou importantes informações sobre a história da região do Vale do Guaporé (p14).

No que se refere a denominação do povo Nambikwara do Sararé o pesquisador comenta que

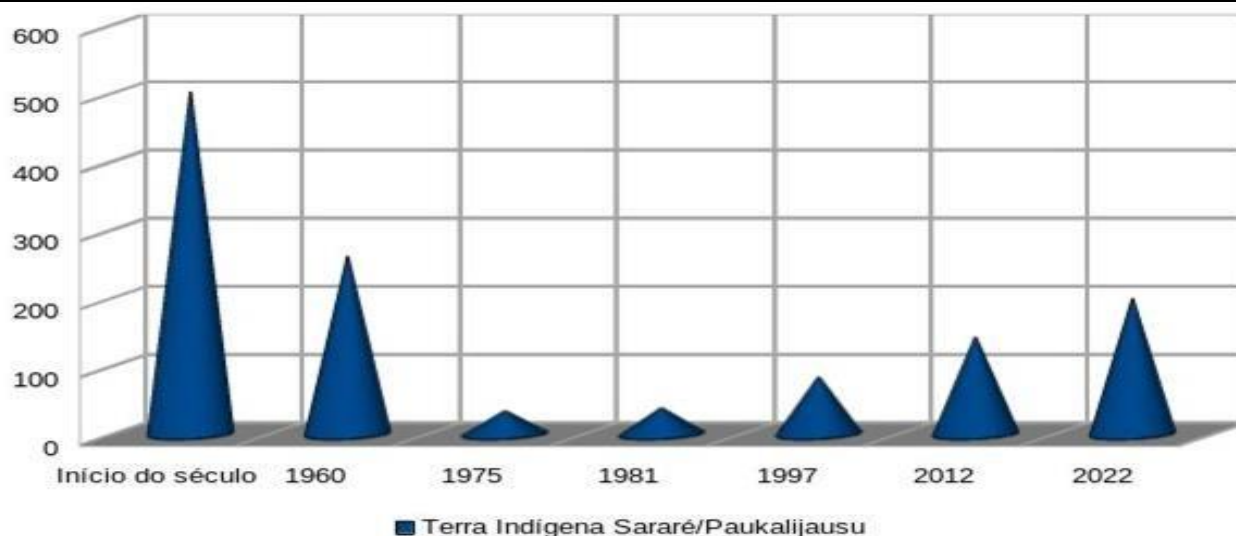
Outras vezes também são citados como o povo das cinzas ou o povo do veneno. Estes dois apelativos têm a ver com o fato de dormirem no chão, ao redor dos fogões domésticos, e por isso às vezes seus corpos ficam impregnados de cinzas, e de manipularem diversos tipos de veneno, como o usado em suas flechas. (Oliveira, 2002, p.18).

A Terra Indígena Sararé, cuja extensão territorial é de 67.409 hectares, e a Paukalirajausu, localizada no município de Conquista D'Oeste possui 67.409 hectares, sustentam a população atual de 200 pessoas, segundo o censo elaborado pela professora Sara Barros do Nascimento, residente na Aldeia Serra da Borda da TI. Sararé.

Apresentamos abaixo a figura da população desde o início do século XX até os dias atuais no intuito de perceber a importância das Terras Indígenas diante da recuperação e aumento da população, fato esse que possibilita ocupar todo o território e impedir invasões de madeireiros e garimpeiros.

Figura 1.9.1 – População do povo Katitãuhlu início século até 2022

População	Início do século	1960	1975	1981	1997	2012	2022
Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu	503	262	35	39	85	144	200



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Percebe-se, diante de tais dados, que a população dentro do espaço-tempo de 1975 a 1981 foi dizimada, se percebermos o número da população no início do século.

Esse fator ocorreu, principalmente porque havia uma política governamental exterminista dos povos indígenas em que a própria Funai apresentou documentos onde haviam indígenas que habitam os territórios e que naquele momento os documentos se mostram vazios, ou seja, que não haviam indígenas nessas terras. A partir daí empresas agropecuárias passaram a exterminar as terras e a tomar posse. Tais fatos estão relatados no documentário *Mão branca contra o povo cinza: vamos matar este índio?* (Carelli & Severiano 1980)¹²

Os Nambiquara foram dos que mais sofreram nas mãos do novo órgão protetor dos índios. Primeiro a Funai criou a Reserva Nambiquara. Quanta generosidade! Nada

¹² Acessível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Acarelli-1980-mao/Carelli%26Severiano_1980_MaoBrancaXpovoCinza.pdf

menos que 1 milhão de hectares, ou 10 mil quilômetros quadrados. Do tamanho de alguns países do mundo, como Chipre ou Líbano ou Jamaica. Generoso e cruel: a reserva decretada em outubro de 68 não ficava no Vale do Guaporé, mas sim na Chapada dos Parecis, lugar habitado por apenas 1 em cada. Os Nambiquara - pudera, em lugar 70 por cento coberto de terras áridas, cerrado e areia. Boa pergunta seria: por que não ficaram os brancos com a chapada? Nambiquara ali morreria à míngua, trazendo para sua nação, em 1970, um título: miserável entre os miseráveis (CARELLI & SEVERIANO, 1980, p. 11).

A população dos *anãsu* Katitãuhlu tem crescido nos dias atuais, de maneira que o número de falantes da língua Nütanyensu é notório, possibilitando análises fonológicas acentuadas.

Diante da extensão territorial da Terra, o povo *anãsu* da Terra Indígena Sararé e Paukalirajausu habita sete aldeias, sendo elas: Aldeia Sararé Central, habitados pelos Nütanyensu; Aldeia Figueira, habitado por Nütanyensu e *Kwalitesu*; Aldeia Serra da Borda – (aldeia seis), habitado por *Wahaitesu* e *Yanalititesu*; Aldeia Serra da Borda, habitados por *Wahaitesu*, *Yanalititesu*; Aldeia da Onça habitados pelos *Yanalititesu*; Aldeia PIV (Posto Indígena de Vigilância), habitados por *Katitãuhlu*, Aldeia Paukalirajausu, habitados por *Yanalititesu*, Nütanyensu e *Katitãuhlu*.

Estudos e observações revelam que há na Terra Indígena Sararé/Paukalirajausu remanescentes de outros povos como Nütanyensu, *Kwalitsu*, *Waihatesu* e *Yanaliritesu Santos* (2000, p.05) e (Almeida-Neto, 2004, p.90).

Observa-se que o pesquisador apresenta um fator histórico relevante que mudou o rumo da história do povo e que permitiu até nos dias atuais (2022) os movimentos em favor da reconstituição da identidade linguística do povo bem como a reocupação de seu território natal, abordado por Santos (2000).

Em 1997, os grupos *Katitaurlu*: *Waihatesu*, *Kwalitsu* e *Yanaliritsu*, reocupando os seus antigos territórios voltaram a construir as casas tradicionais. Hoje, as três aldeias novas, Serra da Borda, Aldeia Nova e PIV., todas a mais de 30 km do TI Sararé e *Nütanyensu*, abrigam mais da metade da população dos *Katitaurlu*, integrando representantes de grupos minoritários aos grupos majoritários. Por exemplo, a aldeia Serra da Borda assimilou a minoria *Yanaliritsu* ao grupo *Waihatesu*, sendo aceitável considerar Nilo *Yanaliritsu* como um integrante do grupo de Domingos *Waihatesu*, assim como Domingos também pode ser chamado de Domingos *Katitaurlu*.

A figura abaixo nos permite visualizar as localizações desses povos remanescentes dos povos da Terra Indígena Sararé.

Figura 1.9.2 - Povos remanescentes dos povos da Terra Indígena Sararé.

Essa teoria possibilita aos linguistas estudiosos de uma determinada língua se apropriar de técnicas de identificação de fonemas e elas são tradicionais nos trabalhos com línguas que não tiveram seus inventários fonológicos descritos, como é o caso da língua dos Katitãuhlu.

As técnicas apresentadas por Pike (1971 [1947]) trazem cada passo de como deverá ser feito as análises fonológicas da língua. Dessa forma, apresenta como esses passos devem ser conduzidos. Os passos da análise fonológica apresentados por Cagliari (2002) podem ser divididos em dois grupos: um que se refere à transcrição fonética (o *corpus*, a tabela fonética e os pares suspeitos) e o outro que se refere à interpretação fonológica (começa com os pares mínimos e vai até os processos fonológicos). Desse modo é possível averiguar as nuances de uma determinada língua partindo dessa metodologia.

A pesquisa se constitui em uma abordagem qualitativa e utilizou os seguintes instrumentos: registros fonológicos, observação participante, análise de documentos e entrevistas.

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de registros a partir de vivências com o povo Nambikwara Katitãuhlu. Os registros da língua falada ocorreram durante um período de vinte anos, de 1998 até 2018. No entanto, esses registros puderam se tornar possíveis, agora no tempo desta pesquisa, por meio das transcrições fonéticas e reverberar em estudos minuciosos, os quais trouxeram sustentação teórica para as análises fonológicas.

As pesquisas também aconteceram durante oficinas organizadas em parceria com o município de Conquista D'Oeste/MT e Comodoro/MT.

Durante esse tempo, vários materiais foram produzidos junto ao povo, como gravações de falas, músicas, materiais pedagógicos em língua materna e escritas de músicas, porém não havíamos nos proposto a transcrever foneticamente à língua.

Dessa forma, foi por meio desses materiais que pudemos elaborar, juntamente com os consultores indígenas, as transcrições fonéticas e análises fonológicas da língua Nambikwara falada pelo povo Katitãuhlu, mediatizados por pesquisas feitas, neste tempo, via WhatsApp e visitas de indígenas que frequentam minha casa situada na cidade Conquista D'Oeste, que fica a 30 quilômetros da aldeia, bem como trabalhos desenvolvidos como professor formador da língua indígena Nutajensu pela secretaria municipal de educação no município de Conquista D'Oeste/MT.

Agregamos às pesquisas já coletadas, dados da fala sonora por meio de entrevistas via WhatsApp, com colaboradores falantes da língua Nambikwara Nutajensu, povo que provavelmente a língua falada é majoritária os quais habitam em sete aldeias da Terra Indígena Sararé, sendo Aldeia Sararé, Aldeia seis, Aldeia Serra da Borda, Aldeia Paukalirajausu, Aldeia

Figueira, Aldeia da onça, localizadas na Terra Indígena Sararé e Paukalirajausu situados no município de Conquista D'Oeste/MT.

Organizamos os dados pela utilização da análise acústica e transcrição de dados sonoros por meio de aplicativo baixado em notebook, bem como utilização de microfone externo para os consultores. Isso com a finalidade de uma análise mais acurada dos sons elaborados pela língua dos Katitãuhlu, conforme se vê na figura abaixo.

Desta forma, apresentamos os detalhes desses caminhos metodológicos percorridos durante a pesquisa, explicitando, ao leitor, os motivos pelos quais optamos pelos instrumentos e a maneira como foram utilizados e analisados, especialmente para a realização da investigação da língua Nambiquara do povo da Terra Indígena Sararé e Paukalirajausu.

O povo Nambikwara do Sararé estabeleceu uma relação de aproximação com a população não indígena desde a década de 60 com a chegada do Pastor Gustavo que, vindo da Holanda fixou sua residência em Vila Bela da Santíssima Trindade em Mato Grosso, situada a 180 quilômetros das Terra Indígena Sararé e Paukalirajausu.

As terras estão situadas no Estado de MT, e sua população hoje conta aproximadamente com 200 pessoas. É um povo bilíngue, onde as crianças desde pequenas aprendem a falar sua língua ancestral e a língua portuguesa. Fato esse que possivelmente têm ocorrido alterações na língua falada

Na década de 1960 a 1975 a população indígena diminuiu de forma considerada. De modo que em 1960 havia 262 indivíduos, já em 1975 passou a 35 pessoas. Esse fato, segundo os estudos já apresentados nesta dissertação, ocorreu devido terem contraído doenças as quais eram desconhecidas por eles. Os dados do censo apresentado foi de que no início do século 20 havia por volta de 500 pessoas.

Os sobreviventes foram obrigados a travar lutas de resistência para não perder ainda mais seu território que tradicionalmente ocupavam, devido às fazendas que passaram a se instalar em suas terras tradicionalmente ocupadas pelos seus antepassados.

Dessa forma, desde o contato da MCB, 1960, e FUNAI, 1975, o povo tem se fortalecido, por meio de demarcações de suas terras pela FUNAI, e com os trabalhos sociais desenvolvidos pela MCB na saúde e educação. A missão desde os tempos de contato atuou incessantemente tanto na saúde indígena, por meio do hospital, situado na Vila Bela Da Santíssima Trindade, quanto em providenciar recursos para o funcionamento da educação escolar, na aldeia.

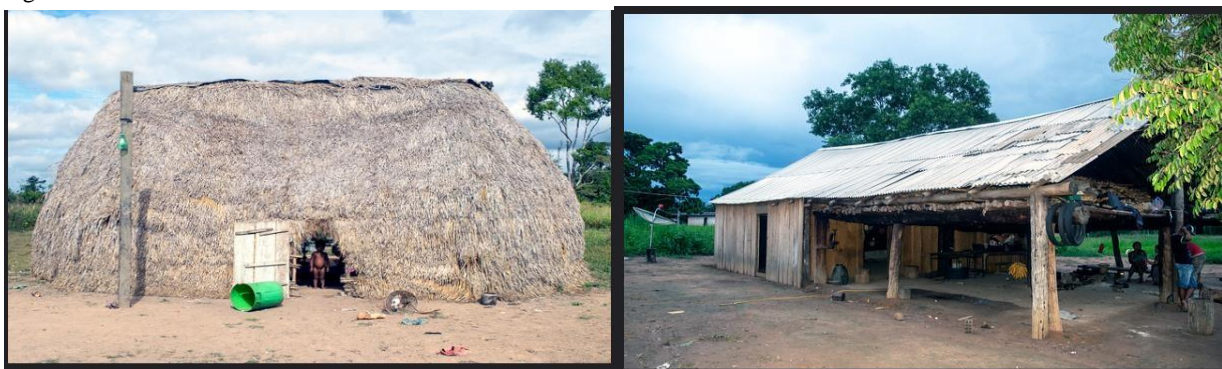
O povo do Sararé mantém uma relação harmônica com a natureza extraindo dela o necessário para sua sobrevivência e permitindo a recomposição dos ambientes explorados. De modo que, a comunidade se sustenta por meio da coleta de frutos, caça e no cultivo de milho,

mandioca e outros produtos como cana, cará e inhame, banana, mamão e frutas silvestres encontradas no cerrado e na floresta.

Para o povo do Sararé, os *anĩsu*, é exatamente dessa forma a vida deles com seus espaços sagrados, onde enterram seus mortos, geralmente no terreiro da própria casa e a morada dos seus espíritos também habitam a chamada de caverna, que ficam situadas ao norte da aldeia.

Nas figuras abaixo, podemos observar os tipos de casas que são construídas pelos *anĩsu* Katitãuhlu, nos dias atuais.

Figura 1.9.3 – Modelos de casas Nambikwara Katitãuhlu



Fonte: Luiz Carlos de Oliveira (2021)

Vários aspectos de sua cultura têm sido apresentados em eventos promovidos pelo município onde habitam, Conquista D'Oeste/MT. Vejamos um deles, na figura abaixo:

Figura 1.9.4 – Festa da menina moça



Fonte: fotógrafos Paulo (2019).

As fotos representam uma das festas na Terra Indígena que nos dias atuais tem sido alvo de turismo para não indígenas que não conhecem a beleza retratada da cultura dos Katitãuhlu.

Conforme passava o tempo percebíamos que aparentemente havia ausência de manifestações nitidamente peculiares na cultura do povo daquele território. Não percebíamos nenhuma articulação para festa e nem notávamos movimentos de pequenos grupos ou famílias que manifestassem valores que pudessem ser destacados.

Num certo momento comentei com minha esposa Rita que eu ia começar a lançar questionamentos para ver se poderia descobrir algum detalhe. Ela também ficava intrigada com aquele silêncio ou discrição do povo. E foi o que fiz a partir de então. Perguntei se tinham músicas, danças, ou outro costume tradicional. Um fato interessante a ser destacado, é que o toque da flauta realizado pelos homens, geralmente à noite, nunca fora interrompido e sempre ocorria.

Naqueles dias uma criança chegou e disse que quando começasse a escurecer eu deveria ir até a cobertura da escola para apreciar o momento em que aquele chefe de família mostraria, junto com sua família, um pouco de cantos e danças tradicionais. Inesperado e impactante foi aquele momento. O pequeno grupo cantou e dançou uma sequência de músicas e me convocava para acompanhá-los. Me esforcei para emitir sons aproximados dos deles e com a qualidade de afinação nas melodias que entoavam, tarefa nada fácil quando se está dentro de uma sociedade de exímias cantoras e cantores, que são eles.

Ao final, carinhosamente, me perguntaram se havia gostado, e eu só conseguia responder que estava encantado com aquela beleza tão peculiar. Então me disseram que outro dia teria mais música. Daí pensei, falando com Rita, cheio de empolgação, que agora tinha como inserir as músicas tradicionais nas aulas. Conseguir a escrita demorou mais do que o planejado porque os cantos acontecem e são interpretados enquanto se canta, logo, definir uma escrita para as músicas determinadas foi um desafio tanto para os Anũsu quanto para mim.

Nossas aulas eram oficinas de contação das histórias trazidas pelos ancestrais e também da história atual, havia momento de cantar músicas referentes a elementos da natureza, que podia ser o marimbondo, o pica-pau, e outros temas que eles costumavam cantar, e havia ainda momentos de conversas a respeito das músicas cantadas.

Longas conversas ocorriam sempre que pedíamos uma tradução da música cantada. Não demorou para entendermos que não havia uma tradução literal e fixa para a música cantada; o que havia era uma tradução curta sobre a qual se travavam longas conversas em que empregavam narrativas fundamentadas na ancestralidade e cosmologia dos *anũsu*, tratados como Nambikwara do Sararé ou Katitãulhu.

Fora uma experiência inexplicável o intento de escrever as músicas outrora presentes na oralidade dos momentos do canto. Um dos “alunos” que mais incentivou esse trabalho e

declamava as músicas na escola, era o Capitão¹³ Américo Katitãuhlu, grande defensor da escola na aldeia, o qual faleceu no mês de junho do ano de 2022. A escrita dessas músicas era organizada durante as aulas juntamente com ele, Américo, que pronunciava de forma eloquente e ensinava com muita perseverança.

Figura 1.9.5 - Américo durante as aulas nas produções das músicas na Língua Katitãuhlu.



Fonte: acervo do professor Sérgio Beck de Oliveira, 2008.

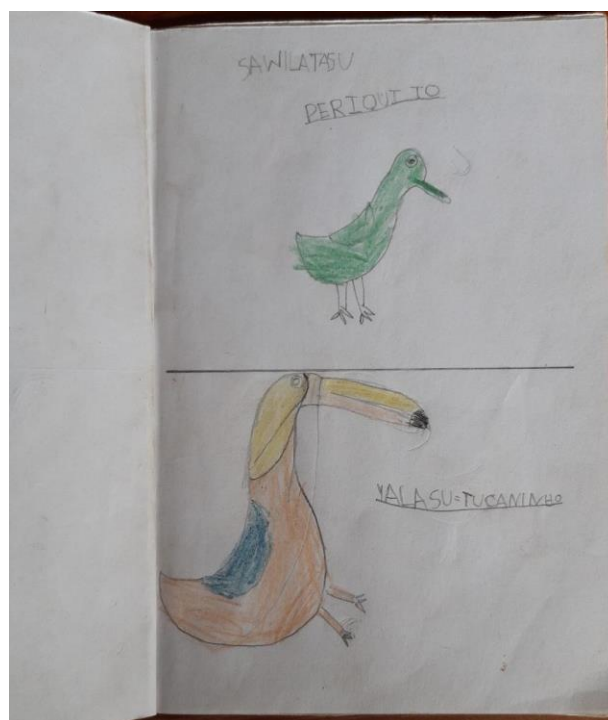
Figura 1.9.6 – Material produzido nas aulas das músicas em Língua materna, pelos estudantes.



Fonte: Sérgio Beck de Oliveira.



¹³ Era assim tratado e o próprio Américo se intitulava de Capitão, termo que ficou muito usado nesta região para se referir a lideranças, propagado pelos contatos com Marechal Rondon quando atravessou a linha telegráfica no início do século XX.



Nas páginas apresentadas, os estudantes *anĩsu* ditavam as letras das músicas, que entoadas com harmonioso encantamento melódico. E após repetições chegavam a uma possível definição resumida da letra para ser escrita. De modo, que as páginas dos livros de músicas eram registradas imagens a palavras chaves da música do dia. Escrivê-las eram momentos preciosos em nossas aulas de alfabetização, nas quais Américo Katitãuhlu, juntamente com suas esposas, defendiam seus costumes, suas músicas, suas danças, sendo os mentores na construção daquelas aulas.

Durante todo o tempo no trabalho com os Katitãuhlu procurei contribuir com as comunidades envolvidas a fim de propor reflexões sobre a própria língua, pois eu havia aprendido que é uma forma de respeito aos *anũsu*, os quais expressam o anseio de que o próprio idioma deve ser priorizado e as produções textuais precisam atender às expectativas da etnia.

A comunidade indígena sempre expressou seus anseios pela implantação de um programa de assessoramento linguístico, objetivando efetivar o desenvolvimento de projetos de produções escritas, em Língua Materna – a língua ancestral. Por isso, organizamos um projeto, com apoio da comunidade Katitãuhlu e com a professora Sara Barros do Nascimento atuante na Terra Indígena Sararé/Paukalirajausu, especificamente na Escola Indígena Walokayensu, denominado de “*Projeto de incentivo às práticas de produção textuais, em língua materna da Terra Indígena Sararé*”.

A partir disso buscamos o apoio da Prefeitura Municipal de Conquista D’Oeste a fim de assegurar a língua escrita do idioma Nambikwara do povo Katitãuhlu com suas nuances culturais. Dessa forma acentuou a necessidade de ampliar a compreensão da língua materna dos Anũsu.

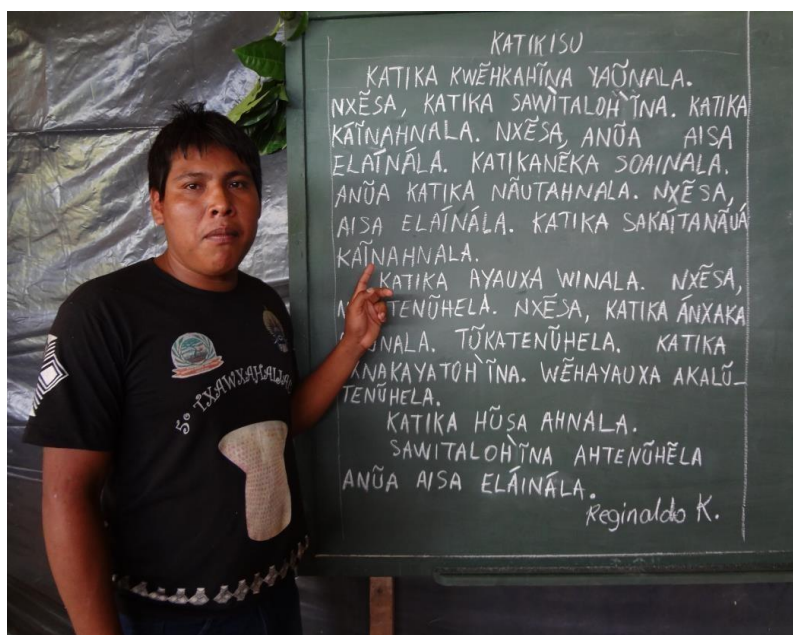
Esta pesquisa, portanto, dará voz a todo esse trabalho e formalizará, através das transcrições fonéticas, a língua escrita do povo Katitãuhlu.

Os Nambikwara Katitãuhlu participaram ativamente desta pesquisa e mostraram muito interesse para que sua língua fosse pesquisada; de modo que houve um empenho de homens, mulheres, crianças, ou seja, toda a comunidade trabalhou para que essa pesquisa acontecesse e se realizasse. Então, não me sinto confortável para chamá-los consultores. Este fragmento de capítulo fica melhor quando tratamos como “Senhores da pesquisa”.

Um dos primeiros senhores da pesquisa que me ensinou pacientemente os primeiros vocábulos da língua Katitãuhlu foi Américo Katitãuhlu, que durante esta pesquisa veio a falecer. Américo provavelmente foi o representante majoritário dos remanescentes Nũtanyensu, cuja língua, pode ser a majoritária na TI. Sararé.

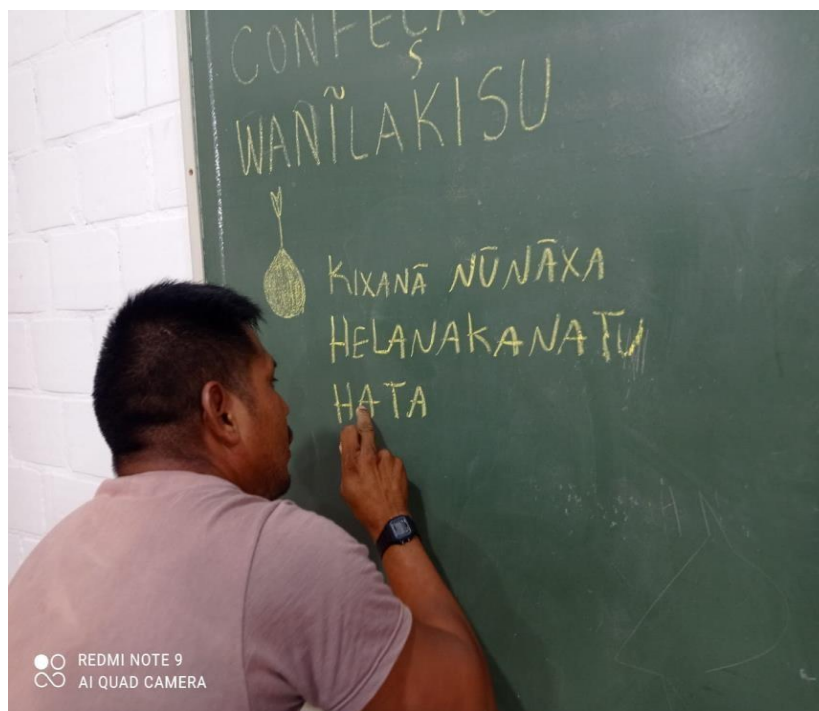
No tempo em que ele estava com todo vigor, quando chegamos na aldeia (1998) passou a ensinar suas músicas e pudemos transcrever várias delas as quais auxiliavam no ensino dos estudos na escola.

Figura 1.9.7 - Reginaldo, professor indígena, formado no Projeto Haiyô.



Fonte: Sara Barros, 2012.

Figura 1.9.8 - Consultor Athos Katitāuhlu.



Fonte: Sara Barros, 2022.

Figura 1.9.9 – Consultores na Aldeia Sararé central (2022)



Fonte: acervo Sérgio Beck de Oliveira, 2022

Figura 2– Consultor Aritana Katitãuhlu



Fonte: acervo Sérgio Beck de Oliveira, 2022

Para compor as análises, recorreremos às literaturas de trabalhos prévios sobre as línguas Nambikwara, Kroeker (2003), Borella (2003), Telles (2002), Araújo (2004), Eberhard (2009), e outros, além da literatura disponível (teses e artigos) sobre as línguas indígenas Nambiquara.

Durante a estadia na aldeia que durou 11 anos, de 1998 a 2009, mediante estudos com

os linguistas Kroeker, os consultores indígenas e estudos da língua Nambikwara, conseguimos uma primeira escrita da língua dos Katitãuhlu.

Para adequar a demanda da pesquisa foi necessário ainda, recolher junto aos consultores indígenas mais informações, tendo em vista que durante este tempo de estudos sob a ótica da análise fonêmica, percebemos a possibilidade de haver outras línguas inseridas na Terra Indígena Sararé. Nos comunicamos bastante através de WhatsApp com muita gravação de áudios. Meu aparelho celular é um Samsung A 30 e conectado ao meu computador, um HP Intel CORE i5, possibilitou a transferência das gravações para o aplicativo instalado neste. Por meio de oficinas na aldeia Sararé, utilizamos notebook, microfone e programa adequado para fazer as transcrições fonéticas.

Ana Maria, em sua obra *O Homem Algodão* (Costa, 2009), apresenta um rico detalhamento sobre os povos da família linguística Nambikwara e suas respectivas localizações. A pesquisadora destaca que os vínculos linguísticos e valores culturais semelhantes são características perceptíveis, contudo também é nítida uma hostilidade que se apresenta no relacionamento entre esses povos e que estabelece suas fronteiras territoriais físico culturais.

Ana Maria registra o relacionamento hostil entre os Wasusu e os Katitãuhlu (Costa, 2009, p.62) ainda que os Wasusu são os mais próximos dos Katitãuhlu em território físico e possivelmente cultural e que entre os tais pode ser visto alguns casamentos em tempos passados e também na atualidade.

Dessa forma, as oficinas permitiram observar detalhes linguísticos e distinções relevantes, entre os povos do Vale do Guaporé, apesar de que naquele tempo registramos a língua sem transcrição fonética, pois o trabalho se intensificou apenas na escrita, devido a urgência que os indígenas solicitaram para a escrita da língua *Anã* Katitãuhlu no ambiente escolar.

Abaixo apresentamos alguns registros, que hoje, podemos dizer seriam ensaios para futuro registro e pesquisas da língua falada desses povos, como apresenta a foto abaixo de cada língua Nambikwara.

Figura 2.1 - Imagem fotográfica – Professor Sérgio Beck ministrando oficina da língua Nambikwara aldeia Alantesu



Fonte: Professora Sara Barros/2013

Portanto, esta pesquisa colabora para um entendimento linguístico para os Nambikwara do Vale, literalmente, os que ocupam predominantemente o Vale do Guaporé. Estavam representados naquele encontro, conforme a imagem acima, os Alantesu, os Nŭtajensu ou Sararé (Nŭtanyensu - conforme pensamos ser melhor a escrita hoje), os Wanailisu ou Manairisu e os Tahyensu ou Wasusu.

CAPÍTULO II

ESTUDOS SOBRE A FAMÍLIA LINGUÍSTICA NAMBIKWARA

Quando estudamos a língua Nambikwara podemos observar que há várias produções científicas a respeito da constituição linguística dessa nação, e notamos que existem peculiaridades que se evidenciam na fala dos tais e são necessárias para os estudos.

Neste capítulo apresentamos algumas investigações de pesquisadores a respeito da língua Nambikwara falada, as quais parecem ser bem distintas a língua falada dos Nutajensu, haja visto, que existem poucos registros dessa língua pesquisada.

A seguir apresentaremos, algumas produções a respeito da fonologia da língua Nambikwara.

A entrada nas Terras Nambikwara se deu por meio da construção da linha telegráfica que perpassou a vida desses povos, através, através da Comissão De Rondon. Na ocasião, o Governo Federal passou a construir uma linha telegráfica entre Cuiabá e Porto Velho, segundo Price (1972, p. 22). Desde então, os Nambikwara passaram a ter um contato contínuo com a sociedade não-indígena. Os primeiros pesquisadores, então apareceram em expedições, a fim de desvendar os mistérios das línguas Nambikwara existentes.

Dentre eles, o que mais tem registros dos primeiros estudos linguísticos da língua Nambikwara são: Bárbara Kroeker (1982) e Menno Kroeker (2001), alguns antropólogos registraram a fonologia da família linguística Nambikwara, tais como Boglár (1960); Lowe (1986) e David Price (1972), como também estudos mais recentes de Souza Netto (2018), Costa (2020) e Santana, Y. Nambikwara e S. Nambikwara (2020), Borella (2002).

2.1 Ivan Lowe

O pesquisador Ivan Lowe foi companheiro de Menno Kroeker quando este chegou às terras brasileiras em Mato Grosso, especificamente na aldeia Serra Azul e Camararé por volta de 1960 a fim de pesquisar a língua Nambikwara dos Kithãuhlu. Sua proposta foi apresentada em 1986, abaixo apresentamos o quadro fonológico sugerido por ele da língua do povo.

Quadro 1.1.3 – Quadro fonológico das consoantes Nambikwara, da língua Kithãuhlu, proposto por Lowe, em 1986.

	Labial	Labiodental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva Plena	p		t			k	ʔ
Implosiva			ɖ				
Fricativa			s				h
Africada				tx			
Nasal			ɳ				
Flepe			ɾ				
Lateral			l				
Glide		w			j		

Fonte: Lowe (1986). Adaptado por Sérgio Beck de Oliveira.

2.2 Estudos de Menno Kroeker

Apresentamos aqui uma das mais antigas investigações a respeito da fonologia da língua Nambikwara a qual possibilitou a escrita da língua materna em diversos povos Anãsu.

Menno Kroeker, é membro da SIL, pesquisador que realiza pesquisas entre os Nambikwara desde 1960, quando chegou ao Brasil. Suas pesquisas se tornaram um marco até nos dias atuais, pois foi o primeiro pesquisador linguista que apresentou instrumentos lingüísticos palpáveis da Língua Nambikwara.

O autor relata que as pronúncias das aldeias podem variar no que se refere aos significados das palavras. Para ele, as diferenças se dão principalmente entre os Katitãuhlu, o que reforça nossa ideia de que é possível que a língua seja diferenciada das demais em alguns aspectos como a tonalidade.

O autor menciona em sua gramática descritiva que

A ortografia prática está sendo usada nos exemplos desta gramática menos da seção sobre fonologia. Há algumas diferenças da língua portuguesa. A parada glotal se escreve com x; o ç se escreve sempre com s; todas as demais palavras com c, e que se escreve com k; rr se escreve com h; nh; lh, são consoantes mudas. Sendo uma língua tonal se marcam três tons com os números superscrito ¹, ² e ³. As vogais sublinhadas

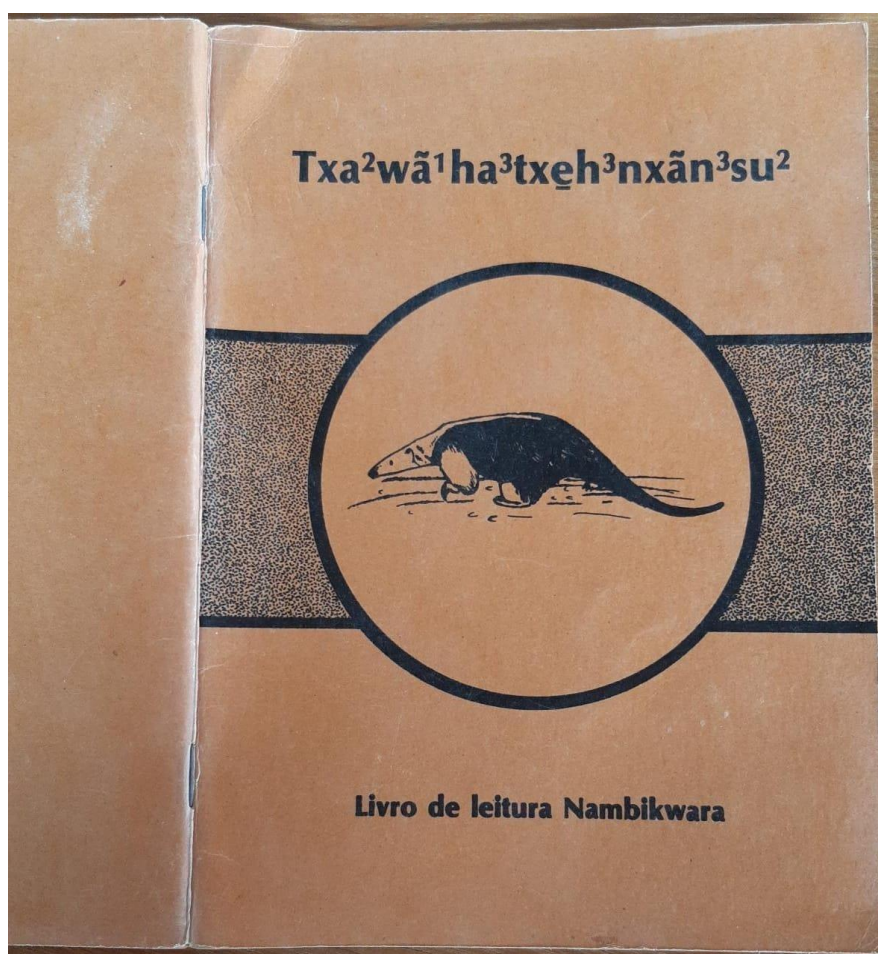
são laringalizadas. Duas vogais juntas na mesma sílaba são consideradas ditongos. (KROEKER, 2003, p. 04)

Percebe-se que o autor, ao analisar a fonologia da língua, procurou, embora não fosse brasileiro, aproximar a escrita em língua portuguesa, inclusive utilizando-se da letra “x” para representar o som do glotal [ʔ] que pode ser pré silábico, silábico e pós silábico.

Ao longo dos trabalhos linguísticos Menno produziu estudos e registros da língua Nambikwara de histórias contadas pelos idosos, manual de alfabetização bem como hinos e textos bíblicos como Txa²wã¹sũ³na² Wãn³txa² o Novo Testamento na língua Nambikwara do Brasil, o pentateuco e o filme Jesus.

Apresentamos abaixo algumas figuras de publicações que o pesquisador organizou e que podem ser utilizadas no contexto da educação escolar na língua Nambikwara.

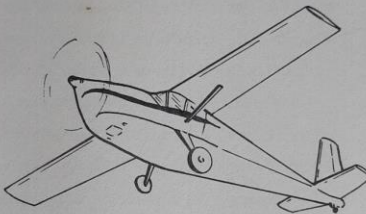
Figura 2.2 Livros de leitura e alfabetização na língua Nambikwara



entar ao progra-
elaborado e tes-
atrocinado pela
nstitute of Lin-
n Nambikwara.

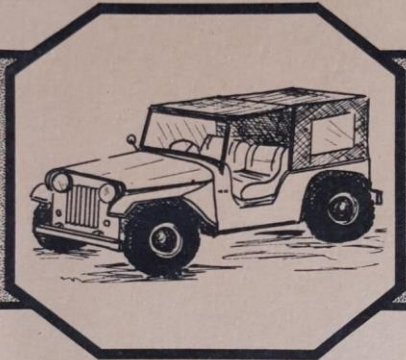
**Kwa³jan³ta² wã³nxũ¹hain³sxã³
we¹tain¹kxi³sa²jau³su¹**

Ha³lo^{a2} kxã³nhxi¹naix³tã² kwa³jan³ta²
yxau²xai³lh¹naix³tã² oh³xan¹ka³lo^{a2} ã³wih¹-
sxã³ ã³nxai³ain¹tet²yu²hai¹!a²? Te²yã¹nxe³-
sxã³ hi³ye³ka³lo^{a2} yuh³xan¹ka³lo^{a2} ã³wih¹-

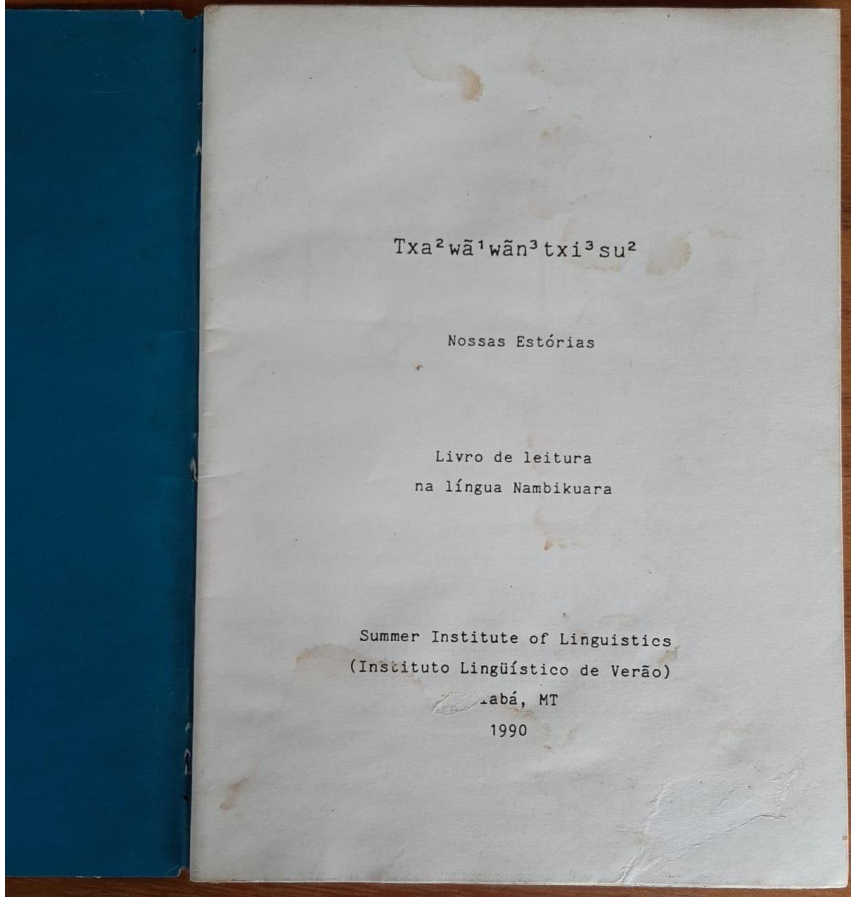


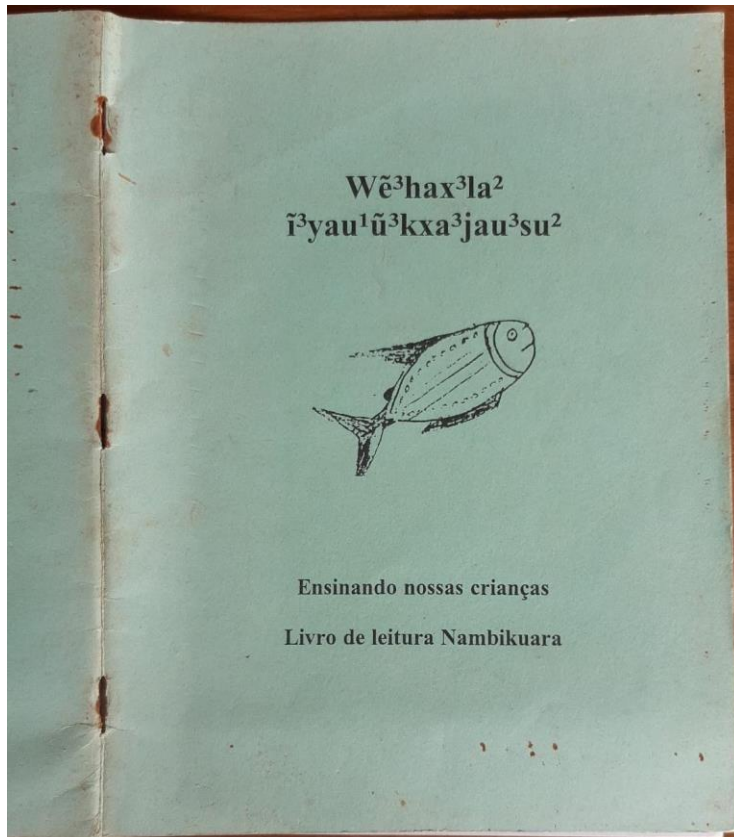
231-8.06.120-1C 1

**Kwa³jan³ta² wã³nxũ¹hain³sxã³
we¹tain¹kxi³sa²jau³su¹**



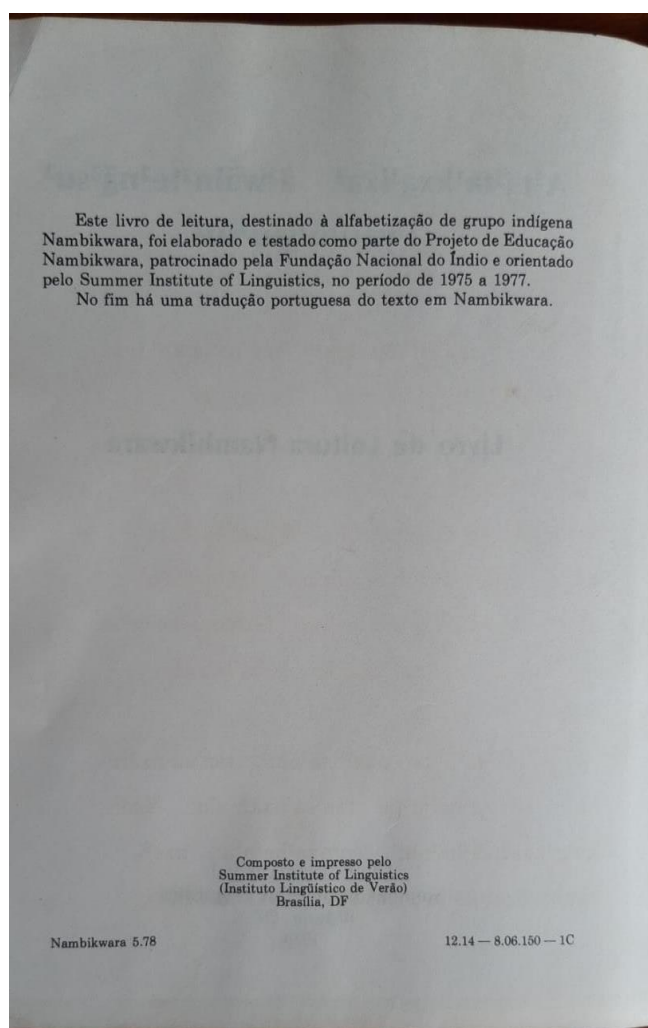
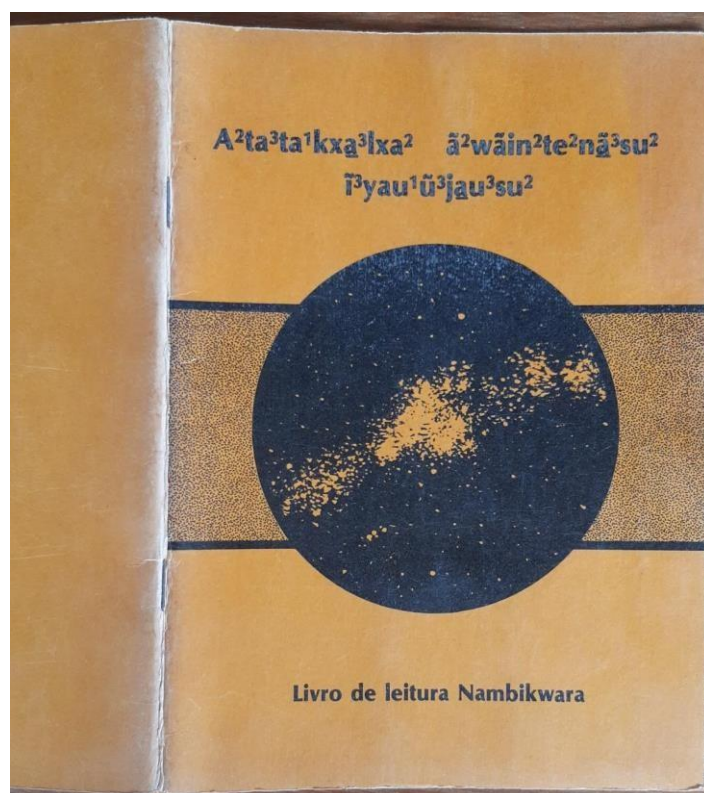
Livro de leitura Nambikwara





Livros produzidos pela Sociedade Internacional de Linguística (SIL) para o programa de alfabetização do povo Nambikuara:

Cartilhas	
Txa ³ wā ³ ha ³ txeh ³ nxā ³ su ² 1	Cartilha 1
Txa ³ wā ³ ha ³ txeh ³ nxā ³ su ² 2	Cartilha 2
Txa ³ wā ³ ha ³ txeh ³ nxā ³ su ² 3	Cartilha 3
Livros de leitura	
Ka ³ yuh ³ ka ² ĩ ³ yau ¹ ũ ³ jau ³ su ² 1	Histórias de Animais 1
Ka ³ yuh ³ ka ² ĩ ³ yau ¹ ũ ³ jau ³ su ² 2	Histórias de Animais 2
Ka ³ yuh ³ ka ² ĩ ³ yau ¹ ũ ³ jau ³ su ² 3	Histórias de Animais 3
Txa ³ wā ³ wān ³ txā ³ su ²	Nossas Histórias
Ha ³ lo ³ a ² yxau ³ xai ³ ki ³ ko ³ su ²	Defendendo Nossa Terra
Ha ³ lo ³ a ² ai ³ sxā ³ o ³ la ³ kxi ³ ki ³ jau ³ su ²	Caçadas e Viagens
Ti ³ kxa ³ lxa ³ wān ³ txā ³	Histórias do Tamandú
Txa ³ wā ³ ha ³ txeh ³ nxān ³ su ² 1	Mitos
Txa ³ wā ³ ha ³ txeh ³ nxān ³ su ² 2	Caçadas e Trabalhos
Txa ³ wā ³ ha ³ txeh ³ nxān ³ su ² 3	Algumas Lendas Nossas
A ³ ta ³ ta ³ kxa ³ lxa ³ ā ³ wān ³ te ³ nā ³ su ²	História da Via-Láctea
ĩ ³ yau ¹ ũ ³ jau ³ su ²	
Kwa ³ jan ³ ta ³ wā ³ nxū ³ hain ³ sxā ³	História do Transporte
wē ³ taim ³ kxi ³ sa ³ jau ³ su ²	Várias Lições
Wān ³ txā ³ ĩ ³ yau ¹ ũ ³ nen ³ jau ³ su ²	(álcool, drogas, AIDS)
A ³ nū ³ a ² ā ³ xā ³ ĩ ³ yau ¹ ũ ³ jau ³ su ²	Lendas de outros Grupos
Sai ³ ki ³ na ³ ka ² ĩ ³ yau ¹ ũ ³ jau ³ su ²	Lenda dos órfãos
Wān ³ txā ³ ũ ³ wha ³ li ³ li ³ na ³ jau ³ su ²	Nossas Histórias e Experiências
Wē ³ hax ³ la ² ĩ ³ yau ¹ ũ ³ kxa ³ jau ³ su ²	Ensinando Nossas Crianças
Txa ³ wā ³ nū ³ ka ³ txi ³ su ²	Nosso Povo - Um Censo da População Nambikuara
Wax ³ ju ³ li ³ ta ³ a ² wān ³ te ³ a ²	
wxe ³ nū ³ ki ³ ju ³ ta ³ ĩ ³ yau ¹ ũ ³ jau ³ su ²	Festa da menina moça



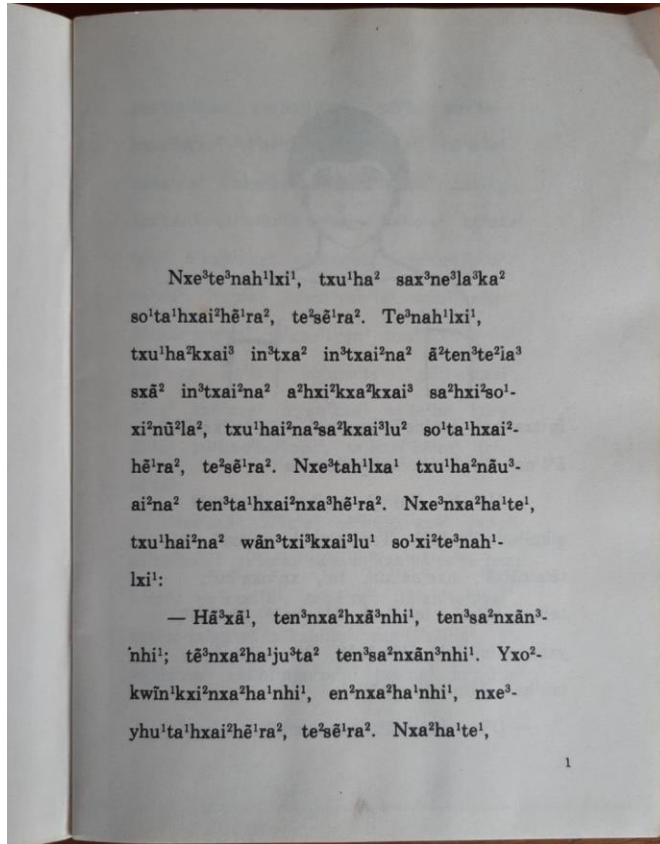
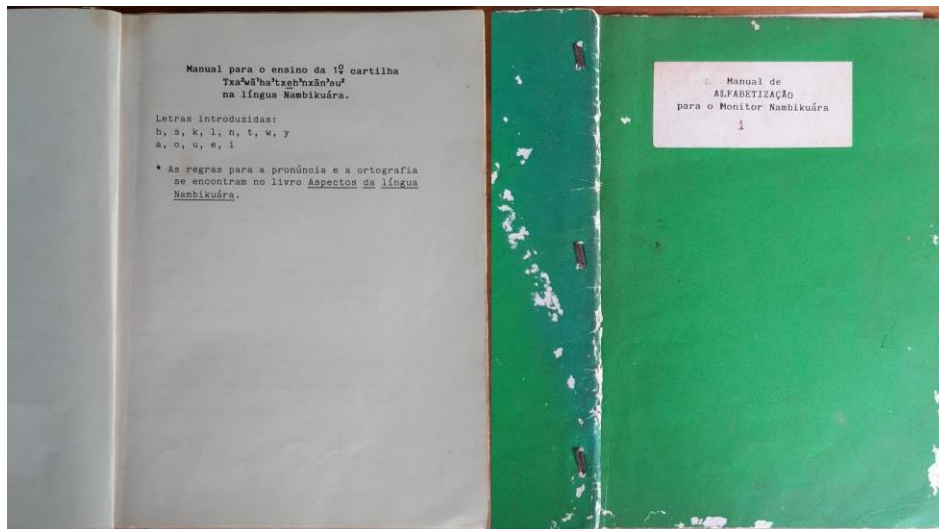
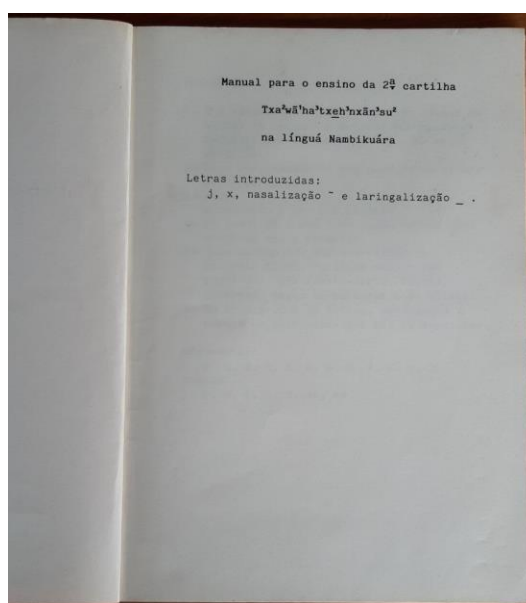
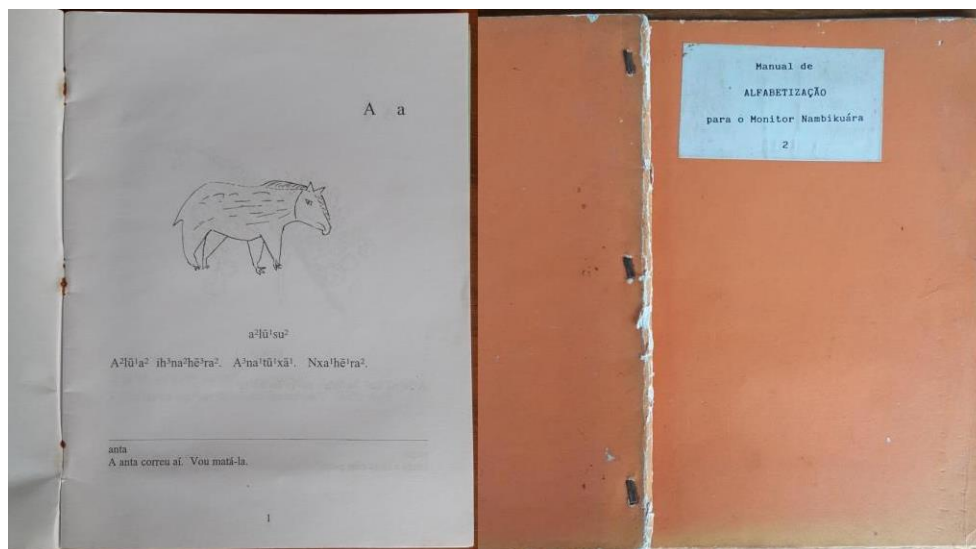


Figura 2.2.1 Manual de alfabetização para monitor indígena 1





Fonte: Kroeker, 1998.

2.3 Estudos de Bárbara Kroeker

A pesquisadora Barbara Kroeker é esposa de Menno Kroeker, membro da SIL e que durante 30 anos organizou, junto aos povos Nambikwara, os aspectos da língua Nambikwara. Para os estudos da fonologia, sua contribuição se dá quando organizou os fonemas existentes na língua Nambikwara e que estes estudos se tornaram fundantes para novos outros que desde então tem acontecido.

A pesquisadora iniciou as pesquisas junto aos Nambikwara do cerrado mais intensamente nas aldeias Camararé e Serra Azul quando se casou com Menno Kroeker, o qual já caminhava com seus estudos linguísticos entre esse povo.

A gramática da língua Nambiquara, como se observa no quadro abaixo, produzida por Bárbara Kroeker (2003) apresenta aspectos relevantes para compreensão da estrutura

fonológica da língua, conforme se vê no quadro elaborado pela autora.

Figura 2.2.2 – Figura das vogais e consoantes em Língua Nambikwara

Consoantes		Vogais	
Som	Símbolo	Som	Símbolo
p	p	a	a
b	b	e	e
t	t	i	i
d	d	o	o
s	s	u	u
h	h	ai	ai
m	m	au	au
n	n		
l	l		
r	r		
k	k		
?	x		
w	w		

A nasalização é indicada por ~
A laringalização é indicada por _
As duas séries também ocorrem laringalizadas.

Fonte: Gramática Kroeker (2003).

Desse modo, percebe-se que a língua Nambikwara é tonal marcada por Kroeker por sistema numérico.

A língua Nambikwara, portanto, se apresenta da seguinte forma por Kroeker. O tom decrescente é representado pela marca 1 acima da sílaba. O tom ascendente é marcado com o 2 acima da sílaba. O tom grave é marcado na sílaba com 3.

A língua Nambikwara do Vale do Guaporé compreende os ramos Nambikwara do Norte e Nambikwara do Sul, conforme se observa no quadro abaixo que, segundo o pesquisador “embora as línguas Nambikwara sejam consideradas tonais e acentuais, estudar mais detalhes ainda se fazem necessários para estudos mais conclusivos” (Kroeker, 2003, p.15).

Dessa forma observa-se através das pesquisas já desenvolvidas e produções de matéria is apresentados acima as semelhanças e diferenças fonéticas e fonológicas entre a língua do povo Nambiquara e a língua oficializada no país.

2.4. Os estudos de Boglár

O pioneiro pesquisador que apresentou registros fonéticos da língua Nambiquara não foi um linguista, mas um antropólogo, em 1960, Boglár. O objetivo principal do pesquisador foi elaborar um dicionário bilíngue Nambikwara-inglês. A pesquisa se restringiu aos Wakalitesu e Halotesu, conforme Neto (2018, p. 95).

O quadro abaixo apresenta as consoantes que Boglár pesquisou

Quadro 1.1.4 – Consoantes de Boglár

	Labial	Labiodental	Alveolar	Alveolopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva plena	b		t d			k g	
Fricativa			s				h
Africada			ts				
Nasal	m		n			ŋ	
Flepe			f				

Fonte: Neto, 2018

Segundo o pesquisador, Neto (2018, p. 98) aponta que nos aspectos das vogais propõe uma grafia próxima a língua portuguesa e as consoantes de sua transcrição fonética são 15, sendo elas “ b, d, k, l, m, n, r, t, g, h, ng (como na palavra anger em inglês), s, ts, y (como em inglês youth) e w”.

Para as vogais, o autor utiliza os parâmetros da grafia do português: a, e, i, o, u. Existe o diacrítico, utilizado para designar sons mais longos para as vogais previamente mencionadas e “para a vogal alta posterior u, sendo grafada ü para indicar a pronúncia desta vogal com a mesma qualidade da vogal ‘u’ na palavra francesa lumière. Boglár também marcou em seu estudo a nasalização das vogais, o acento dinâmico e o enfraquecimento vocálico em algumas sílabas, marcado pelos diacríticos () (NETO, 2018, p.98).

Os estudos de Boglár permitem que avancemos em nossas pesquisas, tendo em vista a singularidade do povo Katitãuhlu nos aspectos linguísticos. Portanto apresentamos as análises dos ambientes idênticos das vogais e das consoantes.

2.5 Estudos sobre os Katitãuhlu

Nesta subseção apresentamos o que já foi pesquisado do repertório linguístico dos povos remanescentes da Terra Indígena Sararé e Paukalirajausu, sendo que, conforme nossas pesquisas, há um estudo elaborado pela linguista Cristina Borella. Sua pesquisa ocorreu durante o ano de 2002, quando estávamos residindo na Aldeia Sararé Central com o povo Katitãuhlu.

Um dos primeiros registros dos estudos linguísticos foram organizados pelos pesquisadores Bárbara Kroeker (1982) e Menno Kroeker (2001), e que nos dias atuais há uma grande fonte de pesquisas, principalmente com o povo Kithãuhlu e Nambikwara do cerrado.

Provavelmente, devido ao acesso ter ocorrido bem antes que o vale, local onde se situam os Katitãuhlu. Nossas pesquisas se voltam com os Katitãuhlu, pois nossos dados observaram poucas pesquisas com o povo e um deles, além de Menno Kroeker, a pesquisadora Borella (2002) a qual focou na morfologia verbal da língua dos Katitãuhlu e não houve pesquisa relacionada a tons.

Apontaremos, neste debate, autores que pesquisaram, num primeiro momento, a língua dos Katitãuhlu, como por exemplo estudos de Borella (2002) sobre os morfemas derivacionais, os quais constituem marcadores singulares.

Nesse sentido, a autora chega a conclusão em seus estudos que:

A língua Sararé apresenta um sistema de sufixos derivacionais que classificam a raiz nominal ao qual se afixam. Tais sufixos, também ocorrem em outros níveis da gramática da língua, com função anafórica, tal fato nos permite categorizá-los como morfemas classificatórios. Assim, podemos dizer que estas formas presas apresentam uma sobreposição funcional, já que ocorrem em processos de derivação nominal e no sistema de classificação nominal (BORELLA, 2003).

Além dessa pesquisa com os Nambikwara Katitãuhlu, a autora observou aspectos da morfologia verbal da língua dos Katitãuhlu, de modo que “O Sararé, como as demais línguas pertencentes a família Nambikwara, apresenta uma morfologia com complexas afixações nas formas verbais. O verbo é composto de, predominantemente, sufixações e algumas prefixações” (Borella, 2003).

A pesquisadora Borella (2003) concentrou suas pesquisas junto aos Katitãuhlu na constituição do nome, ou seja, sua pesquisa foi intitulada de Manuscrito sobre a morfologia do nome no Sararé (2003) e o artigo da mesma autora intitulado de “Aspectos da morfologia verbal da língua Sararé” (2002).

Nesse sentido, Costa (2003, p.70) apresentou um resumo da pesquisa de Borella dizendo que

A construção nominal em Sararé possui a mesma construção morfológica vista em outras línguas da família Nambikwara, ou seja, a presença de um elevado número de afixos (caracterizando a polissíntese da língua), sendo apenas a posse marcada de forma prefixal. O nome é considerado uma classe de palavras aberta e tem como subcategoria os pronomes livres, esses, por sua vez, são considerados de tal forma por apresentarem o mesmo comportamento sintático dos nomes e comportamento sintático dos nomes e por receberem parte da morfologia nominal, segundo a autora.

A pesquisadora Borella (2005) afirma ser o Sararé a única língua da família Nambikwara do Sul a apresentar uma marca obrigatória de inalienabilidade, distinta dos

prefixos possessivos. Salienta que a forma *a-* pode aparecer em nomes alienáveis e inalienáveis, além de ter a função prefixal de terceira pessoa.

A pesquisadora constatou que há diferenças salientes entre a língua dos Katitãuhlu e os Kithãuhlu, embora a literatura linguística vem tratando o ramo linguístico dos Nambikwara do Sul como dialeto. Esse pensamento vem reforçar nossas pesquisas de que o repertório linguístico dos povos remanescentes do povo Katitãuhlu apresentam diferenças substanciais e necessárias de serem pesquisadas.

Um dos pesquisadores mais utilizados em pesquisas de Nambikwara é Menno Kroeker o qual produziu uma gramática descritiva da língua Nambikwara, um dicionário bilíngue em Língua Nambikwara-Língua Portuguesa; Língua Portuguesa-Língua Nambikwara.

Ainda dentre os pesquisadores da língua Nambikwara está Bárbara Kroeker a qual contribuiu para os estudos da fonologia. A publicação da pesquisadora é datada de 1988 a pesquisa foi desenvolvida entre os Nambikwara do cerrado e apresentou um quadro dos fonemas existentes na língua Nambikwara, sendo 18 consoantes e 7 vogais.

O pesquisador Menno Kroeker produziu a gramática descritiva, publicada em 2001 e a primeira edição em português em 2003.

Em seus estudos apresentou os aspectos fonológicos da língua e no que concerne às consoantes sua pesquisa revelou a presença de uma oclusiva alveolar implosiva que se mostra nas falas de pessoas idosas (KROEKER, 2003, p.108).

Dessa forma, Kroeker (2003) explica que cada sílaba deve ser marcada por um dos três tons fonêmicos. Em sua análise constatou a ocorrência de um tom descrito como grave, um ascendente e um decrescente. Foram marcados na ortografia prática pelos números de índice superior ¹, ² e ³. Indicam respectivamente tom decrescente, ascendente e grave/baixo estável. O pesquisador observou que em Kithãuhlu funcionam independentemente da nasalização e da laringalização (KROEKER, 2003, p. 110).

O primeiro registro que faz referência da marcação do tom é os estudos de Price (1972, p. 310). O autor faz menção de três tons fonêmicos na língua do cerrado, sendo eles: alto/ascendente; baixo e descendente. Segundo o autor, o tom alto é nivelado em vogais curtas e é significado pelo acento agudo: ascendente nas vogais longas: /á, é, í, ó, ú / . O tom baixo é sempre nivelado. É representado pela ausência de qualquer diacrítico sobre as vogais: /a, e, i, o, u/. O tom descendente é representado pelo acento grave: /à, è, ì, ò, ù/. Ainda, faz menção de

que, por convenção, diacríticos indicando nasalização, laringalização e tom são escritos apenas no primeiro membro de um ditongo, embora se apliquem a todo o ditongo. Os ditongos, vogais nasalizadas, vogais que precedem ressonantes e vogais em sílabas fechadas tendem a ser longas e recebem um pouco mais de ênfase do que outras vogais.

Nos estudos realizados por Kroeker (2003, p. 110) os tons são contrastivos e suas realizações distintas independem da presença dos elementos como: glotalização, laringalização e nasalização e este sistema tonal é autônomo, não há uma relação entre o tom alto e a marcação do acento. Para ele a língua se marca com três tons com os números superscrito ¹, ² e ³. As vogais sublinhadas são laringalizadas.

O povo Katitãuhlu é apresentado por Eberhard (2009) como pertencente à família linguística Nambikwara e incluso no complexo linguístico Nambikwara do Sul.

Assim como a língua dos Katitãuhlu, Eberhard (2009) classifica a língua dos Mamaindê como polissintética, e que em seus estudos pesquisou o sistema de classificadores nomina is para compreender melhor tais características.

O povo mamaindê habita no Vale Guaporé dentro do conjunto Nambikwara do Norte, na família linguística Nambikwara. Esta família se espalha pelo norte e oeste do estado de Mato Grosso, na divisa com a Rondônia.

David M. Eberhard (2009), pesquisou o idioma do povo Mamaindê, pertencente à família linguística Nambikwara, especificando como ocorrem os classificadores nomina is daquela língua. Todos os registros resultaram na publicação da Gramática Mamaindê¹⁴. Abaixo apresentamos, conforme Eberhard, alguns exemplos de classificadores da referida língua.

¹⁴ Acessível em: file:///C:/Users/nunus/Downloads/Mamainde_Grammar_A_Northern_Nambikwara_1.pdf

Quadro 1.1.5 - Classificadores nominais da língua Mamaindê por Eberhard

OS CLASSIFICADORES NOMINAIS DE MAMAINDÊ		
classificador	significado	Exemplo
-t ^h in -nin	casa/aldeia	ju-k ^h oʔ-t ^h in-tu beira-pendurar-CLN.ALDEIA-SNF aldeia pendurada na beira (referindo à aldeia Capitão Pedro, que se localiza na beira da Chapada dos Parecís)
		ta-t ^h in-tu deitar-CLN.CASA-SNF casa onde está deitado
		ten-nin-tu velho-CLN.CASA-SNF casa velha
-kalo	plano	ih-kalo-tu correr-CLN.PLANO-SNF coisa plana que corre (veículo)

-t ^h ain/	formato de folha	ka/jain/-t ^h ain/-tu escrever-CLN.FOLHA-SNF folha para escrever (papel)
-kanin	esférico	lah-kanin-tu novo-CLN.ESFÉRICO-SNF coisa nova e esférica (nenê)
-k ^h atʔ	alongado	hiuti-k ^h atʔ-tu árvore-CLN.ALONGADO-SNF tronco de árvore/graveto kanik-k ^h at-tu doença-CLN.ALONGADO-SNF doença
-t ^h u -nu	pó/pasta/ granulado	jak-ã-oʔ-t ^h u-tu queixada-GEN-socar-CLN.PÓ-SNF farinha socada com carne de queixada sakinʔ-nu-tu areia-CLN.PÓ-SNF areia
-teh -leh	corda/trilha/ estrada	lan-teh-tu ser cheio de líquido-CLN.CORDA-SNF caminho cheio de líquido (as veias) ten-leh-tu velho-CLN.TRILHA-SNF estrada/trilha antiga wakinʔ na-wasainʔ-leh-tu pajé 3P-coisas-CLN.TRILHA-SNF as coisas da estrada do pajé/ coisas do espírito do pajé
-soʔka -soʔki	humano/ animado	wa-soʔka ^s vem-CLN.PESSOA-SNF aquele que vem

-weh	rio/córrego	tukwá-weh-tu trazer-CLN.RIO-SNF o rio que traz (Rio Cabixi)
-kunʔ	beira/ barranco	naho-kunʔ-tu água-CLN.BEIRA-SNF beira rio
-na	área/espço	taʔwen-na-tu floresta-CLN.ÁREA-SNF a área da floresta
-hen	tempo	waʔona-hen-tu menstruar-CLN.TEMPO-SNF o tempo da menstruação
-sen -len -k ^h en	vasilha	ʔoha-wá-sen-tu alto-vem-CLN.VASILHA-SNF vasilha que vem no alto (avião) siu-len-tu cesta-CLN.VASILHA-SNF cesta wanini-k ^h en-tu girar-CLN.VASILHA-SNF bicicleta
-tunni	preta	janân-tunni-tu onça-CLN.PRETA-SNF onça preta
-ciʔni	parda	janân-eiʔni-tu onça-CLN.PARDA-SNF onça parda
-kalokalon	pintada	janân-kalokalon-tu ¹⁰ onça-CLN.PINTADA-SNF onça pintada
-tu	gago/gaga	jaho-tu-tu homem.velho-CLN.GAGO-SNF o gago velho
-hahau	anão/anã (ou tendo qualidades de anão/anã)	taʔlohna-hahau-ta-tu mulher.velha-CLN.ANÃO-FEM-SNF a anã velinha
-k ^h ut ^h i	aleijado/ aleijada	jahon-k ^h ut ^h i-tu ¹¹ homem.velho-CLN.ALEIJADO-SNF

Fonte: EBERHARD, 2009.

A partir dessas pesquisas Eberhard concluiu a existência de três funções para os classificados nominais na língua mamaindê, sendo que elas apresentam distinções por mostrarem “a natureza ampla e produtiva desta classe morfológica” (EBERHARD, 2009, p. 10). São elas: os modificadores nominais, os substitutos anafóricos e os nominalizadores verbais.

A pesquisadora Borella (2003) concentrou suas pesquisas junto aos Katitãuhlu na constituição do nome, ou seja, sua pesquisa foi intitulada de *Manuscrito sobre a morfologia do nome no Sararé (2003)* e o artigo da mesma autora intitulado de *Aspectos da morfologia verbal da língua Sararé (2002)*.

David Price, antropólogo norte Americano trabalhou, durante quatro anos contratado pela Funai com a finalidade de visitar as terras indígenas dos Nambikwara que estavam sendo invadidas por mineradoras e agropecuárias de todo o Brasil, a fim de relatar a Funai os locais,

peessoas, tudo que havia nessas terras de forma pormenorizadas e assim o fez, conforme apresentam os relatórios de suas viagens¹⁵

Na leitura dos relatórios elaborados das visitas de Price, durante aquele tempo, pelo que percebemos a intenção do órgão revelam que em 1970 já haviam sido entregues certidões negativas declarando a não existência de povos indígenas naquelas terras que englobava todo o Vale do Guaporé. Em 1974 quando David Price, contratado pela FUNAI, foi designado para fazer levantamento “in locu” de informações a respeito da ocupação na área interdita pelo governo federal, que era o território tradicional dos povos Nambikwara. Após cumprido o trabalho, o governo federal expulsou estrangeiros das terras brasileiras e depois de 5 anos, 1975, o banco mundial financiou o asfaltamento da BR-364 e novamente os estrangeiros puderam retornar ao Brasil fato esse que possibilitou novamente David Price participar contratado pela FUNAI dos trâmites de todo o processo no intuito de apresentar relatório de que os indígenas não sofreram prejuízos que ameaçasse a sua existência.

As contribuições de David Price para a antropologia, história e a linguística são notórias. Na antropologia auxilia que a nação Nambikwara não sofresse danos de extinção devido a presença de não indígenas nas terras. Na história acompanhou todos os trâmites que o governo federal estabeleceu para a retirada dos povos Nambikwara de suas terras, quando entregou certidões negativas aos grandes fazendeiros, da não existência de tais povos naquelas terras e que hoje as aldeias se restringiram em poucos pedaços de terras que competem com eles, os fazendeiros e que atravessam suas terras. Organizou dados cartográficos de cada povo nambikwara, onde viviam, como viviam, quais eram seus costumes desde aqueles tempos.

O antropólogo é uma referência inicial na linguística, pois organizou sucintamente as famílias linguísticas dos povos nambikwara, organizou um inventário fonológico que pesquisou entre os Sabanê, Mamaindê, Kithãuhlu, o qual faz uma comparação entre elas em seus estudos a fim de perceber as distinções entre eles. Trouxe reflexões acerca da fonologia da língua como um quadro fonológico das línguas e as explicações dos tons existentes, conforme se apresenta abaixo:

15

https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/66437/BR_DFANBSB_AA3_PSS_0531.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Quadro 1.1.6 – Quadro fonológico das línguas Nambikwara por David Price

2. The phonological inventories are:

	Kithāulhú	Mamaindē	Sabanē	Proto-Nambiquara
Consonants:				
	p t k q ' s h l n w y	p t k q ' s h l m n w y	p t k ' s h l m n w y	*p *t *k *(?) *ç *s *h *l *m *n *w *y
Vowels:				
	i u e o a ai au	i u e o ai a iw ow ew	i u e ə o ai a	*i *ī *u *e *ə *o *a *ei *ou *əi *əu *ai *au
Length:				
	V: V	V: V	V: V	*V: *V
Tones:				
	1 2 3	1 2 3 4	3 4	*1 *2 *3 *4
Nasalization:				
	ṽ v	ṽ v	ṽ(?) v	*ṽ *v
Laryngealization:				
	ṿ ṿ	ṿ ṿ	ṿ(?) ṿ	*ṿ(?) *ṿ

Fonte: Price, 1974

O projeto do asfaltamento da BR- 364, que cortou as Terras Indígenas de Cuiabá a Porto Velho propunha que não houvesse nenhum dano ambiental desse corte, porém havia muitas manifestações contrárias de antropólogos como Claude Lévi-Strauss missionários e indigenistas não houve qualquer acordo, pois sabiam da existência dos povos Nambikwara naquelas terras. E apelidaram a BR-364 de "é a estrada do extermínio", classificação feita pelo bispo de Goiás, Dom Tomás / X Balduino. Essas informações foram coletadas do Jornal de Brasília datado de 21/08/1980, p. 04.

O Jornal comentou que tal projeto cortaria ao meio as duas aldeias centrais ocupadas por cerca de 700 *remanescentes*.

Temos relatos de Gustav B (2001) sobre o assunto

Quando foi cortar essa br-364, eu lembro, porque fui chamado em reunião em Cuiabá, porque o chefe do banco mundial era alemão e eu falava alemão. Nessa reunião tinha por volta de uns 15 fazendeiros. Eu tinha de traduzir a reunião para o alemão. Na reunião quando percebi que já estava sendo liberado o dinheiro do financiamento o representante do banco mundial se ele tinha consciência de que a estrada cortaria a aldeia nas proximidades do Rio Sararé e ele surpreso disse que que não poderia ser já que tinha em mãos documentos do governo brasileiro declarando a não existência de aldeias nessas terras. Então afirmei pra ele que a aldeia ia ser brutalmente atingida e que eu tinha amizade há anos com aqueles povos indígenas. O representante do banco bastante apreensivo disse que já estava ali para,

naquela reunião, assinar definitivamente a execução daquele empreendimento. Eu sugeri pra ele que ele condicionasse a liberação final do financiamento a uma alteração no traçado da estrada levando para mais próximo da encosta da chapada dos Parecis, distanciando uns quilômetros da concentração das casas e roças das aldeias. E assim ele procedeu, de modo que os fazendeiros ficaram satisfeitos e não perceberam a nossa conversa na qual revelei a presença de indígenas naqueles espaços. (Gustav A.B, 2001).

Após descrever a viagem até à aldeia e seu encontro com os índios, indica como trabalhou com os índios do rio Sararé na elaboração de um projeto cartográfico, nomeando os rios, outros acidentes geográficos e aldeias em língua Nambiquara, além de identificar as áreas que o grupo tradicionalmente ocupou. (COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. Costa-resenha da obra de Price)¹⁶

¹⁶ Acessível em: <file:///C:/Users/nunus/Downloads/119-754-1-PB.pdf>

CAPÍTULO III

A BUSCA PELA COMPREENSÃO FONOLÓGICA DA LÍNGUA FALADA NO SARARÉ

A complexidade da língua dos Anã Nütajensu é notória quando estamos imersos no mundo deles. Desse modo, iniciarei este capítulo relatando minha experiência com a língua nos momentos de cantos, que podem ser verdadeiros momentos de encantamento para aqueles que os assiste.

A primeira música que aprendi a cantar junto com os Anã Nütajensu, os Nambikwara do Sararé, foi a música da borboleta - *Watëtēs*¹⁷ - na língua materna. Durante a execução da referida música, parece que não se valoriza a pronúncia da letra como sendo exata. Canta-se “resmungando” sons que se assemelham à letra básica, que garantem a evocação das narrativas mantenedoras e a manutenção dos valores culturais dos Anãsu. Nesse caso, *Watëtēs* trabalha os valores nas relações advindas do matrimônio. Assim sendo, segue a escrita na língua materna e uma correspondente narrativa.

WATËTËSU

WATËTËSANALA, WATËTËSANOKINXA.
WATËTËSANALA, WATËTËSANOKINXA.
WATËTËSANALAAAAMMM...

Pode ser notado que as duas primeiras palavras são cantadas, repetindo-se as mesmas inúmeras vezes. Então, para finalizar, os indígenas em questão cantam a primeira palavra e encerram prolongando bastante a última vogal central aberta, que vai se convertendo no som de uma consoante bilabial nasal. Esse é o modo comum de finalização musical dos cantos *Anã Nütajensu*. Em uma possível tradução, ficaria assim:

BORBOLETA

OLHA, A BORBOLETA!
 PEGUE ELA.

Por muito tempo, a música parecia-me não ter tanta importância ou não ter importância para além do aprendizado das crianças. Contudo, a letra e a melodia eram sempre reproduzidas

¹⁷Borboleta, na língua dos Katitãuhlu.

pelos adultos. Geralmente, nas noites de canto, a música da borboleta fazia parte do repertório, mas eu ficava pensando que era para estimular as crianças. Pensava que era como se fosse uma música infantil inserida entre as músicas dos adultos. Até que, certo dia, como já era costume que me contassem histórias dos ancestrais, os indígenas começaram a me contar a história das duas borboletas irmãs que se tornaram esposas de um *Anũsu*, isto é, de um índige na Nambikwara, como costumamos generalizar.

O senhor Américo foi relatando com seu português bastante limitado e Rosa e Ariana, suas esposas, seguiam detalhando para mim a história das borboletas. Era sempre assim: Rosa e Ariana sempre estavam juntas auxiliando nos detalhamentos, já que sabiam melhor a língua portuguesa. A partir daquele dia, entendi a importância da música *Watētĩ̃su* no universo dos *Anũa Nũtajensu* ou dos Nambikwara do Sararé.

Aconteceu que muito tempo atrás, bem no passado, um *Anũsu* estava no mato caçando, e estava sozinho. Ele passava por dificuldades enquanto andava na mata e se esforçava para tirar Mel. Era tão difícil para ele fazer o fogo e produzir fumaça suficiente para espantar as abelhas, e ainda dar machadadas para cortar o tronco da árvore onde as abelhas produziram o mel. Enquanto aquele homem se esforçava no trabalho dele, bem lá em cima, escondida numa grande figueira, observava a senhora Mãe borboleta. Ela acompanhava o trabalho daquele *Anũsu* e via quanta dificuldade ele enfrentava. Então ela conversou com suas duas filhas e as orientou para descerem até onde estava o rapaz trabalhando sozinho no meio da mata. Ela chamou a atenção de suas filhas para a situação em que estava aquele *Anũa* e disse para elas que ficava com dó dele. - Tadinho dele. Assim não dá - disse a mãe. A mãe borboleta convenceu suas duas filhas a fazerem companhia e dar apoio para ele. Então elas foram descendo através do oco que tinha um tronco de uma árvore bem alta e quando chegaram perto do chão elas saíram por um buraco. Saíram ali perto do rapaz. Então elas ficaram voando um pouquinho ali por perto e ele ficou vendo as duas borboletas ali, voando para lá e para cá. Ele ficou admirando a beleza delas. Eram duas borboletas lindas demais e o deixou encantado. Elas ficaram disfarçando um pouquinho e começaram a conversar com ele, e foram puxando assunto. As duas irmãs, na verdade, eram duas moças novinhas. Elas disseram para ele que iriam ajudá-lo. Então ele tomou as duas irmãs para serem suas esposas e assim ele não sofreu mais. Elas trabalhavam firmes com ele quando precisava fazer os serviços do dia a dia e ele ficou tão alegre com as duas irmãs que agora eram suas duas esposas. Então, elas sempre se organizavam nos serviços. Enquanto uma buscava lenha, a outra preparava os alimentos, por exemplo. E quando o *anũa* saía para caçar ou para fazer roça as esposas dele sempre o ajudavam e assim ele ficava alegre com o trabalho deles¹⁸.

Esse relato foi feito por Américo e suas esposas no ano de 2008, quando frequentaram nossas aulas de alfabetização na escola da Aldeia Sararé Central.

Hoje, penso que a música tradicional dos *Anũsu* - *Anũahajausu* é o motor que move a cultura do povo Nambikwara Katitãuhlu. Isso porque, convivendo com eles, podemos observar que tais sujeitos expressam empolgação e alegria quando cantam e dançam. Diante disso, os vários episódios em que surgem as músicas na vida do povo ocorrem quando há festas, já que,

¹⁸ Excerto de relato extraído da pesquisa.

para eles, a festa sem música não traz alegria, em sua concepção., conforme relata o indígena na (AK, 2022).

A música pra nós é alegria, mas lembra a saudade também, dos antepassados que já foi. Nossa música tem ensino. Essa da borboleta ensina e explica porque pode casar duas mulhé os velho explicou pra nós. Um dia um home andava sozinho na mata foi caçá, aí viu duas borboleta bem bonita, bem azul, então ele gosto muito e de repente as duas borboleta viró duas muié bem bonita, aí ele caso com elas.

Assim, a riqueza da ancestralidade musical Anũsu é fenomenal, não só pela diversidade temática, como também pela qualidade de afinação e de harmonização das vozes femininas e masculinas. Por conseguinte, as narrativas aqui apresentadas são importantes para compreender também a língua falada, além de todo o contexto aí envolvido. Desse modo, nos propomos a apresentar os dados da fonética pesquisa do referido povo. Outrossim, em um primeiro momento, apresentamos as vogais e as consoantes fonéticas dos anũsu Katitãuhlu.

3.1. As vogais fonéticas dos anũsu Katitãuhlu

Nesta subseção, apresentamos os registros fonéticos das vogais encontradas em nossos dados da língua dos anũsu Katitãuhlu. Como já mencionamos na introdução deste trabalho, o registro fonético dos sons vocálicos é feito com base no IPA, sendo que, para registrar os tons, convencionamos usar os números 1, 2, 3 e 4 sobrescritos para representar, respectivamente, tom decrescente ou descendente, tom crescente ou ascendente, tom baixo e tom alto.

[a¹] central baixa, tom decrescente.

1. hinxēsxa

['hi².?nē³.?sa¹]

‘o que está dizendo?’

[ẽ¹] central baixa nasal, tom decrescente.

2. taněká nekãihnanàa

[ta⁴.nē¹.ka² # ne³.kẽ¹j.^hnē⁴.na¹. 'a²]

‘penso’

[ã¹] central baixa laringal, tom decrescente.

3. wēhayausu

[wē³:.he⁴. 'jã¹w.su²]

‘chuva’

[a²] central baixa, tom crescente.

4. a²lũ²su¹

[a²lũ²su¹]
‘anta’

[a²:] central baixa prolongada, tom crescente.

5. texalá
[te³.ʔa².’la:²]
‘aqui’

[ẽ²] central baixa nasal, tom crescente.

6. kananã[˘]
[ka³.na³. nẽ²]
‘irmão mais velho’

[ã²] central baixa laringal, tom crescente.

7. xa³lxa²su²
[ã³.lã².’su²]
‘jacu’

[ẽ̃²] central baixa nasal laringal, tom crescente.

8. wãlãusu
[wã³.lẽ̃²w. ’su²]
‘peixe cascudo’

[a³] central baixa, tom baixo.

9. alúnalá
[a³.’lu⁴.na³.la²]
‘comprido’

[a³:] central baixa prolongada, tom baixo.

10. ahatisù
[a³:.ha⁴.ti⁴.’su¹]
‘cair’

[ẽ³] central baixa nasal, tom baixo.

11. nãikisu
[’nẽ³j.ki⁴.su³]
‘fruta barú’

[ã³] central baixa laringal, tom baixo.

12. wãilxisù
[wã³j.ʔri³.’su¹]
‘cachorro’

[ẽ̃³] central baixa nasal laringal, tom baixo.

13. wãlãusu
[wã³.lẽ̃³w. ’su¹]
‘cascudo’

[a⁴] central baixa, tom alto.

14. anekĩkisu
[a⁴.ne³.kĩ³.ki³.su²]
‘cabelo/pêlo da cabeça’

[ẽ⁴] central baixa nasal, tom alto.

15. xãhãtasu
[ʔẽ⁴.hẽ³.ta⁴.su²]
‘branco’

[ã⁴] central baixa laringal, tom alto.

16. áxyousu
[ã⁴.?jow³.su²]
‘boca’

[ẽ¹] anterior média alta nasal, tom decrescente.

17. hínxẽsxâ
[hi².?nẽ¹.?sa¹]
‘dizer (o que está dizendo)’

[e²] anterior média alta, tom crescente.

18. hatehatekisu
[ha³.te³.ha³.te².j.ki³.su²]
‘açafraão’

[e²:] anterior média alta laringal prolongada, tom crescente.

19. hatehatenala
[ha³.te³.ha³.te²:j.na³.la²]
‘é amarelo’

[e³] anterior média alta oral, tom baixo.

20. sáfitesú
[sa⁴.tĩ³.te³.su²]
‘comer’

[ẽ³] anterior média alta nasal, tom baixo.

21. hinẽkisu
[hi².nẽ³.ki³.su¹]
‘remédio’

[ẽ³:] anterior média alta nasal prolongada, tom baixo.

22. wẽhayausu
[wẽ³:he⁴.ja¹w.su²]
‘chuva’

[e³] anterior média alta laringal, tom baixo.

23. ayeikisu

[a⁴. 'jɛ̃³.ki³.su²]
 'fruta' nome genérico

[ɛ̃³] anterior média baixa nasal, tom baixo.

24. helanala
 [hɛ̃³.ra⁴.na³. 'la²]
 'jogar'

[ɛ̃^{3̣}] anterior média baixa nasal laringal, tom baixo.

25. watetẽsu
 [wa².tẽ³. 'tẽ̃^{3̣}.su²]
 'borboleta'

[e⁴] anterior média alta, tom alto.

26. ã'tesù
 [ĩ²ⁿ.te⁴.su¹]
 'olhar'

[i¹] anterior alta, tom decrescente.

27. winala
 ['wi¹ⁿ.na³.la:²]
 'bom'

[ĩ¹] anterior alta nasal, tom decrescente.

28. nehina
 [ne³.hĩ¹.na²]
 'depois'

[ĩ̃¹] anterior alta nasal laringal, tom decrescente.

29. ánxasahsìsù
 [a².?na³.sa^{3h}.sĩ̃¹.su¹]
 'bochecha'

[ĩ̃¹:] anterior alta nasal laringal prolongada, tom decrescente.

30. Sĩ̃¹'kaloa
 ['sĩ̃¹:.ka³.lo³.a²]
 'céu'

[i²] anterior alta, tom crescente.

31. híkasù
 ['hĩ².ka³.su¹]
 'árvore'

[ĩ²] anterior alta nasal, tom crescente.

32. ã'tésù

[ĩ²ⁿ.te⁴.su¹]
‘olhar’

[ĩ^{2h}] anterior alta nasal pós-aspirada, tom crescente.

33. sĩ^hsù
[sĩ^{2h}.su¹]
‘casa’

[i³] anterior alta, tom baixo.

34. kwayisĩsù
[kwa³.jĩ³.sĩ³.su¹]
‘carne’

[ĩ³] anterior alta nasal, tom baixo.

35. ánĩxá
[a⁴.nĩ³.ʔa²]
‘cheiro’

[ĩ³] anterior alta nasal laringal, tom baixo.

36. anekĩnsu
[a²ⁿ.ne³.kĩ³.ʔki³.su²]
‘cabelo’

[ĩ³:] anterior alta nasal laringal prolongada, tom baixo.

37. kwayisĩsù
[kwa³.ji².sĩ³:.su¹]
‘carne’

[i⁴] anterior alta, tom alto.

38. hinxẽxsa
[‘hi⁴.ʔnẽ³.ʔsa³]
‘como?’

[o²] posterior média alta, tom crescente.

39. kitotokanala
[ki³.to³.to².ka³.na³.la²]
‘afiado’

[o³] posterior média alta, tom baixo.

40. alokila
[ha³.lo³.ki⁴.ʔra²] [ha³.lo³.ki⁴.ʔra²]
‘pare’

[**ʌ**⁴] posterior média baixa, tom alto.

41. hikátakisù
[hí³.kʌ⁴. 'ta³.ki³.su¹]
'lua'

[**u**¹] posterior alta, tom decrescente.

42. nátesù
[na:².te⁴. 'su¹]
'beber'

[**ɥ**¹] posterior alta laringal, tom decrescente.

43. xyukalokisù
[ʔj¹ka³lo³ki²su¹]
'sapato'

[**ũ**:¹] posterior alta nasal laringal prolongada, tom decrescente.

44. kũ`sù
[kũ:¹'su¹]

'linha'

[**u**²] posterior alta, tom crescente.

45. hayausu
[ha³.ja³w.'su²]
'água'

[**ũ**:²] posterior alta nasal prolongada, tom crescente.

46. anũsu
[a². 'nũ:².su²]
'humano/gente/pessoa'

[**u**³] posterior alta, tom baixo.

47. kasuhánalá
[ka³.su³. 'hã⁴.na³.la²]
'cuspir'

[**ũ**³] posterior alta nasal, tom baixo.

48. ánũkatusù
[a².nũ³.ka³.tu¹.su¹]
'cotovelo'

[**ɥ**³] posterior alta laringal, tom baixo.

49. kayuhahanētisu
[ka³.?j^{3h}.a².ha³. nẽ³.ti³. 'su²]
'gordura'

[ũ³] posterior alta nasal laringal, tom baixo.

50. ánxũsĩsù
[a².?nũ³.sĩ¹. 'su¹]
'músculo'

[u⁴] posterior alta, tom alto.

51. akukisú
[a⁴. 'ku⁴.ki³.su²]
'coração'

[ũ⁴] posterior alta nasal, tom alto.

52. jũxanalá
[jũ⁴.?ẽ³na³.la²]
'fino'

[y⁴] posterior alta laringal, tom alto.

53. kaxyuhsĩsu
[ka³.?jy^{4h}.sĩ³. 'su²]
'carne de animal'

(Fonte: Dados da pesquisa)

Quadro 1.1.7 - Aspectos fonéticos das vogais da língua falada no Sararé

Quadro 5 - Fonética das vogais da língua falada no Sararé								
	oral	Oral prolongada	Nasal	Nasal prolongada	laringal	Laringal prolongada	Laringal nasal	Laringal nasal prolongada
anterior alta	i ¹ j ² j ³ i ⁴		ĩ ¹ ĩ ² ĩ ³				ĩ ¹ ĩ ³	ĩ ¹ : ĩ ³ :
anterior média alta	e ² e ³ e ⁴		ẽ ¹ ẽ ³ ẽ ³	ẽ ³ :	ẽ ³	ẽ ² :	ẽ ³	
anterior baixa	a ¹ a ² a ³ a ⁴ Λ ⁴	a ² : a ³ :	ã ¹ ã ² ã ³ ã ⁴		ã ¹ ã ² ã ³ ã ⁴		ã ² ã ³	
posterior alta	u ¹ u ² u ³ u ⁴		ũ ³ ũ ⁴	ũ ¹ : ũ ² :	ũ ¹ ũ ³ ũ ⁴		ũ ³	ũ ¹ :
posterior média alta	o ² o ³							

Fonte: Adaptado por Sérgio Beck de Oliveira (2022).

3.2. As consoantes fonéticas

Nesta subsecção, apresentamos as descrições das consoantes fonéticas da língua dos *anĩsu* Katitãuhlu, bem como o quadro delas. Semelhante à descrição dos fones vocálicos, os fones consonantais são escritos conforme o Alfabeto Fonético Internacional - IPA. Optamos, então, por escrever os tons alto, baixo, crescente ou ascendente, e decrescente ou descendente, respectivamente, com os números 4, 3, 2 e 1 sobrescritos.

[p] Oclusiva labial surda, ocorre em posição de Onset silábico inicial e medial de palavras, antes da vogal oral [a]. Não foram encontradas mais palavras em nosso conjunto de dados com esse seguimento. De acordo com os consultores, não há outras palavras com esse segmento.

54.

- a) wáukalisu
[pa²w.ka³.li³. 'su²]+
'espécie de tartaruga'
- b) waukalilaájausu
[pa³w.ka³.li³.ra³.a².ʃa³w. 'su²]
'nome de um córrego'
- c) pawkaka`su
[pa²w.ka³.ka¹. 'su²]
'tronco de árvore'
- d) wauwauka`su
[pa³w.pa³w.ka¹. 'su²]
'tábua'

[t] Oclusiva alveolar surda, ocorre em posição de Onset silábico inicial e medial de palavras, antes de todas vogais orais, nasais e algumas laringais:

55.

- a) ahãtasu
[a⁴.hẽ³.ta⁴. 'su²]
'branco'
- b) texanasa
[te³.ʔa³.na². 'sa:²]
'aquele'
- c) kayuhahanẽtisu
[ka³.ʔju^{3h}.a².ha³. nẽ³.ti³. 'su²]
'gordura'
- d) kitotokanala
[ki³.to³.to².ka³.na³. 'la²]
'afiado'
- e) watetẽsu
[wa².tẽ³. 'tẽ³j.su²]
'borboleta'
- f) kitãtã`nalá
[ki³.tẽ³. 'tẽ².na³.la²]
'curto'

[k] Oclusiva velar surda, ocorre em posição de Onset silábico inicial, medial e final de palavras, antes de todas as vogais orais e das nasais [ẽ] [ẽ̃] [ĩ] [ũ]. Ocorre também como *cluster*, antes do glide labial [w] seguido das vogais

orais [a] [e] e [i], nasal [ẽ] [ẽ̃], laringal [a̠], nasal laringal [ĩ] e do glide labial pós aspirado [w^h] seguido da vogal oral [i]:

56.

- a) sĩ̀kaloa
[ˈsĩː¹.ka³.lo³.a²]
‘céu’
- b) kãukisu
[kẽ³w.ki³.ˈsu¹]
‘semente da árvore olho de cabra’
- c) anakĩkisu
[a².ne³.ˈkĩ³.su²]
‘cabelo/pêlo da cabeça’
- d) akukisú
[a⁴.ˈku⁴.ki³.su²]
‘coração’
- e) nekĩsá
[ne³.kĩ³.ˈsa²]
‘pêlo’
- f) katikka
[ka³.ti^{3k}.ka²]
]
‘mangaba’ fragmento em contexto
- g) kwàhlu
[kwa¹.ˈlu⁴]
‘espécie de abacaxi nativo’
- h) akwe
[a³.kwe³]
‘expressão de dor’
- i) alakwilanãusu
[a³.la³.kwi².ra³.nẽ³w.su²]
‘espécie de coró’
- j) kwẽkisu
[kwẽ³.ki³.su²]
‘tempo da seca’
- k) salakẽkisu
[sa³.la³.kẽ³.ki³.su²]
‘picapauzinho’
- l) kũ̀sù
[kũː¹.ˈsu¹]
‘linha’
- m) kwhittisu
[kw^hi³t.ti³.su²]
‘veado’

[ʔ] Oclusiva glotal, ocorre em posição de Onset silábico inicial, medial e final de palavra, antes da vogal oral [a] e da nasal [ẽ]:

57.

- a) texanã
['te³.ʔa³.nẽ²]
'este'
- b) jũxãnalá
[ʃũ⁴.ʔẽ³na³.la²]
'fino'

[k^h] Oclusiva velar surda pós-aspirada, ocorre em posição de Onset silábico inicial e medial de palavras, antes da vogal oral [a], da nasal [ẽ] e das laringais [a] e [o]:

58.

- a) khaxiti
[k^ha³.ʔi³.ti⁴]
'então é isso'
- b) khaisu
[k^ha³j. 'su⁴]
'quati'
- c) khòdisu
[k^ho³.d i². 'su²]
'berne'

[k^ʔ] Oclusiva velar surda pós-glotalizada, ocorre em posição de Onset silábico inicial de palavras, antes da vogal oral [e]:

59.

- a) kxèlisahnae
[k^ʔe¹.ri³.sa³.hna³. 'e²]
'estou apurado para urinar'

[ʃ] Oclusiva alveolar surda não explodida, ocorre em posição de *Coda* silábica inicial e medial de palavras, depois da vogal oral [i]:

60.

- a) kw hittisu
[kw^hi³t. ti³.su²]
'veado'
- b) ittisu
[i³t. ti³.su²]
'homem'
- b) xittisu
[ʔi³t. ti³.su²]
'vento'

[ʔ] Oclusiva glotal não explodida, ocorre em posição *Coda* silábica inicial e final de palavras, antes das vogais orais [a] [i]:

61.

- a) hũnanali
[hũ⁴.na⁴.na³.li^ʔ]

‘está maduro’

- b) haxlousu
[ha²².lo¹w.su¹]
‘pernilongo grande’
- c) kaxyuhahanētisu
[ka³.ʔju^{3h}.a².ha².nē³.tí³.su¹]
‘gordura’

[m] Nasal bilabial, ocorre em posição de Onset silábico inicial e medial de palavras, antes das vogais orais [a] [i] e nasal [ẽ]:

- 62.
- a) winã
[mi².nē²]
‘pai’
- b) wānsahnako
[mē³ⁿ.tσα³.hna².ko⁴]
‘estou com calor’
- c) awanēnsu
[a².ma³.nē³.ʔu²]
‘nariz’

[n] Nasal alveolar sonora, ocorre em posição de Onset silábico inicial, medial e final de palavras, antes das vogais orais [a] [e] [i] [u], nasais [ẽ] [ē] [ĩ] [ũ] e nasal laringal [ẽ̃]:

- 63.
- a) hinēkisu
[hi².nē³.ki³.su¹]
‘estou com vergonha’
- b) ánĩxá
[a⁴.nĩ³.ʔa²]
‘cheiro’
- c) nekĩsá
[ne³.kĩ³.sa²]
‘pêlo’
- d) kanane
[ka³.na³.nē²]
‘irmão mais velho’
- e) winã
[mi².nē²]
‘pai’
- f) nãikisu
[nẽ̃³.ki⁴.su³]
‘barú’
- g) ninĩsu

[ni².nĩ³.su²]
‘mosquito palhinha’

- h) nũtasu
[nũ⁴ⁿ.ta³.su⁴]
‘lagarto tiú’
- i) nũtajensu
[[?]nũ¹.ta³ⁿ.ʃe¹ⁿ.na²]
‘lagarto tiú’
- i) nunũsu
[nu³.nũ¹.su¹]
‘personagem da tradição’

[^hn] Nasal alveolar pré-aspirada, ocorre em posição de Onset silábico final de palavras, antes da vogal oral [a] e [e] e nasal [ẽ]:

64.

- a) hitasahna
[hi².ta³.sa³.^hna²]
‘estou cansado’
- b) hèsahnéi
[he^{1j}.sa³.^hne^{2j}]
‘estou com fome’
- i) tĩhnã
[tĩ³.^hnẽ¹]
‘caminho ou estrada’

[ⁿ] Nasal alveolar pré-glotalizada, ocorre em posição de Onset silábico medial de palavras, antes das vogais oral [a] [e] e nasais [ẽ] [ẽ] e [ũ]:

65.

- a) hanxêsú
[ha³.ⁿẽ³.su²]
‘fogo’
- b) wxanxãisu
[[?]wa³.ⁿã^{4j}.su²]
‘marimbondo mordedor’
- c) yukwainsanxahna
[[?]ju².kwã^{3j}.tsa².ⁿã³.^hna²]
‘não gosto’
- d) wxanxũhĩsodihela
[[?]wa⁴.ⁿũ³.hĩ³.so³.ɸ i².he³.ra²]
‘vê aí e pega’
- e) hanxekisu
[ha³.ⁿe².ki³.su¹]
‘fósforo’

[ⁿ] Nasal alveolar sonora não explodida, ocorre em posição de Coda silábica,

inicial e medial de palavras, depois das vogais orais [i] e [o], nasal [ẽ] e laringal [ɛ]:

66.

- a) saxwensu
[sã³.[?]wɛ³ⁿ.tsu²]
'mato'
- b) awanẽtsu
[a².wa³.nẽ³ⁿ.tsu¹]
'nariz'
- c) wìnnala
[wi²ⁿ.na³.la²]
'nariz'
- d) wakalonnala
[wa³.ka³.lo²ⁿ.na³.la²]
'trabalho'

[r] Tap alveolar sonoro, ocorre em posição de Onset silábico medial e final de palavras, antes das vogais orais [a] [i] [u] e nasal [ẽ], como também em cluster depois da consoante oclusiva alveolar surda [t] antes da vogal oral [i]:

67.

- a) hatlinala
[ha³.tri⁴.na³.la²]
'escorregadio'
- b) hẽli
[hẽ¹.[?]ri²]
'dois'
- d) walelẽkisu
[wa³.le³.[?]rẽ².ki³.su³]
'abelha europa'
- e) ìhlù
[i³.^hru¹]
'bugio'
- f) awẽla
[a².wẽ^{3?}.ra⁴]
'crianças'

[^hr] Tap alveolar sonoro pré-aspirado, ocorre em posição de Onset silábico em final de palavras, antes das vogais orais [a] e [u]:

68.

- a) nãihru
[[?]nẽ[?].^hru²]
'piranha'
- b) hĩhĩhlu
[hĩ³.hĩ³.[?].^hru²]
'nambu chorão'
- c) alukwihra

[a³.lu³.kwi¹.^hra²]
‘flecha de bambu’

- d) kai³hru²
[ka³j.^hru²]
‘cupim soldado’

[²r] Tap alveolar sonoro pré-glotalizado, ocorre em posição de Onset silábico em final de palavras, antes da vogal oral [i]:

69.

- a) wailxisù
[wa³j.²ri³.^hsu¹]
‘cachorro’

[s] Fricativa alveolar surda, ocorre em posição de Onset silábico inicial, medial e final de palavras, antes das vogais orais [a] [e] [u], nasais [ẽ] [ĩ] e nasal laringal [ĩ̃]:

70.

- a) sĩ^hkaloa
[^hsĩ^h.¹ka³.lo³.a²]
‘céu’
- b) nekĩsá
[ne³.kĩ³.^hsa²]
‘pêlo’
- c) watetẽsu
[wa².tẽ³.^htẽ³j.su²]
Borboleta
- d) sesékkisu
[se³.se⁴.ki³.^hsu⁴]
‘escorpião’
- e) nũsẽnsu
[²nũ¹.²sẽ³ⁿ.^hsu⁴]
‘pilão’
- f) sĩsu
[sĩ¹.su²]
‘espécie’

[h] Fricativa glotal, ocorre em posição de Onset silábico inicial e medial de palavras, antes de todas as vogais orais, das nasais [ẽ] [ĩ] [ũ] e da laringal [ẽ̃]:

71.

- a) ahauta
[a⁴.^hha³w.ta²]
‘fumaça’
- b) wẽhayausu
[wẽ³.^hha⁴.^hja¹w.su²]
‘chuva’
- c) hesahna

[**he**¹.sa^{2h}.na²]
 ‘sinto fome’

- d) áyúhēhlu
 [a².jú^{4h}.hē^{3j}.^hru²]
 ‘língua’
- e) xāhātasu
 [ʔē⁴.hē³.ta⁴.^hsu²]
 ‘branco’
- f) hinēkisu
 [hí².nē³.ki³.^hsu¹]
 ‘remédio’
- g) hotasu
 [ho².ta³.^hsu¹]
 ‘macaco’
- h) hukisu
 [hu³.ki².^hsu¹]
 ‘arco’
- i) h’ūnānāfi
 [hū⁴.na⁴.na³.^hri^{1ʔ}]
 ‘está maduro’
- j) ahīnasa
 [a³.hī³.na².^hsa²]
 ‘agorinha mesmo’
- k) alahēnala
 [a³.la³.^hhē².na³.la²]
 ‘pendurado de modo grudado’

[**ʔs**] Fricativa alveolar surda pré-glotalizada, ocorre em posição de Onset silábico inicial, medial e final de palavras, antes das vogais orais [a] [i] [u], nasais [ẽ] [ē] [ī] e laringal [a]:

72.

- a) hinxēxsa
 [‘hi⁴.ʔnē³.ʔsa³]
] ‘como?’

[**h**] Fricativa glotal aspirada, ocorre em posição de Coda silábica inicial e medial de palavras, depois das vogais orais [a] [e] [i] [u] e nasal laringal [ẽ]:

73.

- a) tuhsu
 [tu^{3h}.^hsu²]
 ‘mel’
- b) usahna
 [ʔu¹.sa^{4h}.^hna³]
 ‘estou com preguiça’
- c) nxehákai

[[?]ne^{3h}.ha⁴. 'ka^{3j}]
 ‘também’

d) nxêhá kai
 [[?]nê^{3h}.ha⁴. 'ka^{3j}]
 ‘então’

e) ihlu
 [[?]i^{1h}. 'ru³]
 ‘bugiu’

[**ts**] Africada alveolar surda, ocorre em posição de Onset silábico medial e final de palavra, antes das vogais orais [a] [u] e nasal [ũ]. Esta consoante se encontra em variação com a consoante Africada pós-alveolar surda [tʃ], em posição final de sílaba, antes da vogal oral [u]:

74.

a) saxwensu
 [sã³.[?]wẽ³ⁿ.tsu²] ~ [sã³.[?]wẽ³ⁿ.tʃu²]
 ‘mato’

b) awanêtsu
 [a².wa³.nê³ⁿ.tsu²] ~ [a².wa³.nê³ⁿ.tʃu²]
 ‘nariz’

c) wãnsahnako
 [mẽ³ⁿ.tsa³.^hna².ko⁴]
 ‘estou com calor’

d) walinsu
 [wa³.li³ⁿ.tsu²] ~ [wa³.li³ⁿ.tʃu²]
 ‘mandioca’

e) tunsu
 [tu³ⁿ.tsu²] ~ [tu³ⁿ.tʃu²]
 ‘sapo’

f) wensu
 [wẽ³ⁿ.tsu²] ~ [wẽ³ⁿ.tʃu²]
 ‘espécie de pupunha’

[**tʃ**] Africada pós-alveolar surda, ocorre em posição de Onset silábico inicial e medial de palavras, antes da vogal oral [a] [e] [u], nasal [ũ] e laringal [ã]. Esta consoante se encontra em variação com a consoante Africada alveolar surda [ts], em posição final de sílaba, antes da vogal oral [u]:

75.

a) saxwensu
 [sã³.[?]wẽ³ⁿ.tʃu²] ~ [sã³.[?]wẽ³ⁿ.tsu²]
 ‘mato’

b) awanêtsu
 [a².wa³.nê³ⁿ.tʃu²] ~ [a².wa³.nê³ⁿ.tsu²]
 ‘nariz’

c) wãnsahnako
 [mẽ³ⁿ.tsa³.^hna².ko⁴]

‘estou com calor’

- d) walinsu
[wa³.li³ⁿ.ʈu²] ~ [wa³.li³ⁿ.tsu²]
‘mandioca’
- e) tunsu
[tu³ⁿ.ʈu²] ~ [tu³ⁿ.tsu²]
‘sapo’
- f) wensu
[wɛ³ⁿ.ʈu²] ~ [wɛ̃³ⁿ.tsu²]
‘espécie de pupunha’
- g) jũxanalá
[ʈũ⁴.ʔẽ³na³. 'la²]
‘fino ou pequeno’
- h) nũtajensu
[[?]nũ¹.ta³ⁿ.ʈe¹ⁿ. 'tsu²]
‘nome próprio de lugar’
- i) ejausu
[ɛ̃⁴.ʈa³w.su⁴]
‘língua/idioma’
- j) kajajausu
[ka³.ʈa³.ʈa¹w.su²]
‘mingau de milho’

[w] Glide labial, ocorre em posição de Onset silábico inicial, medial e final de palavras, antes das vogais orais [a] [e] [i], nasal [ẽ], laringal [ã] e nasais e laringais [ẽ̃] [ĩ]. Ocorre, também, em posição de Coda silábica inicial de palavras, depois das vogais oral [a] e nasal e laringal [ẽ̃]:

76.

- a) áxyousu
[a⁴.ʔjo³w. 'su²]
‘boca’
- b) wĩnnala
['wi¹ⁿ.na³.la.²]
‘bom’
- c) wãilxisù
[wã^{3j}.ʔri³. 'su¹]
‘cachorro’
- d) kwayisĩsù
[kwa³.ji².sĩ.³. 'su¹]
‘carne’
- e) wẽhayausu
[wẽ³:he⁴. 'ja¹w.su²]
‘chuva’

- f) áwǎlá
[a⁴.wẽ³.la²]
'couro'
- g) áwxisú
[a².ʔwi³.su²]
'dente'
- h) tihnáusú
[te^{3h}.nẽ⁴w.a² ~ te^{3h}.nẽ⁴w.su²]
'estrada ou caminho'
- i) watetẽsu
[wa².tẽ³.tẽ³j.su²]
'borboleta'
- j) hayausu
[ha³.ja³w.su²]
'água'
- k) wẽhayausu
[wẽ³:he⁴.ja¹w.su²]
'chuva'
- k) wãuhtisu
[wẽ³w^h.ti³.su⁴]
'mariposa'

[j] Glide palatal, ocorre em posição de Onset silábico inicial, medial e final de palavras, antes de todas as vogais orais, das nasais [ẽ] [ĩ] e laringais [ǣ] [ǫ] [ǻ]. Ocorre, também, em posição de Coda silábica, depois das vogais oral [a], nasal [ẽ], laringal [ǣ] e nasal e laringal [ǻ]:

77.

- a) ayehikisu
[a².je³.hi³.ki³.su²]
'olho'
- b) ayukisu
[a².ju³.ki³.su²]
'pé'
- c) hayausu
[ha³.ja³w.su²]
'água'
- d) hatehatenala
[ha³.te³.ha³.te:²j.na³.la²]
'é amarelo'
- e) kwayiṣṣù
[kwa³.ji².sṣi:³.su¹]
'carne'

- f) hayo
[ha³. 'jo²]
'está certo ou ok'
- g) káinalá
[ka:²j.na³. 'la²]
'cheio'
- h) nxēhnũ 'haka
[[?]nē^{3h}.nũ⁴.ha³.ka:³j]
'está perguntando'
- i) waleleisu
[wa³.le³.re²j.su²]
'capim navalha'
- j) eihlu
[[?]e¹j.^hru³]
'cajú'

[w^m] Glide labial pós-nasalizado, ocorre em posição de Coda silábica medial de palavras, depois da vogal nasal [ẽ]:

78.

- a) aihãunala
[[?]aj.hẽ³w^m.na³. 'la²]
'está rachado'
- b) whawhaxyãudasù
[ma³. ma³.[?]jẽ³w^m.dã³. 'su¹]
'lacraria'

[jⁿ] Glide palatal pós-nasalizado, ocorre em posição de *Coda* silábica inicial de palavras, depois das vogais oral [a] e nasal [ẽ]:

79.

- a) kã`innala
[kẽ¹jⁿ. na³. 'la²]
'grande'
- b) yainnala
[ja¹jⁿ.na³. 'la²]
'comer'

[[?]w] Glide labial pré-glotalizado, ocorre em posição de Onset silábico inicial e medial de palavras, antes das vogais orais [e] [i], nasal [ẽ] e laringal [e]:

80.

- a) áwxisú
[a².[?]wi³. 'su²]
'dente'
- b) sãxwensu
[sã³.[?]wẽ³ⁿ. 'tsu²]
'mato'

- c) sa^hxw^hensu
[a².je³.?we³.ri¹.na³.la²]
'engatinha'
- d) wxãlxa
[?wẽ².?la²]
'nossa'
- e) sawxãsu
[sa².?wẽ³ⁿ.tsu²]
'espécie de formiga'

[?j] Glide palatal pré-glotalizado, ocorre em posição de Onset silábico medial de palavras, antes da vogal oral [o], nasal [ẽ] e laringal [u]:

81.

- a) kaxyuhsĩsu
[ka³.?ju^{4h}.sĩ³.su²]
'carne de animal'
- b) áxyousu
[a⁴.?jow³.su²]
'boca'
- c) whawhaxyãudasù
[^hwa³.^hwa³.?jẽ³w^m.dã³.su¹]
'lacrãia'

[m] Fricativa labiovelar não vozeada, ocorre em posição de Onset silábico, inicial e medial de palavras, antes da vogal central baixa [a]:

82.

- a) whawhaxyãudasù
[**m**a³.**m**a³.?jẽ³w^m.dã³.su¹]
'lacrãia'
- b) **wh**ãilakosahna
[**m**ẽ³j.ra³.ko¹.tsa³.hna²]
'sentir saudade'
- c) **wh**aliatasu
[**m**a³.li³.a².ta².su¹]
'picapau grande'

[l] Líquida alveolar sonora, ocorre em posição de Onset silábico medial e final de palavras, antes de todas as vogais orais, nasais [ẽ] [ẽ̃] e [ũ], laringal [a] e vogal nasal laringal [ẽ̃]:

83.

- a) kokonala
[ko³.ko².na³.la³]
'ruim/não presta/feio'
- b) walãusu
[wa³.lẽ²w.su²]
'cascudo'

- c) aladisu
[a³.lã³.d̥i³.su²]
'dia'
- d) alãsu
[a³.lẽ:³.su²]
'arara'
- e) walelẽkisu
[wa².le³.rẽ³.ki³.su²]
'abelha'
- f) kwatalẽnsu
[kwa³.ta³.lẽ³.ŋu²]
'panela'
- g) kwálisù
[kwa².li³.su¹]
'babaçu'
- h) Sĩ[̃]kaloa
[sĩ:¹.ka³.lo³.a²]
'céu'
- i) alũsu
[a³.lũ⁴.su³]
'anta'
- j) alusu
[a⁴.lu¹.su⁴]
'rato'

[^hl] Líquida alveolar sonora pré-aspirada, ocorre em posição de Onset silábico medial e final de palavras, antes das vogais orais [o] e [u]:

84.

- a) àhlu
[ã¹.^hlu²]
'tatu galinha'
- b) tãhlu
[tã¹.^hlu²]
'nambú'
- c) ya³hlo²su²
[ja^{3h}.^hlo².su²]
'idoso'

[^ʔl] Líquida alveolar sonora pré-glotalizada, ocorre em posição de Onset silábico medial e final de palavras, antes das vogais orais [a] [i] [o] [u]:

85.

- a) wãxlisu
[wã¹.^ʔli³.su²]
'montanha'

- b) tawãxla
[ta². 'wẽ². ?la²]
'nosso'
- c) haxlòusù
[ha². 'lò¹w.su¹]
'pernilongo grande'
- d) tàxlu
['ta¹. ?lu³.su²]
'senhora'

[f] Implosiva alveolar surda, ocorre em posição de Onset silábico inicial e medial de palavras, antes das vogais orais [e] e laringais [i] [u]. Esta consoante se encontra em variação com a consoante implosiva alveolar sonora [d]:

86.

- a) tadusu
[ta³. 'fɥ^{1h}.su²] ~ [ta³. 'dɥ^{1h}.su²]
'minha esposa'
- b) dusu
['fɥ^{2h}.su²] ~ ['dɥ^{2h}.su²]
'mulher'
- c) dihsu
['fɿ^{3h}.su²] ~ ['dɿ^{3h}.su²]
'cobra'
- d) dehyausu
[fɛ^{3h}. 'ja¹w.su⁴] ~ [dɛ^{3h}. 'ja¹w.su⁴]
'constelação que anuncia a chuva '

[d] Implosiva alveolar sonora, ocorre em posição de Onset silábico inicial e medial de palavras, antes das vogais orais [e] e laringais [i] [u]. Esta consoante se encontra em variação com a consoante implosiva alveolar surda [f]:

87.

- a) tadùhsu
[ta³. 'dɥ^{1h}.su²] ~ [ta³. 'fɥ^{1h}.su²]
'minha esposa'
- b) dúhsu
['dɥ².su²] ~ ['fɥ².su²]
'mulher'
- c) dihsu
['dɿ^{3h}.su²] ~ ['fɿ^{3h}.su²]
'cobra'
- d) dehyausu
[dɛ^{3h}. 'ja¹w.su⁴] ~ [fɛ^{3h}. 'ja¹w.su⁴]
'constelação que anuncia a chuva '
- (Fonte: Dados da pesquisa)

Quadro 1.1.8 - Consoantes fonéticas da língua Katitãuhlu

Consoantes fonéticas da língua Katitãuhlu						
	Labial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	T			k	ʔ
Oclusiva pós-aspirada					k^h	
Oclusiva pré-glotalizada					ʔk	
Oclusiva pós-glotalizada					kʔ	
Oclusiva não explodida		t				
Oclusiva não explodida						ʔ
Nasal	m	N				
Nasal pré-aspirada		^hn				
Nasal pré-glotalizada		ʔn				
Nasal não explodida		n				
Tap		r				
Tap pré-aspirado		^hr				
Tap pré-glotalizado		ʔr				
Fricativa labiovelar não vozeada		ʌ				
Fricativa		S				H
Fricativa pré-glotalizada		ʔs				
Fricativa não explodida						h
Africada		ts	tʃ			
Glide	w			j		
Glide pós-nasalizado	w^m			jⁿ		
Glide pré-glotalizado	ʔw			ʔj		
Líquida		L				
Líquida pré-aspirada		^hl				
Líquida pré-glotalizada		ʔl				
Implosiva		f d				

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados das consoantes fonéticas demonstram a excentricidade da língua dos Katitãuhlu, de modo que encontramos, em nossas análises, um total de 34 consoantes, conforme demonstrado no quadro apresentado acima.

CAPÍTULO IV

FONOLOGIA DA LÍNGUA DOS ANÛSU DO SARARÉ

Iniciamos este capítulo apresentando os registros dos pesquisadores que trataram dos aspectos fonéticos e fonológicos referentes à família linguística Nambikwara. Então, no que se refere aos aspectos classificatórios da língua Nambikwara, é interessante ressaltar que vários foram os estudos balizadores dessas classificações e que, segundo Neto (2018, p. 93), elas se apresentam da seguinte forma:

Price (1972): 18 variedades pertencentes a 3 grupos (Juruena, Galera/ Guaporé e Sararé); Lowe (1999): 12 variedades sem divisão interna; Kroeker (2001): 11 variedades em 2 grupos (Juruena e Guaporé); Telles & Wetzels (2011): 12 línguas arranjadas em 4 grupos distintos (Manduca, Campo, Guaporé e Sararé).

Na subseção a seguir, dedicamo-nos em registrar a análise fonológica das vogais encontradas em nossas pesquisas, sendo que ressaltamos a necessidade de estudos posteriores , para maior detalhamento dos sons vocálicos.

4.1 Contraste de vogais em ambiente idêntico

As vogais /a/ e /ã/:

[a]	/a/	[ja ² .na ² . ^h lu ¹]	/ja ² .na ² . ^h lu ¹ /	‘onça’
[ã]	/ã/	[ja ² .nã ² . ^h lu ¹]	/ja ² .nã ² . ^h lu ¹ /	‘calango’

As vogais /i/ e /ĩ/:

[i ²]	/i/	[si ² .su ¹]	/si ² .su ¹ /	‘capim’
[i ³]	/ĩ/	[si ³ .su ¹]	/si ³ .su ¹ /	‘formiga’

As vogais /a/ e /u/:

[a]	/a/	[a ³ .lu ³ . ^h kwi ² . ^h ra ²]	/a ³ .lu ³ . ^h kwi ² . ^h ra ² /	‘flecha de bambu’
[u]	/u/	[a ³ .lu ³ . ^h kwi ² . ^h ru ³]	/a ³ .lu ³ . ^h kwi ² . ^h ru ³ /	‘abelha corta cabelo’

As vogais /u^h/ e /i/:

[u]	/u/	[a.ku ^h .su]	/ a.ku ^h .su/	‘testa’
[v]	/i/	[a.ki.su]	/ a.ki.su/	‘pênis ou semente’

As vogais /i/ e /ĩ/:

[i]	/i/	[a.ne.'ki.'su]	/ a.ne.'ki.'su/	‘cabeça’
[ĩ]	/ĩ/	[a.ne.'kĩ.su]	/a.ne.'kĩ.su/	‘cabelo’

As vogais /a/ e /ã/:

[a]	/a/	[a.tu.'la]	/ a.tu.'la/	‘mandando matar’
[ã]	/ã/	[ã.tu.'la]	/ã.tu.'la/	‘mandando plantar’

As vogais /ẽ/ e /ĩ/:

[ẽ]	/ẽ/	[ta.ka.nẽ.su]	/ta.ka.nẽ.su/	‘insetos - família dos grilos’
[ĩ]	/ĩ/	[ta.ka.nĩ.su]	/ta.ka.nĩ.su/	‘areia grossa’

As vogais /ɛ/ e /o/:

[ɛ]	/ɛ/	[jɛ.ki.su]	/ jɛ.ki.su/	‘comida’
[o]	/o/	[jo.ki.su]	/jo.ki.su/	‘especie de árvore frutifera’

As vogais /ĩ/ e /ẽ/:

[ĩ]	/ĩ/	[tĩ. ^h ru]	/ tĩ. ^h ru/	‘espécie de inseto’
[ẽ]	/ẽ/	[tẽ. ^h ru]	/ tẽ. ^h ru/	‘mosca’

As vogais /u/ e /a/:

[u]	/u/	[tu. ^h lu]	/ tu. ^h lu/	‘cutia’
[a]	/a/	[ta. ^h lu]	/ ta. ^h lu/	‘nambu’

4.1.1 Contraste de vogais em ambiente análogo

As vogais /ã/ e /a/:

[ã]	/ã/	[ta ^{2?} .wã ^{2?} j. ² ri ² .'su ¹]	/ta ^{2?} .wã ^{2?} j. ² ri ² .'su ¹ /	‘meu irmão’
[a]	/a/	[ta ² .wa ^{2?} j. ² ri ² .'su ¹]	/ta ² .wa ^{2?} j. ² ri ² .'su ¹ /	‘meu cachorro’

As vogais /e/ e /ẽ/:

[e]	/e/	[a.na.he.ra]	/a.na.he.ra/	‘estava pensando’
[ẽ]	/ẽ/	[na.hẽ.ra]	/na.hẽ.ra/	‘dois escutando’

As vogais /i/ e /i/:

[i]	/i/	[¹ ta ³ .li.su ¹]	/ ¹ ta ³ .li.su ¹ /	‘papagaio pequeno’
[i]	/i/	[¹ ta ³ .li ³ .su ¹]	/ ¹ ta ³ .li ³ .su ¹ /	‘pedra’
[i]	/i/	[¹ ta ³ .li ¹ .su ¹]	/ ¹ ta ³ .li ¹ .su ¹ /	‘ema’

As vogais /u/ e /ũ/:

[u]	/u/	[a ² .lu ³ .ki ² .su ³]	/a ² .lu ³ .ki ² .su ³ /	‘cajá’
[ũ]	/ũ/	[a.lũ ³ .ki ² .su]	/a.lũ ³ .ki ² .su/	‘bocaiuva’
[u]	/u/	[a ³ .lu.su ³]	/a ³ .lu.su ³ /	‘árvore de cajá’
[ũ]	/ũ/	[a ³ .lũ ² .su ³]	/a ³ .lũ ² .su ³ /	‘anta’

As vogais /ã/ e /a/:

[ã]	/ã/	[ta ² .wã ² j. ² ri ² .su ¹]	/ta ² .wã ² j. ² ri ² .su ¹ /	‘meu irmão’
[a]	/a/	[ta ² .wa ² j. ² ri ² .su ¹]	/ta ² .wa ² j. ² ri ² .su ¹ /	‘meu cachorro’

As vogais /e/ e /ẽ/:

[e]	/e/	[a.na.he.ra]	/a.na.he.ra/	‘estava pensando’
[ẽ]	/ẽ/	[na.hẽ.ra]	/na.hẽ.ra/	‘dois escutando’

As vogais /ẽ/ e /e/:

[ẽ]	/ẽ/	[a. [?] nẽ.ki.'su]	/a. [?] nẽ.ki.'su/	‘coxa’
[e]	/e/	[a.ne.ki.'su]	/a.ne.ki.'su/	‘cabeça’

As vogais /ũ/ e /u/:

[ũ]	/ũ/	[a.lũ.ki.su]	/a.lũ.ki.su/	‘bocaiuva’
[u]	/u/	[a. [?] lu.ki.su]	/a. [?] lu.ki.su/	‘cajá’

Quadro 1.1.9 - Vogais fonéticas da língua falada no Sararé									
	oral	Oral prolongada	nasal	nasal pós-aspirada	Nasal prolongada	laringal	Laringal prolongada	Laringal nasal	Laringal nasal prolongada
anterior alta	i ¹ i ² i ³ i ⁴		ĩ ¹ ĩ ² ĩ ³	ĩ ^{2h}				ĩ ¹ ĩ ³	ĩ ¹ : ĩ ³ :
anterior média alta	e ² e ³ e ⁴		ẽ ¹ ẽ ³ ẽ ³		ẽ ³ :	ẽ ³	ẽ ² :	ẽ ³	
central baixa	a ¹ a ² a ³ a ⁴ Λ ⁴	a ² : a ³ :	ã ¹ ã ² ã ³ ã ⁴			ã ¹ ã ² ã ³ ã ⁴		ã ² ã ³	
posterior alta	u ¹ u ² u ³ u ⁴		ũ ³ ũ ⁴		ũ ¹ : ũ ² :	ũ ¹ ũ ³ ũ ⁴		ũ ³	ũ ¹ :
posterior média alta	o ² o ³								

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dessa forma, conforme o quadro apresentado, as vogais fonológicas totalizaram 54, sendo, entre elas, 18 orais, sendo 02 orais prolongadas; 24 nasais, sendo 3 nasais prolongadas, 8 laringais, 6 laringais nasais, 3 laringais nasais prolongadas e 1 laringal prolongada.

4.2 Contraste de consoantes em ambiente idêntico

Nesta subseção, e nas próximas, apresentamos possibilidades fonológicas dos sons consonantais da língua Katitãuhlu, e também ressaltamos a necessidade de estudos posteriores, para maior detalhamento dos referidos sons.

As consoantes /l/ e /n/:

[l]	/l/	[a ² .lũ ³ :.su ²]	/a ² .lũ ³ :.su ² /	‘anta’
[n]	/n/	[a ² .nũ ² :.su ²]	/a ² .nũ ² .su ² /	‘pessoa indígena’

As consoantes /jⁿ/ e /j/:

[j ⁿ]	/j ⁿ /	[kwa.lêj ⁿ .su ¹]	/kwa.lêj ³ⁿ .su ¹ /	‘tartaruga’
[j]	/j/	[kwa ² .lê ³ j.su ¹]	/kwa ² .lê ³ j.su ¹ /	‘aranha’

As consoantes /n/ e /^ʔn/:

[n]	/n/	[a ² .nũ ^{1ʔ} .ki ³ .su ¹]	/a ² .nũ ^{1ʔ} .ki ³ .su ¹ /	‘peito’
[^ʔ n]	/ ^ʔ n/	[a ² . ^ʔ nũ ¹ .ki ³ .su ¹]	/a ² . ^ʔ nũ ¹ .ki ³ .su ¹ /	‘braço’

As consoantes /t/ e /k/:

[t]	/t/	[a ² .nẽ ³ .ta ³ .su ¹]	/a ² .nẽ ³ .ta ³ .su ¹ /	‘branco’
[k]	/k/	[a ² .nẽ ³ .ka ³ .su ¹]	/a ² .nẽ ³ .ka ³ .su ¹ /	‘corpo cilindro grosso’

As consoantes /ʔ/ e /h/:

[ʔ]	/ʔ/	[te ³ .ʔa ³ .nẽ ²]	/te ³ .ʔa ³ .nẽ ² /	‘este(falar p/ mulher)’
[h]	/h/	[te ³ .ha ² .nẽ ¹]	/te ³ .ha ² .nẽ ¹ /	‘trazer(falar p/ mulher)’

As consoantes /^hr/ e /s/:

[^h r]	/ ^h r/	[he ^{1j} . ^h ru ²]	/he ^{1j} . ^h ru ² /	‘buriti’
[s]	/s/	[he ^{3j} .su ²]	/he ^{3j} .su ² /	‘fuligem’

As consoantes /^ʔw/ e /s/:

[^ʔ w]	/ ^ʔ w/	[^ʔ wi. ^ʔ wẽ.tu.la]	/ ^ʔ wi. ^ʔ wẽ.tu.la/	‘pode entra’
[s]	/s/	[^ʔ wi.sẽ ^ʔ .tu.la]	/ ^ʔ wi.sẽ ^ʔ .tu.la/	‘pedir para acalmar’
[s]	/s/	[asẽ. ^h lu]	/asẽ. ^h lu/	‘de repente aparece’
[w]	/w/	[awẽ. ^h lu]	/awẽ. ^h lu/	‘pele’

As consoantes /^hn/ e /n/:

[^h n]	/ ^h n/	[wi. ^h nẽ]	/wi. ^h nẽ/	‘está bom?’
[n]	/n/	[wi.nẽ]	/wi.nẽ/	‘pai’

4.2.1 Contraste de consoantes em ambiente análogo

As consoantes /m/ e /t/:

[m]	/m/	[ma.li.su]	/ma.li.su/	‘picapau pequeno’
[t]	/t/	[ta ^ʔ .li.su]	/ta ^ʔ .li.su/	‘papagaio de pescoço’

As consoantes /^ʔw/ e /n/:

[^ʔ w]	/ ^ʔ w/	[sa. ^ʔ wẽj.ki.su]	/sa. ^ʔ wẽj.ki.su/	‘tanajura’
[n]	/n/	[sa.nẽj.ki.su]	/sa.nẽj.ki.su/	‘tucum’

As consoantes /j/ /t/ e /k/:

[ŋ]	/ŋ/	[jũ.su]	/jũ.su/	‘carrapato’
[t]	/t/	[tũ.su]	/tũ.su/	‘besouro carregador de fezes’
[k]	/k/	[kũ ⁿ .su]	/kũ ⁿ .su/	‘planta de algodão’

4.2.2 Distribuição complementar das consoantes

Os registos abaixo pretendem revelar os sons consonantais que alteram sentido, os fonemas, e os sons consonantais que não alteram sentido, os alofones.

/m/	Só ocorre em posição de <i>Coda</i> silábica.	N.D.A
[m]	0	x
[m̥]	X	0

/k/	Só ocorre em posição de Onset silábico.	N.D.A
[k]	0	x
[kʰ]	X	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 - Consoantes fonológicas da língua Katitãuhlu

	Labial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva		T			k	ʔ
Oclusiva pós-aspirada					kʰ	
Oclusiva pré-glotalizada					ʔk	
Oclusiva pós-glotalizada					kʔ	
Oclusiva não explodida		t				
Oclusiva não explodida						ʔ
Nasal		N				
Nasal pré-aspirada		ʰn				
Nasal pré-glotalizada		ʔn				
Pós nasal		n				
Tap		r				
Tap pré-aspirado		ʰr				
Tap pré-glotalizado		ʔr				
Fricativa		s				H
Fricativa pré-glotalizada		ʔs				
Fricativa						h
Fricativa labiovelar não vozeada	ʙ					
Africada		ts	tʃ			
Glide	ɰ			j		
Glide pós-nasalizado	ɰᵐ			jⁿ		
Glide pré-glotalizado	ʔɰ			ʔj		
Líquida		l				
Líquida pré-aspirada		ʰl				
Líquida pré-glotalizada		ʔl				
Implosiva		f d				

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os registros, portanto, nos mostraram a existência de 32 consoantes fonológicas. No entanto, entendemos que as análises carecem de maiores pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência com os *anĩsu* do Sararé nos levaram a apresentar no PPGL da Unemat de Cáceres a proposta de desenvolvermos uma pesquisa que evidenciasse os aspectos fonológicos peculiares da língua falada pelos Nambikwara Katitãuhlu da Terra Indígena Sararé. Tal anseio ocorreu por causa da necessidade de auxiliar no processo de construção da língua escrita do referido povo no Município de Conquista D'Oeste em Mato Grosso.

Diante disso, vale destacar que, durante todos esses anos, desde as primeiras chuvas de 1998, os *anĩsu* Katitãuhlu nos acolheram, nos protegeram e, de modo cada vez mais intenso, nos envolveram em seu tão complexo universo. Assim, contribuir com estudos que possibilitem melhorias na vida desse povo é um compromisso recíproco, que se estabeleceu nesse relacionamento que permitiu que criássemos vínculos de reciprocidade.

Na medida em que nos empenhamos em dar suporte aos trabalhos escolares no final da década de 1990 e no início da década de 2000, minha esposa Rita Beck e eu nos vimos diante dos desafios com os usos orais e escritos da língua ancestral. Naqueles anos, tivemos apoio do linguista Kroeker, que nos ajudou, com os conhecimentos da morfologia e da fonologia Kithãuhlu, e que, pela acentuada semelhança linguística, contribuiu para avançarmos na caminhada que possibilitou os estudos da língua Katitãuhlu. Além disso, as comunidades *anĩsu* nos incentivaram - e nos incentivam - a mantermos o empenho em favor da construção de conhecimentos da língua e da cultura geral Nambikwara. Não é à toa que levar adiante um projeto que visa registrar, cientificamente, análises da língua do povo Katitãuhlu se mostrou um tremendo desafio.

Uma vez inseridos no mundo acadêmico, nos deparamos com as teorias linguísticas que nos deram e nos dão condições para as inconclusas reflexões que vamos expondo e que nos dão certeza da complexidade que compõe o encantador campo linguístico Nambikwara. Além das contribuições de Kroeker, temos outros estudos significativos, como de Price, que há tanto tempo confirma a ocorrência de um fone, em função da articulação necessária para possibilitar a junção ou união de um som com outro. Nesse caso, de uma sílaba com outra, e ainda hoje, por falta desses conhecimentos, são geradas escritas equivocadas nesta língua. Reforçamos, então, aqui o exemplo da palavra [tu²ⁿ.tsu¹]~[tu²ⁿ.ʃu¹] tunsu, sapo em língua portuguesa, em que ocorre [-tsu¹] ou [-ʃu¹] na sílaba final resultante da articulação com a sílaba anterior pós

nasalizada. É o que exemplificou Price (1978, p.15) com a palavra peixe: "Such is the case with Aiutchú, which should have been Aintchú, for ain^3su^2 fish", que é encontrada de forma idêntica na língua Katitãuhlu.

Em nossa análise, observamos, por meio dos nossos dados, que a língua dos Katitãuhlu sofreu nítida influência, principalmente no aspecto singular de tonalidade, o que possibilito u-nos perceber a necessidade de pesquisas futuras. Tais influências podem estar ocorrendo devido ao contato intenso com a língua Portuguesa, com a língua Pareci, e/ou através das interações entre os remanescentes que passaram a habitar no mesmo território desde a década de 70. Destacamos, também, a nasalização da vogal central alta [ĩ] na palavra /sĩh.su/, casa em português. Durante a primeira década do nosso contato, 1998-2008, por exemplo, essa vogal era central alta [i] na palavra /sih.su/. Identificamos, aqui, a ocorrência de um processo de "rinoglotalia" (QUINTINO, 2012, p. 177), ou seja, de nasalização numa fronteira de ponto e modo fonador que articula na primeira sílaba uma aspiração em coda. Além disso, pode ser mencionado que a palavra nominativa *sĩhsu* [sĩh.su], na década de 2000, se realizava sem evidenciar qualquer nasalidade.

Contudo este estudo evidencia que a língua Katitãuhlu continua com seus aspectos singulares de nasalidade, glotalidade, laringalidade e tonalidade bem acentuados. Salientamos que, apesar de percebermos certa flexibilidade no uso dos tons, a tonalidade é um elemento distintivo de significado na língua *anũa* Katitãuhlu. Identificamos quatro tons que podem ocorrer em todas as vogais: tom alto (indicado com o algarismo 4 sobrescrito), tom baixo ou grave (indicado com o algarismo 3 sobrescrito), tom crescente (indicado com o algarismo 2 sobrescrito) e tom decrescente (indicado com o algarismo 1 sobrescrito). O tom alto não foi encontrado na vogal posterior média alta [o]. Em análise preliminar é possível supor a existência de 34 consoantes fonéticas e 53 vogais fonéticas.

O pesquisador Almeida-Neto (2004, p.89-90) comentou a existência, juntos aos Katitãuhlu, de povos remanescentes, sendo os "*Kwalitsu* – povo da região entre Pontes-Lacerda e Vila Bela; *Yanaliritesu* – um povo vizinho situado entre as cabeceiras do Sararé e Galera; *Nutantesu* – povo do alto Sararé ao córrego dos Bugres; *Waihatesu* – povo da cachoeira". Somam-se a isso os relatos que ouvimos e registramos entre os Katitãuhlu, que confirmam a presença desses remanescentes, conforme o indígena relata: "*Tem algum aqui na nossa aldeia que é de outro povo, língua dele é diferente, você viu?* " (AK, 2022, grifo nosso).

Outro fator importante é que é possível inferir existência de outras línguas no meio dos Katitãuhlu e que, nos últimos dez anos, ocorreram casamentos de mulheres e de homens Katitãuhlu com membros dos povos Negarotê, Mamaindê, Wasusu, e até mesmo um caso de uma Katitãuhlu casada com um Pareci. Esse fenômeno não ocorria já que “[a]ntigamente havia uma rivalidade entre alguns desses grupos, e inclusive não se uniam através do casamento” (COSTA, 2000, p. 33).

Este tempo de estudos deixou muito evidente que tal campo linguístico, dos Katitãuhlu, é vasto e exige novas pesquisas. Entendemos, portanto, que os estudos da língua dos Katitãuhlu remeteram à possível presença de outras línguas inseridas no território dos Katitãuhlu. Tal presença pode estar se manifestando quando presenciemos conflitos envolvendo o uso de termos nominativos no cotidiano ou em ambiente escolar. Some-se a isso o fato de que tal tema já é objeto de novas e tão necessárias pesquisas.

Assim sendo, considerando a necessidade de ampliar as pesquisas, compreendemos que os estudos apresentados até aqui trazem contribuições para o fortalecimento da cultura dos *anãsu* Katitãuhlu, os Nambikwara do Sararé.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, Prudente et.al. **Prosararé-projeto de gestão territorial e de economia e Etnoambiental na Terra Indígena Sararé**. Cuiabá: FUNAI, 2001, p. 5-10.

BORELA, Cristina de Cássia. Aspectos da morfologia verbal da língua Sararé. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (Orgs.) **Línguas indígenas brasileiras: Fonologia, gramática e história**. Belém: EDUFPA, 2022.

BRAGA, Ana G. M. **Fonologia segmental Lakondê (Família Nambikwára)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

CARELLI, Vincent et.al. **Mão branca contra o povo cinza: Vamos matar este índio?** Brasília : Brasil Debates; Centro de trabalho indigenista, 1990.

COSTA, Anna Maria R. F. M. da. **O homem algodão: uma etno-história Nambiquara**. Cuiabá: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2009.

FIORINE, Marcelo O. **Embodied Names: Construing Nambiquara personhood through naming practices**. New York: New York University, 1997.

KROEKER, Menno H. **Gramática descritiva da língua Nambikuara**. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística, 2003.

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MAROLDI, Alexandre Masson. **Estudos bibliométricos sobre educação indígena: frente de pesquisa, vida média e obsolescência da literatura citada em teses e dissertações**. São Carlos : UFSCar, 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NETTO, Luiz Antonio de Sousa. **Fonologia do grupo Nambikwára do Campo** (Nambikwára do Sul). Recife: EDUFPE, 2018.

OLIVEIRA, Alex Feitosa. **Línguas Conviventes: Aspectos Sociolinguísticos na Aldeia Três Jacus – comunidade Wakalitesu/Nambikwara**. Cuiabá: UFMT, 2018.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi Marques. **Relatório antropológico complementar dos impactos socioambientais do projeto São Francisco, atual Serra da borda mineração e metalurgia, sobre os katitauru das terras indígenas Sararé e Paukalirajausu, em Mato Grosso**. Dourados: UFGD, 2009.

PIKE, Kenneth. **Phonemics a Technique for Reducing to Writing**. Ann Arbor. Michigan: The University of Michigan Press, 1947.

PIKE, Kenneth. **Phonetics a Critical Account of Phonetic Theory and a Technique for the Practical Description of Sounds**. Ann Arbor. Michigan: The University of Michigan Press, 1943.

PRICE, Paul David. *Before the bulldozer: The Nambiquara indians & the World Bank*. Washington: Seven Locks Press, 1989.

PRICE, Paul David. The Nambiquara linguistic family. **Anthropological. Linguist**, 20 v. 1, p. 14-37, 1978.

REESINK, E. B. Nomes e destinos: Etnohistórias Sararé. **Revista de Estudos em Relações Interétnicas, [S. l.]**, v. 7, n. 2, p. 1–10, 2014.

SANTANA, Áurea Cavalcante; NAMBIKWARA, Vanessa Sawana Yalikawaindalos su; NAMBIKWARA, Natanael Sawetesu. Observações fonéticas e fonológicas sobre as vogais na língua Wakalitesu. **R. Articul. Const. saber**, v. 5, p. 1-18, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Sivaldo Correia da. **Uma gramática descritiva do Nambikwara do Campo (Nambikwara do Sul)**. Recife: UFPE, 2021.

SOUZA, Rafael Lemos de; OLIVEIRA, Souza Jorge Eremites de. Etnoarqueologia e processo de territorialização entre os indígenas Wasusu do vale do Rio Guaporé, estado de Mato Grosso, Brasil. *Tellus*, ano 19, n. 39, p. 105-138, maio/ago. 2019.